



REVISTA LITERALIVRE[©]

ISSN 2595-363X

Distribuição Gratuita

Vol. 02 nº 11 - Set/Out. de 2018

Literatura com Liberdade



ISSN 2595-363X

Volume 2, número 11 - Set/Out. de 2018

- ISSN 2595-363X

Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/comoparticipar>

Contato: revistaliteralive@yahoo.com

Página do Facebook:
<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo. Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição online.

Direitos Autorais:

Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de “fair use” da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



Edições (atual e anteriores):
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/numeros>

© Todos os direitos reservados



EDITORIAL

Olá pessoal, estou aqui novamente trazendo mais uma edição da Revista LiteraLivre.

Nesta edição temos o lançamento do e-book gratuito "*A Arte do Terror – vol. 5 – A Arte da Guerra*", uma convocatória gratuita e "*florida*" da "*Elemental Editoração*" e o destaque para os dois volumes de um e-book muito especial, o "*Cicatrizes na Alma*", onde vários autores(também estou participando) se reuniram para ajudar a combater o suicídio, um trabalho bonito e importante; além de muita, mais muita literatura de qualidade.

Antes de finalizar, quero dar um recadinho: muitos autores têm ficado de fora da seleção por não seguirem corretamente nosso regulamento, então resolvemos incluir no site um modelo para o envio de textos, este modelo será obrigatório a partir da 13ª edição; vocês também podem encontrá-lo no final da revista, fiquem atentos.

E como não poderia deixar de ser, quero agradecer aos autores e leitores que nos ajudam a divulgar a Literatura com Liberdade!!

Abrços poéticos!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

A stylized, handwritten signature in black ink, consisting of a large 'A' followed by a horizontal line and a cursive 'R'.

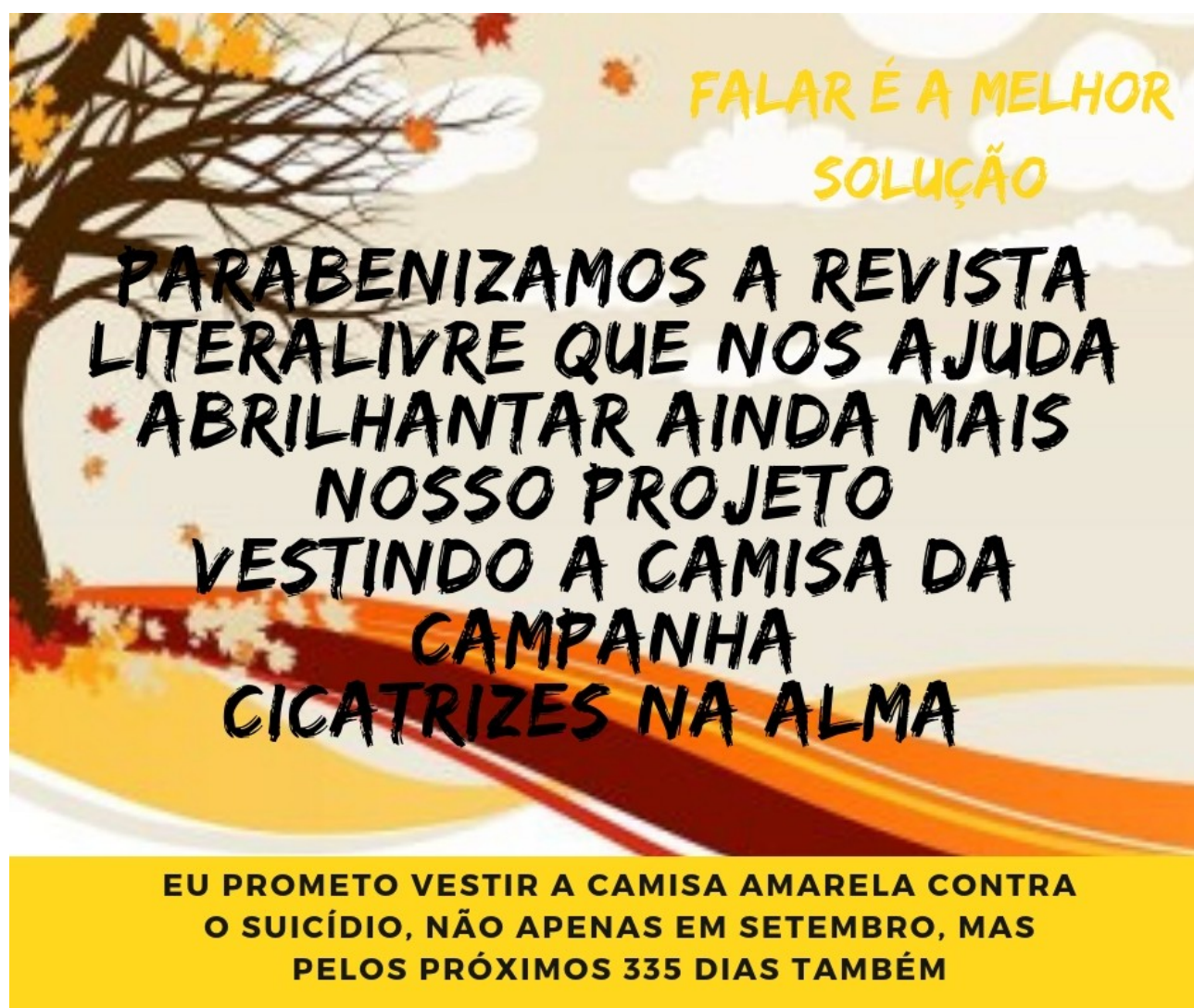
Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Margarida(foto).....	1
Coluna CULTÍssimo.....	2
A Árvore.....	6
A Casa.....	7
A Escolha.....	8
A Mala.....	10
A Mulher Invisível.....	12
A Persistência da Memória.....	14
A tarefa de viver é dura, mas fascinante.....	15
Além do Limite.....	17
Arte Final.....	22
Artista do Mês.....	23
As Noites de Janeiro.....	25
Bálsamo.....	26
Batizado Tardio.....	27
Benquerença.....	29
Cajueiro da Jureia.....	30
Cantos.....	31
Causa mortis: saudade.....	33
Chamada Para Um Morto.....	34
Chibata e a Boneca de Brinquedo.....	36
Cidades, Habitações e Censo.....	38
Conto de Fadas Moderno.....	39
Cores Proibidas.....	42
Da matéria: a origem e o fim.....	46
Daltonismo.....	47
Demônio Noturno.....	51
Do Abismo Sócio cultural Brasileiro.....	52
Do porto ao Tibete.....	54
Dois Microcontos em Tempos de Eleições.....	55
Dormir.....	56
Dulce, Aquela.....	57
Ela.....	59
Elos.....	60
Emoções.....	62
Entre Elas.....	63
Estado Islâmico.....	64
Estamos em Luto.....	65
Eu Juro Que Amo Brócolis.....	67
Eu sei de tudo!.....	68
Eu Sou Palhaço!.....	70
Fado.....	72
Filhos da Terra.....	73
Fogo Ardente.....	74
Gosto.....	75
Grito.....	76
Guardiões do Hades.....	79
Haikai Engraçadinho.....	83
Hora Morta.....	85
Ingenuidade.....	87

Juvenal e o Entregador de Pães.....	88
Máscaras e Vidas.....	93
Mente Vazia é a Oficina da Solidão.....	95
Metamorfose.....	96
Meu Peito.....	97
Minha garota.....	98
Mulher.....	100
Não Sou JOANA, Sou M-A-R-I-A.....	101
Não(,) era pessoal.....	104
Ninho.....	107
No Canto da Boca.....	108
Nunca terá um nome.....	109
O Dia do Altar.....	110
O Espelho e o Tempo.....	111
O Furto do Relógio.....	113
O jardim de Ana.....	115
O Libriano e a Aquariana.....	117
O Matemático.....	119
O Sádico.....	122
O Senhor e a Flor.....	125
O Sonhador.....	127
Olhos Vermelhos.....	128
Os Pés De Djamila.....	130
Ouças os Acordes de Cada Ocasão.....	133
Páginas Amarelas.....	134
Paixão, volúpia insana.....	135
Poemas Eróticos.....	136
Por Onde Andas?.....	137
Recomeçar.....	138
Revoada do Caboclo.....	139
São Fulano, Santo Padroeiro Das Coisas.....	141
Sem Destinatário.....	144
Sem Resposta.....	146
Sentimentos Expressos.....	147
Seu Doutor.....	149
Sobre mães e filhos.....	150
Sobre o Cigarro e o Esquecimento.....	151
Sobre o que se cala.....	152
Sofro de Fado.....	154
Soneto felino.....	155
Sorte Grande.....	156
Tatuando.....	157
Três Gumes.....	158
Um Retrato Fidedigno da Vida de Inocente João Loureiro.....	159
Uma Noite em Macau.....	166
Umidade Relativa.....	170
Vírus.....	173
Vivos e Mortos.....	175

www.solidao.com.br.....	176
Lançamento da Antologia “A Arte do Terror – vl 5”	178
Chamada para seleção da coletânea: As Flores do Meu Jardim.....	179
Cicatrices na alma – várias vozes contra o suicídio.....	180
LiteraAmigos.....	181
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....	186





Margarida(foto)



Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

Apoiem o projeto "Exposição Fotográfica Visões do Autismo" no catarse:

https://thinkolga.catarse.me/exposicao_fotografica_visoes_do_autismo



Coluna CULTíssimo

Nina – Crime e Castigo com tempero brasileiro

Um dia, um roteirista brasileiro, estava de cama, ardendo em febre, quando teve a ideia de adaptar um livro clássico e fazer o seu primeiro filme, assim nasceu “Nina”, um grande cult brasileiro.

Heitor Dhalia foi apresentado aos livros clássicos pelo seu avô e afirma que assim que leu “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), nunca mais conseguiu se desprender do livro, nem de seus personagens. Mas ao pensar em criar um filme baseado em “Crime e Castigo”, ele não pretendia fazer uma simples adaptação do livro, ele queria “recriar” e “modernizar” o clássico dostoievskiano.

E conseguiu.

“Nina” (1994), é um filme que mescla vários gêneros distintos, não se prendendo ao drama; temos “pitadas” bem dosadas de horror, suspense e comédia, sem perder o clima sufocante da história.

A jovem Nina (Guta Stresser), aluga um quarto na casa de Dona Eulália (Myriam Muniz), uma mulher





rabugenta e mesquinha, que sente prazer na fragilidade emocional de sua inquilina e quer exercer poder sobre ela. Nina e Eulália vivem um intenso confronto psicológico, algo que poderia acontecer na família ou no trabalho, típico dos problemas pós-modernos, mas que na mente perturbada de Nina culminará num ato extremo.



O espectador acompanha de perto a decadência física e mental da personagem e a crueza da metrópole paulistana. Ela trabalha como garçonne (e odeia), sentindo-se livre somente nas festas eletrônicas que frequenta e em seu quarto, onde cria desenhos cheios de simbolismo e elementos que vão se transformando gradativamente em ilusões. Conforme ela mergulha na miséria e no vício, o desespero e a

loucura vão tomando conta e sem querer, acabamos nos tornando cúmplices de seus delírios violentos. Tudo isso com o toque psicológico, filosófico e sombrio de "Crime e Castigo"; o filme é cheio de referências sutis ao livro, só que com mais poesia e elementos surreais e contemporâneos.

O cenário do longa, foi todo criado com materiais adquiridos em demolições, para ilustrar a decadência e a passagem do tempo; o filme possui fotografia e direção de arte perfeitas, ambientando o submundo paulistano com becos escuros, viciados, prostitutas e ruas sujas, um ambiente sem esperança. A trilha sonora se mostra arrasadora, indo de sensual, a angustiante.



Guta Stresser(Nina), comumente vista em papéis humorísticos, constrói



uma personagem firme, convincente, com atuação impecável e Myriam Muniz em seu último trabalho(ela faleceu no ano do lançamento do filme), grande nome do teatro e do cinema, entrega uma Eulália perfeita, suas expressões indo de cômicas a assustadoras, amparadas pelo tom de voz irritante. Além desta dupla incrível o longa é recheado de participações especiais, vemos Selton Mello, Lázaro Ramos, Wagner Moura(numa cena memorável), Milhem Cortaz(safado), Matheus Nachtergaele, Ailton Graça, Guilherme Weber e Renata Sorrah, em aparições sorrateiras, nunca sombreando a personagem principal.



Heitor Dhalia (também diretor do alucinante “O Cheiro do Ralo”), conseguiu, em parceria com *Marçal Aquino* (roteirista), criar uma obra

original e totalmente fora dos padrões novelísticos da maioria dos filmes nacionais, mostrando novas possibilidades para as obras cinematográficas brasileiras, com uma obra crua e ousada, que fez o diretor ser comparado a David Lynch.

Nina é um filme imperdível, complexo, delirante, mas, ao mesmo tempo, de composição simples e intimista, uma verdadeira obra de arte que merece ser vista, apreciada e analisada. Uma ótima oportunidade de conhecer um lado mais artístico e lírico do cinema brasileiro.

Obrigada e até a próxima!!





Sinopse: *Nina* – 2004 – Brasil - Nina (Guta Stresser) é uma jovem de sensibilidade agudíssima e mente fragilizada, que procura meios de sobrevivência numa metrópole desumana. A proprietária do apartamento onde mora, Dona Eulália (Myriam Muniz), uma velha mesquinha e exploradora, parece ter prazer em esmagar a vontade da sua inquilina exaurida. Em meio aos desenhos que faz em toda a parte e vivendo a agitada cena eletrônica de São Paulo, Nina mergulha nos fantasmas de seu inconsciente até acabar envolvida em um crime.

Direção: Heitor Dhalia

Gênero: Drama

Classificação: 16 anos



Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>



A Árvore

Magali Guimarães
Brasília/DF

Ela nasceu ali,
onde ninguém queria ter nascido:
no cemitério.

Cresceu sentindo o cheiro ocre da morte
e, irrigada com lágrimas,
expandiu aos poucos sua copa.

Para ela,
a vida era morte,
todo canto era súplica,
todo abraço era dor...





A Casa

Carmo Bráz de Oliveira

Foz do Iguaçu/PR

Nem sempre fora assim. A nova casa, moderna, que agora impunha respeito era uma antiga e aconchegante casinha, parte de tijolos, outra de madeira, separadas por uma simples escada de concreto, pintada de vermelho, de apenas três degraus. Estes levavam até a cozinha, onde um velho fogão a lenha acompanhava outras peças em igual condição, conduzindo quem a visitava a um espaço do início do século.

Do fogão saíam os melhores quitutes, doces, salgados, nos almoços, jantares e cafés, sempre temperados com o sincero e aconchegante amor de mãe, avó e "bisa". Após as refeições, nos reuníamos para um gostoso bate papo ou simplesmente descansávamos à refrescante sombra de frondosas árvores frutíferas, cujas copas se entrelaçavam, em antigas e rústicas espreguiçadeiras e, por vezes, colhíamos e desfrutávamos de deliciosas e frescas goiabas, tangerinas e laranjas-lima, diretas do pé, com um simples esticar de braços.

Crianças, brincávamos de esconde-esconde, futebol, líamos histórias de heróis em lindos e ilustrados livros de contos trazidos pelos mais velhos, ou encontrados em um pequeno baú cor ébano, abandonado no canto de um quarto vazio. Ouvíamos as histórias da "vó Tonha", de lutas, alegrias e tristezas, mas de muita valia e ensinamento para nós.

Estas felicidades perduraram anos, perpassando por nossa adolescência, chegando até nossa vida adulta. As histórias, antes variadas e encantadoras, ficaram escassas, repetidas e prendiam a atenção de poucos que ainda visitavam a querida avó em sua velha casa. Do alto de seus noventa anos dizia querer morrer como um passarinho, sem "amolar" ninguém. Combalida e enfraquecida pela enfermidade e o peso da idade, foi silenciando até calar-se definitivamente em uma fria noite. Despediu-se a "vó Tonha", foram-se histórias, brincadeiras e descansos e, com a reforma, foi-se a antiga e aconchegante casinha. Sem árvores frutíferas ou espreguiçadeiras, o espaço do terreno onde estavam, encerrava apenas uma nova e moderna casa, que impunha respeito aos caminhanes.





A Escolha

Waleska Barbosa

Brasília/DF

Aconteceu quando contava uns 13, 14 anos. Décadas depois, a história subia à memória. Aproveitando a visita da mãe, agora uma simpática idosa, boa na arte de fazer bolos e outras guloseimas, resolveu compartilhar o caso. Era como uma prova de que tudo tinha valido a pena. Dessas que só a chegada do futuro pode apresentar.

Naquela época, nas ruralidades do sul do país, havia liberdade para os infantes. Por isso, estranhou dar de cara com o pai na saída da escola. A raridade da cena fazia com que se parecesse com alguma tragédia iminente. A descoberta de algum segredo. Traquinagem. Qualquer coisa que nem sabia, mas imaginava que o envolvia. Tão intrigante que era a figura paterna estar ali àquela altura do dia. O pai guardou as palavras. Abusou dos gestos. Tocou-lhe como se fora cabeça de gado, até o banco do velho jipe. Apontou o assento. Fechou a porta. Arrancou com tudo. No percurso, apenas os sons do motor e da luta dos pneus contra os obstáculos da estrada de terra. Como a intensificar o clima de mistério, a poeira que tomava conta dos arredores dava pinta de ser bruma em filme de terror. Gelo selo em show de rock.

Findo o caminho, foi convidado a trocar de roupa. Substituir o uniforme por dupla simples e surrada de short e blusa. Trajes “de casa”, como se dizia na época. Já no terreiro, recebeu nova missão. Procurar uma enxada no galpão construído com palha e madeira. E, em posse dela, cuidar do espaço agora demarcado. Uma espécie de quadrado ou retângulo, nem muito grande, nem muito pequeno, onde seria o encarregado a partir daquele momento, de fazer um plantio de milho, o que envolvia todas as etapas que levariam uma semente a virar espiga no ponto de ser colhida.

As primeiras palavras desde que fora apanhado na escola davam conta que a lavoura era item obrigatório nas atividades domésticas dali em diante. Era a



opção. A outra. A segunda. A única. A última. Para quem desistia dos estudos. Pegar ou largar.

Oportunidade para o adolescente, deslumbrado com a chegada de idade tão boa para abandonar as obrigações, experimentar o que seria mais prazeroso. Terra ou caderno. Lápis ou enxada. Calo ou maciez. Zona rural ou urbana. Um futuro diferente. Ou seguir os passos do patriarca na lida com a agricultura de subsistência.

Foi por esse tira-teima que chegou no próximo semestre exibindo um boletim tão verde quanto seria o milho que não terminou de plantar. Foi fácil saber que mesmo apoquentando seus botões, saber de palavras e números, histórias e geografias, combinava bem mais com seu estilo do que cuidar da plantação.

Estava dada a largada para o aprendizado que viria a consolidar como seu ganha-pão. O ofício de fotografar. Uma imagem vale mais. Vale muito. Entendeu. Jamais esqueceria o semblante do pai ao transmitir aquele ensinamento decisivo. Silencioso. Valeu mais do que mil palavras.

www.umpordiawb.com.br





A Mala

Fernando Neneve

Cascavel/PR

Sob o sol forte do deserto um viajante solitário carregava nos braços tudo o que tinha - e não era muito, para dizer a verdade: eram dores do passado, eram cicatrizes. Algumas lágrimas, aqui e ali, e muitas decepções. Estas eram frutos das expectativas desse pobre andarilho quanto às pessoas, quanto a ele mesmo – quanto maior é o que se espera e se busca, maior é a frustração quando não se obtém o objeto do desejo: ele era seu próprio antagonista, sabia disso e eram essas as correntes invisíveis que prendiam-no à areia movediça da desilusão.

À medida que vagava por terras desoladas, os campos devastados de seu coração pareciam, cada vez mais, incapazes de fazer germinar quaisquer que fossem os sentimentos: não havia esperança em seu jardim, nem amor próprio ou felicidade. As feridas que trazia abriam-se, de quando em quando, principalmente se ele se punha a questionar como fora parar ali. Não tinha respostas para as próprias perguntas e, ao invés de buscá-las em outrem, sufocava-as em seu próprio peito. Desistiu do amor, desistiu de si mesmo: não desistiu da vida porque era fraco – e, ainda bem, aprendeu mais tarde a agradecer por isso.

Quando o solo se tornou pedregoso e sua jornada começou a ferir seus pés também, ele sentou-se e aguardou. Aguardou que alguém salvasse sua alma e levasse seu corpo, aguardou que um milagre acontecesse... aguardou o arrebatamento, embora soubesse que não era digno dele. Desistiu de aguardar, enfim, desistiu de desistir: não pensou que tivesse forças para continuar, mas deu um passo a mais do que poderia querer ou imaginar e deu um próximo depois deste.

Sob a sombra dos galhos mortos de uma altiva árvore de outrora ele encontrou uma velha e surrada mala de couro, esquecida por alguém e pelo tempo: lá estava esperando pelo viajante solitário. A mala também tinha sinais de luta, com certeza sua peregrinação não foi menos conturbada que a dele. Ele, depois de muito relutar, depositou nela seus pesadelos, seus medos, suas dores, suas cicatrizes, suas feridas ainda abertas... depositou-se ali com todo o zelo e, com ela sob seu braço, inspirou com confiança e aspirou a um futuro diferente.

As estéreis areias do deserto ficaram para trás, o terreno pedregoso e o ambiente desconfortável das florestas mortas também. Encontrava-se, agora, perdido em pensamentos e terras férteis. Animou-se quando ouviu o som da chuva caindo, amou-se quando as lágrimas das nuvens lavaram o pó de suas



angústias e limpavam o sangue seco das feridas de seu coração. A chuva silenciou-se quando ele, seguindo em frente, encontrou uma cachoeira e um pequeno rio para se banhar.

Pôs a mala sob uma rocha, protegendo-a da chuva e do frio, e tomou um belo e demorado banho nas gélidas e verdes águas que brotavam em um lugar não tão distante. Lavou suas roupas também, da melhor forma que pôde: o frio não o incomodava. Pescou com as mãos e, com muito empenho, obteve um ou dois peixinhos que assou em uma fogueira que eu não saberia dizer como ele conseguiu acender.

Antes de dormir, e satisfeito com como a vida pôde surpreendê-lo tanto em tão pouco tempo, ele resolve abrir a mala para ver como estavam seus pertences: esta, porém, estava vazia – nada mais havia em seu interior. Todos os seus pesadelos, seus medos, suas dores, suas cicatrizes, suas feridas ainda abertas... haviam-se ido. Tudo o que ela continha agora era um fragmento de vidro, o que sobrou de um espelho quebrado, no qual ele pôde ver o próprio reflexo depois de eu não sei quanto tempo. Sorriu: tudo o que ele carregou nos braços por tanto tempo estava bem ali, visível em seu rosto, oculto somente por seus cabelos e barba desgrehados.

Aninhou-se próximo ao fogo e, satisfeito com sua riqueza, teve uma noite de sono tão boa quanto não tinha há muitos anos.

Quando acordou o sol brilhava, os pássaros cantavam e o azul do céu enchia seus olhos – nada comparado ao cinza e às trevas que ele carregou consigo por tanto tempo. Estava vivo e, pela primeira vez depois de muito tempo, havia esperança. Ainda havia uma longa estrada pela frente, mas seus medos e suas angústias não mais o acompanhariam. Não estava mais sozinho, porém: tinha a si mesmo. Com a mala sob o braço ele seguiu dando passos após passos.

Se ele conseguiu prosperar, ser feliz... importa agora?

A mala, de certa forma, salvou o peregrino. Amá-la com certeza salvou quem escreveu esse conto.

Talvez as histórias deles sejam uma só.

<https://www.wattpad.com/user/lkkering>

Instagram: @lkkering



A Mulher Invisível

Líriam Rodrigues

Teixeiras/MG

Maria madruga todos os dias
Sempre as quatro da manhã
Faz o café,
Põe os filhos no escolar
E sai para trabalhar.

Maria é gari, profissão árdua, difícil.
Mas que ela faz com toda dedicação.
Em meio as ruas, os carros, a multidão
As pessoas passam e nem a olham
Não lhe dão um bom dia,
Ou expressam gratidão.

Maria, mulher invisível
Muitos passam, poucos vê:
A mulher incrível
Humilde, cheia de vida
Que nada a deixa abater.

Exemplo de garra e perseverança
Com sonhos iguais aos meus
Almeja um futuro cheio de esperança
E o que toda mãe deseja para os filhos seus.



Assim como a Maria,
Existem outras Marias,
que lutam todos os dias ,
para garantir na mesa o “pão”.

No rosto o cansaço
E um singelo sorriso.
Nas mãos, calos.
Mas no coração
A alegria
E o orgulho de ser
Maria.





A Persistência da Memória

Luiz Otávio Oliani
Rio de Janeiro/RJ

A Salvador Dali

I
nada nos pertence:
a vida é empréstimo

Deus não cobra
juros dividendos
o homem
acerta contas
consigo mesmo

nesse juízo
de altos preços
sobra apenas
o legado
com que se sonha

e, se tudo rui
no desmoronar do corpo,
o que ficará?

num canto da casa
o escritório
a biblioteca
o livro de poemas

II
o livro de poemas
abençoa quem o lê

a poesia
traz luz
a quem vive de trevas

III
nas trevas
sem se importar
com o tempo das coisas
o tempo dorme

IV
cansado da vida
o tempo dorme
mas nada para

tudo flui
como se
não dependesse dele:

o tempo é abstração



A tarefa de viver é dura, mas fascinante.

Irane Castro
São Luís/MA

"Singela homenagem a Cora Coralina, mulher cheia de doces poesias."

"...de lá para cá.
Vem de coração, Cora.
Por meio das palavras.
Gama vida e obra.

E Coralina, de vermelho.
Sua inspiração e motivação.
Transeunte do não desiste.



Doces versos e prosa.

Concebe e fez bem
Com a própria história.
Leve feliz e alento.
Boa arte de viver.
O dito se faz.
Em lições de sabedoria
A recriação e recomeço.
Sempre de boa travessia.

Vez a finita tarefa.
É dura e fascinante.
E ao mesmo tempo.
Ainda vale o querer.

Dentro o bem dizer.
Ser cheio de amor.
Tão afora de si.
Paz, respeito e sensatez.

Fez escalada da montanha.
Góias, Brasil e mundo.
Removeu as tantas pedras.
Semeou ânimo de alegria.

Assim, colheu as flores.
De respeito e valores.
Leve por cada caminhada
Útil a cada hoje.”





Além do Limite

Carlos Antunes
Rio de Janeiro/RJ

Se toda rua tem um bêbado para sentar na esquina à tardinha, os olhos marejados de um vermelho incerto, o corpo ajeitado no banco do bar como se ali pertencesse, um copo de vidro vazio, ainda escorrendo um pouco de cachaça que sobrou do gole e desce pela parede do copo até encontrar-se com a base, o do Beco dos Tucunarés era o seu Francisco. Voltava do trabalho que tinha como peão de obra em um novo condomínio que construíam na Barra e antes mesmo de chegar em casa sentava-se ali, e ali ficava, contemplando o nada como se a ele pertencesse.

Conversava com os que ali passavam e com o atendente do bar, sempre assuntos curtos e corriqueiros. Muitas vezes as crianças iam ali importuná-lo quando já havia bebido algumas doses, como se fosse uma espécie de jogo, o que ele respondia com gestos bruscos e alguns xingamentos embolados pela boca já anestesiada, e o som assemelhava-se a um ruído mais do que palavras. Com o tempo simplesmente cuspiam palavras azedas a qualquer um que passasse pela rua, julgando que estivesse caçoando dele. Houve uma vez em que quase se estapeou com dona Armênia, uma moça corpulenta que ali vivia já há muitos anos: a senhora voltava com sua filha das compras da feira no sábado e esta comentou algo com a mãe, supostamente apontando para ele. Foi o suficiente para seu Francisco levantar e, trôpego em seu curto caminhar até o arco que delineava a entrada do bar, chama-las de putas, mãe e filha, o que fez com que dona Armênia prontamente o chamasse para fora do bar, para que se resolvessem ali mesmo no tapa. Como ele não saía do bar e as pessoas se aproximavam, em parte para separar e em parte para observar, a mulher pegou suas compras e foi-se embora proferindo em alto e bom som algumas opiniões que tinha sobre o homem.

Ao fim de um tempo saía dali, pendurando a conta ou pagando com o dinheiro que trazia surrado em seu bolso, e ia para casa já de noite, o beco se acomodando para dormir, e não tardava para que a vizinhança comesasse a ouvir gritos, depois os barulhos de bofetadas, e já se sabia o que era: seu Francisco estava brigando com a mulher de novo. E por mais que se tentasse ignorar, o barulho era de tal forma que não havia jeito de dormir.

Quando os vizinhos gritavam de suas janelas para que fizessem silêncio, que aquela não era hora de brigar e que tinha gente que acordava cedo no dia seguinte, seu Francisco respondia que se estivesse incomodado que viesse bater



na porta dele e se resolveriam os dois, que dava cabo da mulher e já ia resolver-se com quem quisesse reclamar, além de uma série de impropérios dirigidos a todos. E assim ficavam, um xingando o outro até que os vizinhos, cansados com o dia de trabalho e apressados que estavam para emendar o sono e o despertar na manhã no dia seguinte, eventualmente se cansavam de pedir para que parassem e esperavam que a coisa toda acabasse. E na manhã seguinte todos se olhavam com certa cumplicidade, assombrados pela mesma situação.

Muitos tentavam relegar o que ocorria a uma questão conjugal na qual não cabe intrometer. Fora esses momentos, seu Francisco era um senhor relativamente respeitado na vizinhança. Já vivia no beco fazia anos, e havia ajudado na construção da casa de algumas pessoas ali, além de estar sempre presente nos cultos religiosos. Alguns conversaram com a mulher de seu Francisco, mas sempre que alguém tocava no assunto ela, apesar de admitir que isso a incomodava, dizia que seu marido não era má pessoa, que só ficava assim quando bebia e que, no final das contas, era ele que sustentava a casa em que moravam e onde se sentia à vontade para viver. E seu Francisco, cambaleante não só no andar mas também no espírito, entre o cândido senhor a aguentar a miséria da vida como pode e o cruel algoz de sua própria mulher, pouco se dava a ouvir os apelos dos demais, entre as doses da cachaça e a conversa errante com as pessoas no bar. Mas o fim de tarde, a volta para casa, a discussão, a briga, a contestação dos vizinhos, os xingamentos e ameaças, tudo estava se tornando recentemente mais frequente e, assim, exageradamente incômodo, o que tornava necessário que as pessoas tomassem alguma atitude pelo bem de todos.

Seria possível, observariam os leitores, chamar a polícia para lidar com essa situação. Acontece que no estado fluminense há locais onde os becos e vielas são quase autônomos, locais que se encontram muitas vezes em inclinações geográficas tomadas por habitações populares, estas somadas umas às outras e construídas para cima e para os lados e ocupadas por todo tipo de gente em todo tipo de forma. E o Beco dos Tucunarés era justamente um destes becos e vielas. Ao dizermos quase autônomos, no entanto, nos referimos à autonomia em relação ao Estado, pois há um poder presente no vácuo dos mapas oficiais, um poder com armas e julgamentos e valores próprios, que vem de fora e ao mesmo tempo é formado no seio do local. Este segundo poder não tem leis mas tem regras, sendo uma delas a convivência dentro de sua área de influência e, sendo o único poder disponível para intermediar a situação, eventualmente cairia sobre ele a responsabilidade da solução para a crescente impaciência dos moradores do pequeno beco.

Não se sabe quem fez o contato e os chamou, mas lá chegaram certo dia, no fim da tarde de um domingo. Os três rapazes deviam ter entre dezesseis e



dezoito anos, o corpo franzino exibindo-se no tronco sem camisa, dois deles com uma pistola velha em punho e outro com um fuzil que levava preso por uma correia que passava por seu ombro, balançando de forma ritmada conforme andava. Cada um levava um rádio preso na bermuda, na altura da cintura. Chegaram em frente à casa de seu Francisco, tiraram o suor do rosto para uma sensação de alívio no dia quente e um deles chamou em voz alta:

– Seu Francisco, vem aqui que a gente precisa conversar!

Mas nenhuma resposta vinha lá de dentro.

Alguns curiosos foram se juntando ao redor do local, fingindo fazer algo como conversar sobre o tempo ou ir às compras, mas com os olhos focados na cena que se desenrolava em frente à casa de seu Francisco.

Um dos rapazes ajeitou para o lado a arma que pendia sob seus ombros e foi conversar com uma das mulheres que estava no grupo de curiosos que se formava.

– Dona Lúcia, me dá um copo d'água?

– Sim meu filho... e como anda a sua mãe?

– Vai bem, estava meio gripada mas está melhorando.

Ela o conhecia de longa data, era amiga de sua mãe e quando ainda era mais jovem ele brincava de pipa na laje das casas com seu filho. O rapaz, por sua vez, ainda guardava-lhe certo respeito que se tem com os mais velhos que se conhece por intermédio dos pais e que se aprendeu a respeitar. Após curto período de tempo, dona Lúcia voltou com um copo cheio de água gelada, e o rapaz bebeu tudo de um gole só.

– E como vão as coisas? – perguntou à mulher, de forma meio ríspida.

– Bem, bem... – e a mulher deu um suspiro de cansaço, como se já exausta, o último “bem” tão desanimado que logo desbotou no ar, quase sem ser ouvido.

O rapaz devolveu o copo e virou de volta à cena, que não havia mudado em nada desde que a deixara: o homem não aparecia de jeito nenhum.

Como ele não saía, resolveram-se por entrar à força na casa. Ouviu-se alguma discussão, sons de objetos sendo arrastados, e logo vinham os três levando um seu Francisco com semblante preocupado, os olhos fugidios mirados para o chão, a camisa de botão ainda aberta. Atrás deles vinha a sua mulher: vestido amarelo desbotado, as sandálias mal calçadas arrastando no chão enquanto tentava segurar seu marido de alguma forma, suplicando que o deixassem em paz, que com ele não fizessem nada. Seu Francisco respondeu a isso como se despertasse de suas preocupações, esbravejando irritado na direção da mulher, ameaçando-a, chamando-a de vadia e que viria se vingar do que havia feito. A mulher ia correndo atrás e puxando o marido, jurando não ter feito nenhuma denúncia e ao mesmo tempo pedindo aos homens que lhe soltassem,



tudo isso aos berros, em um desespero de tal forma que um dos rapazes que escoltavam teve que empurrá-la para longe para que se desvencilhasse do marido e conseguissem seguir. Com o empurrão a mulher caiu no chão desajeitadamente e com tal expressão abobalhada que não se moveu mais até que o grupo já estivesse bastante longe.

Todo esse desenrolar demorou tempo o suficiente para que ao fim já despontasse a noite. A mulher levantou-se. Não chorava, parecia antes como se não soubesse o que havia acabado de ocorrer. A multidão foi se dispersando, o barulho dos sussurros foi diminuindo até que sobraram apenas umas poucas conhecidas que a ajudaram a ir para casa e lhe fizeram companhia por algum tempo.

Apesar da perturbação decorrente do estranho episódio que havia sido vivenciado, ao menos aquela noite parecia que ia ser finalmente de paz. No entanto, não eram nem duas da manhã quando o barulho de uma lixeira caindo no chão cortou o silêncio, junto com alguns abafados ruídos de reclamação. Algumas cabeças tímidas despontaram nas janelas, e logo seu Francisco praguejava mais alto, de forma embolada mas compreensível, a voz tomada de cólera:

– Espere que já lido com vocês! Primeiro lido com a vadia, depois com vocês!

E entrou na casa num rompante, batendo a porta e fazendo-a rechaçar o batente com tal força que pareceu quase quebrá-lo.

Os gritos foram tão altos que não houve quem não ouvisse no Beco dos Tucunarés. Era a mulher alegando não ter feito nada, sua voz embargada de emoção, e seu Francisco a vociferar insultos e depois as agressões, mais fortes do que nunca a julgar pelo barulho que faziam, e ela a pedir que parasse e era tal a cólera que ele nem parecia ouvir mais os protestos dos vizinhos e mais barulho de coisas quebrando e sendo arrastadas e um barulho oco e tudo isso ecoando de tal forma que parecia que cada som era o precursor de um som ainda maior e mais violento. Chegou a um ponto em que parecia que nunca ia parar. Parou.

Alguns vizinhos já estavam a caminho da casa de seu Francisco neste momento em que o silêncio se fez presente no beco. No entanto, como se a falta de som anunciasse ainda maior urgência, começaram a mover-se mais rápido. Entraram pela porta deixada aberta e imediatamente após a porta de entrada via-se a sala com os móveis fora de lugar e alguns objetos quebrados, como um quadro que provavelmente enfeitara a parede e agora estava destruído pelo chão. Como ali não havia ninguém, os primeiros que chegaram correram para o quarto, modesto cômodo que estava com a porta entreaberta, à direita na sala. Entraram e pararam todos na porta: ali estava a mulher deitada na cama, um



rastró de sangue fazendo uma trilha em seu rosto e diversas marcas róseas cobrindo-lhe o corpo em diversos locais. Ajoelhado ao seu lado estava seu Francisco, os olhos novamente marejados e vermelhos, dessa vez não pelo tempo no bar, mas pelas pequenas lágrimas que delineavam sua fronte enrugada. Sua face se contorcia de tempos em tempos e seu olhar parecia perdido no horizonte em que contemplava o corpo que jazia em sua frente, e segurava um terço em suas mãos que tremiam e se entrelaçavam com a mão inerte de sua mulher. A cena causou tanta estupefação que foram necessários alguns segundos até que os vizinhos retomassem suas ações e corressem para afastá-los. Seu Francisco deixou-se afastar, o corpo mole caindo no chão, levando o terço nas mãos e juntando-o perto da boca. Quando deitou, pareceu cair em si e começou a chorar copiosamente, as lágrimas descendo em meio a um gemido rouco e grosso em que chamava por sua mulher. Um dos vizinhos correu para buscar o carro e levá-la ao hospital, mas antes que chegasse até a porta disseram-lhe que não seria necessário. Estava morta.

www.aventurascontraotedio.wordpress.com





Arte Final

Cláudio Bertini
Rio de Janeiro/RJ

Cinzéis candentes de desejo te esculpiam
nas minhas vísceras, entre lençóis, sedas
tapetes, cortinas e céus de espelhos; alertei
o Desejo: a arte final da criação é minha

Desde então, vivo pelas ruas cavalgando
nas minhas pernas, buscando improváveis
pradarias serenas em córneas urbanas; é o
pó de sol da obra: teus olhos de gramíneas

Mas só vejo nas ruas uma gente esquisita,
de olhar envidraçado, passos de pedra pra
todos os lados, empurrando-me, xingando,
berrando latidos raivosos: -Louco! Louco!





Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Stephen King

(escritor americano)
(texto: Ana Rosenrot)

Stephen King - Stephen Edwin King, é um escritor americano, nascido na cidade de Portland, nos Estados Unidos, em dia 21 de setembro de 1947. Ele cresceu em Fort Wayne – Indiana, com a família do pai e aos onze anos foi morar com a mãe em Durban, no Estado de Maine.

Em 1971, começou a lecionar inglês no Hampden Academy. No mesmo ano casou-se com Tabitha Spruce, sua colega de universidade.

Para complementar o orçamento, ele vendia contos para revistas, até que em 1974 publicou seu primeiro livro: "Carrie".

Após o sucesso do primeiro livro, Stephen King rapidamente tornou-se um autor de best sellers, vendendo mais de 400 milhões de livros em todo o mundo e tornando-se um dos autores mais traduzidos, com uma verdadeira legião de fãs. Além dos gêneros terror e fantasia, escreveu livros carregados de emoção e lições de vida, como os inesquecíveis "Conta Comigo" e "Um Sonho de Liberdade", que fazem parte do livro "Quatro Estações".

Vários de seus livros foram adaptados para o cinema, variando entre produções incríveis como "A Espera de Um Milagre", "O Iluminado" e "Conta Comigo", até produções menores e de gosto duvidoso. Em 2003, ele foi agraciado com o título distinto da "The National Book Foundation" por sua contribuição para a literatura americana.

Apesar de ter enfrentado muitos problemas com álcool e drogas, Stephen, agora recuperado, segue produzindo uma ou mais obras anualmente, todas com sucesso garantido entre seus leitores fiéis.

Vida longa ao "Mestre King"!!!





As Noites de Janeiro

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Como cantarão em maio as noites de janeiro,
Sempre as mesmas perguntas nas brechas da vida, nos intervalos entre o
crepúsculo e o adormecer do dia,
Há um país de indefinidas fronteiras, uma casa à beira do estalar dos dedos,
Uma fina borda a desenhar outros mundos

Um prédio invadindo o céu e um terraço entre estrelas,
Uma única luz acesa no último andar, um farol de refúgio
Se essa luz permanecer acesa, tudo será para sempre,
Todas as noites, e um homem que escreve, a escreve eternamente

Será uma sombra escapada dos limites de si,
Definindo algum limite aos outros?

Quais outros?
Eu pergunto e ninguém responde,
Acho que estou sozinho.





Bálsamo

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa

Capanema/PA

Te encontrar foi mesmo um grande espanto
Encantamento
Cambaleei quando ouvi teu pranto
Foi chamamento.

Porque te ver foi qual nascer do dia
Alumbramento
E tua luz foi luz de estrela-guia
No firmamento.

Sentir teu cheiro e provar teu sabor
Descobrimento
Secar suor e abanar calor
Um acalento.

Quero beber sempre do teu licor
Corpo sedento
Me embebedar até o estupor
Saciamento.

Teu caminhar é um vôo de condor
Solto no vento
Teu abraçar é igual cobertor
Acolhimento.

E tua calma acalma ira e furor
Puro alento
E varo a noite sem sentir temor
Bálsamo bento.

Tu tens a chave do meu coração
Preso no tempo
E minha vida sem o teu condão
É sofrimento.



Batizado Tardio

Júlio Bernardo Machinski
Guarapuava/PR

Na semana passada, a Camila telefonou convidando-me para a cerimônia de seu batizado tardio. Por eu sempre tê-la visto como uma historiadora materialista e agnóstica, fiquei meio atônito com o convite inusitado, desconfiando que se tratava de uma brincadeira. Mas, por via das dúvidas, ontem, na hora marcada, lá estava eu na casa dela.

Fomos até a igreja, que ficava num bairro simples e distante, no carrão com ar-condicionado do namorado bonito e algo complicado que ela arranhou algum tempo atrás, que a arrastou pra igreja e que agora, ao que parece, virou seu novo marido. No trajeto, fomos escutando, em volume um pouco mais alto do que os meus ouvidos gostariam, alguns louvores de um CD de música gospel.

Embora eu tenha nascido numa família católica e ande meio afastado da igreja há uns bons anos, já tive a oportunidade de frequentar, no passado, alguns cultos evangélicos a convite de amigos ou de familiares. No entanto, aquela seria a primeira vez que eu assistiria, ao vivo e in loco, a um batizado fora da tradição católica apostólica romana.

A Camila, que estava com os cabelos naturalmente soltos, contrariando seu estilo punk rock habitual, cobria todas as suas inúmeras tatuagens usando um esvoaçante vestido de algodão verde-claro, com compridas mangas boca-de-sino e indo até a altura dos joelhos. Tal visual conferia-lhe um ar hippie-romântico-angelical e contribuía para eu me sentir uma espécie de figurante deslocado no clipe de *Sin Sin Sin*, do Robbie Williams.



Antes do batizado propriamente dito, participamos do culto e de toda a cantoria e dialogação exaltada com o Senhor, atividades comandadas entusiasticamente pelo pastor e pela pastora, duas pessoas que me pareceram muito simpáticas e queridas, por sinal. Só o louvor ficou um pouquinho prejudicado, pois, o powerpoint resolveu não colaborar justamente na hora da projeção das letras de alguns hinos.

Depois do culto, subimos por uma escadinha estreita de concreto na lateral do prédio da igreja (cujas construção estava atrasada por conta da crise econômica, já que alguns fiéis não estavam conseguindo colaborar com o dízimo como de costume) até um espaço amplo da laje descoberta do primeiro andar, em frente à modesta moradia do pastor e de sua abençoada família.

Fazia um pouco de frio e ventava. Os vira-latas da vizinhança latiam sem parar; provavelmente, por ainda não estarem totalmente acostumados com a movimentação noturna na laje. A filhinha do pastor, antecipando, ao que parece, uma já conhecida emoção ligada ao que viria logo a seguir, apertou inocentemente contra seu peito o bebê de brinquedo que carregava em seus braços e aquela meiga geringonça rosada começou a repetir numa voz metálica: “Mamãe, eu fiz cocô! Mamãe, eu fiz cocô! Mamãe, eu fiz cocô!...”. Então, o pastor lançou um olhar pouco cristão para a filha e, logo a seguir, outro não mais carinhoso para a sua esposa que, constrangida e atrapalhadamente, tratou de arrastar a menininha pelo braço para o interior da residência o mais rápido que pôde.

Recuperado do inconveniente que quase chegou a ameaçar o caráter solene da ocasião, depois de balbuciar meio sonolento algumas palavras que formavam uma oração decorada, o pastor enfiou impetuosamente a cabeça da Camila dentro de uma enorme e horrorosa caixa d’água azul transbordantemente ungida, dando a nítida impressão de que queria despachá-la, de uma vez por todas e sem escalas, diretamente para o Reino dos Céus.

Diante daquela tentativa de afogamento explícita da minha amiga, pensei no quanto aquela água deveria estar suja e contaminada e senti uma vontade imensa de esmurrar a cara do pastor, que parecia estar descontando na Camila a raiva sentida em relação ao seu próprio rebento. Mas, para não aumentar ainda mais o nível de constrangimento dos envolvidos naquela encenação toda e também porque sou, na maioria das vezes, uma pessoa propensa ao diálogo e à paz, contive meus impulsos justiceiros.

Depois disso, voltamos para casa sãos e salvos. Tudo bem que a Camila – ainda um pouco encharcada da água batismal – tremia da cabeça aos pés: não sei se do susto, se do frio, ou de ambos. Mas, o importante é que, ao que tudo indica, ela agora estava mais cristã, mais viva e mais purificada do que nunca. Graças a Deus!



Benquerença

Maroel Bispo
Feira de Santana/BA

Habitam nele inúmeras formas de amar...
Fortes o bastante para fazer as artérias gritarem.
E lentamente, elas permeiam os corpos suados.

Flama que geme [todas as noites] e insiste.
Que pugna veementemente, esvaindo assim,
De um dia qualquer [de tanto amar], fenecer.

Ele a ama, apenas olhando, perscrutando...
Ou como paixão taciturna, que jaz calada.
Como taça plena de um benquerer venerado.

E do romance em chamas, subitamente, fez-se a cópula.
Do amigo terno, prenhe de afetos, nasceu o amante.
E daquela aventura [única, talvez], restaram saudades.





Cajueiro da Jureia

Paulinho Caiçara
Iguape /SP

Cajueiro da Jureia,
Que pelo chão se espalhou;
Muita gente no passado,
Em sua sombra se sentou.

No quintal de tio Romão,
Uma castanha germinou;
Um broto seguiu pro alto,
Uma árvore se formou.

Em tempo de ademão,
O povo nele encostava;
As foices para afiar,
E depois ir para roçada.

O fandanguero acalorado,
Também ia visitá-lo,
Procurando uma garrafa;
Para a cachaça degustar.

Quando as frutas amarelavam,
Pra escola nós levávamos;
Comíamos no intervalo,
Debaixo do pé da uvaia.

Hoje o cajueiro fica,
Num quintal abandonado,
Quem visita tira foto,
Pra recordar o passado.



Cantos

Ernane Reis Gonçalves
Carmo do Cajuru,/MG

O azulão, cantando bonito, é atrapalhado pelo pardal, com sua voz irritante de taquara rachada.

— Por que você insulta o meu ouvido, com este grito, mais grito do que canto?

— É que eu só sei cantar assim, uai, disse cabisbaixo o pardal.

— Pois vai cantar pra lá, seu merda! Não atrapalhe a minha sinfonia!

Assim dizendo o azulão buscou no fundo da alma as mais doces notas do seu canto espetacular. Sem se condoer da mágoa que causava ao pobre pardal.

Desconsolado, o pardal voou para longe. Uma andorinha da torre, que ouviu a zombaria e percebeu a tristeza do pardal, proferiu:

— Volta lá, bobo e convida o azulão pra cantar para você, lá no campo de futebol vazio, ou na escola repleta de crianças, ou na roça, ou no poste do semáforo da esquina. Depois de convidá-lo você não se sentirá magoado. Até pelo contrário.

Assim fez o pardal. Convidou o azulão de canto bonito para cantar para ele, lá no campo de futebol vazio, lá na escola repleta de crianças, na roça, ou no poste do semáforo da esquina

— Não posso, disse o azulão. Você não percebe que o meu dono não me deixa sair?

— Dono!? O quê que é isso?

— O homem que me criou, que criou meus pais e também meus avós. Eu não posso sair daqui e, mesmo que pudesse, nem sei como conseguir comida. Morreria logo, de fome, ou nas garras de um gato qualquer.

— Ah! Você está preso?



— Preso? O que é estar preso?

— Você não tem liberdade.

— Liberdade, o que é liberdade?

— Você não pode sair daí. Sua vida é só este pequeno espaço. Sua vida é só cantar.

— Cantar? O que é cantar?

— É isso que você faz tão bonito!

— Mais bonito do que o que você faz, convenhamos.

O pardal baixou a cabeça, triste.

— Desculpe se te ofendi. Mas é a realidade. Você é uma negação para cantar.

— Sou sim. Eu vou embora. Deixo você com o seu canto.

— Aonde você vai?

— Vou voar por aí. Curtir no ar, entre as árvores, nos telhados das casas, minha tristeza de não poder cantar como você.

— Espere, espere! O que é voar, curtir no ar? O que é isso?

— Ah! Você não pode voar, não é mesmo! Console-se, então com seu canto. Eu, pelo menos, vou aonde eu quero, na hora que quero, como quero. Eu prefiro meu canto feio e minha liberdade ao seu canto bonito na gaiola.

— Gaiola? O que é gaiola?

O pardal não respondeu. Já estava longe, passando entre as mangueiras, entre os fios da rede elétrica, pousando aqui, pousando ali, cantando o seu canto que mais parece um grito.

O azulão voltou a comer e a cantar. Não se entristeceu. Ele só conhecia a gaiola, a parede, o alpieste, a vasilha de água, seu canto e seu dono. Nada mais.





Causa mortis: saudade

Vivian Melo

Oliveira /AL

O adeus é sempre uma palavrinha difícil de soletrar
mais ainda de entender
e viver,
sem aquele que se foi.

As chegadas são de festas
e as partidas de despedidas,
um até logo
recheado de saudade.

No peito só fica uma agonia
de quem não sabe permanecer,
com a ausência
de quem agora não se faz mais presente.

A gente fica com o cheiro do perfume na memória
com as mensagens que já não chegam
as ligações não recebidas
e o "bom dia" não desejado.

Ficamos sem querer ficar
Sem saber como recomeçar
Como seguir
Sem ter uma mão para apertar

Um sentimento de solidão
Misturado com saudade
Alguns lugares vazios
E um misto de força e continuidade.

@todoafeto

@vivianmeloo (pessoal)



Chamada Para Um Morto

JAX
Brasília/DF

A notícia correu rapidamente. Em toda a rua, as mesmas caras estupefatas, quase as mesmas expressões verbais. Do Sr. Ivo, próspero negociante, à pobre lavadeira, D. Iná, todos logo ficaram sabendo e reagem como num coro orquestrado: "Mas não me diga, sinhá". "Pois é, assim de repente". "O médico tinha dito que ele andava fraco". "Ah, meu Deus!". "Esse mundo não vale nada!". "Quando é o enterro?". "Às quatro da tarde".

Logo depois do almoço, começou a movimentação. Procura aquela gravata preta, repassa o vestido, o terno, ninguém quer fazer feio. D. Marocas pensou que era hora de estrear os brincos recém comprados. As crianças perguntavam, insistentes, se realmente precisavam ir.

Muita gente compareceu. Às duas horas, já havia meia dúzia de urubus, empertigados de negro, na sala de jantar, convertida em câmara mortuária. Sentada aos pés do caixão, a viúva levantava a cabeça ocasionalmente e agradecia, em meio a soluços, as manifestações de pêsames. Ao seu lado, a irmã vigilante, de olhos e nariz vermelhos, em postura de absoluta solidariedade.

Uns vinham apresentar-se diretamente à viúva, outros ficavam por instantes a olhar o caixão negro, onde jazia o corpo do velho, coberto de flores. Aliás, é tempo de falar do falecido, elemento catalisador de toda a vizinhança, parentes, conhecidos e demais interessados ali presentes. Seu nome completo era Otaviano Marcondes de Faria. Idade, sessenta e oito anos. Profissão, escriturário (florista, nas horas vagas). Nem melhor, nem pior que outras pessoas, apenas um cidadão comum. Sua vidinha consistia em ir ao trabalho, voltar, cuidar das flores, bater papo com a mulher, vizinhos e amigos. Gostava de ouvir rádio nas manhãs de sábado. Fora isso, um chopinho de vez em quando no bar da esquina, ou, com melhor sorte, um final de semana em Arraial do Cabo, onde vivia a mãe. Otaviano também gostava de futebol, torcia pelo magistral Fluminense, embora com moderação, bem de acordo com seu estilo de vida. Conhecia todos na rua em que morava, o que talvez explicasse a multidão que ali compareceu, embora não fosse de descartar a presença de um ou outro curioso, à cata de algo diferente para ver naquele dia fatídico.

O Sr. Ivo foi quase o último a chegar. "D. Dolores, meus sentimentos. Nem tenho palavras para significar o quanto sinto". A viúva repetia, à exaustão, que o pobre marido já se vinha queixando de falta de ar há algum tempo. Consternadas conclusões de que a vida era assim mesmo também se sucediam em profusão. D.



Lucíola, outra das irmãs, oferecia cafezinho aos presentes, alguns dos quais hesitavam em aceitar ou não. D. Iná dirigiu-se logo à cozinha, para oferecer seus préstimos. A conversa prosseguia numa ladainha baixa, porém suficientemente forte para dominar o ambiente, como se todos entoassem uma espécie de reza. Caso fosse um morto mais vivo, Otaviano certamente aguçaria os ouvidos para distinguir o que diziam, já que falavam bastante dele.

“Pois é, conheci o Marcondes faz muito tempo. Trabalhamos juntos na companhia de gás”. “Era meu primo, sim, mas meio esquisitão, sabe?”. “Coitada da D. Dolores, sempre aí firme...”. “Não era indivíduo de muitas posses, aliás, nunca foi. É a tal coisa: nem todos nascem pros negócios”. “A casa em Arraial do Cabo era dele ou da mãe?”. “Que triste! O Fluzão perdeu um torcedor..., falando nisso, tem jogo amanhã. Você vai?”. “Estou precisando de um terno novo, vamos ver se dá prá comprar no mês que vem, assim que sair o ordenado”. “O arranjo de flores foi nosso mesmo. Otaviano gostava tanto de flores!”. “Parecia boa pessoa, mas não privei de sua intimidade, era reservado, sacumé?”. “Olha, esses brincos custaram um dinheirão!”. “D. Dolores vai continuar morando aqui?”. “Cadê o Aparício, que não aparece? Tá quase na hora de ir pro cemitério!”. “A cozinha precisa de uma pintura”. “Veja só! Ela tem um vaso igualzinho ao meu!”. “D. Dolores! Chegou o Aparício”.

Com a chegada do carro fúnebre, a multidão fora da casa comprimiu-se mais. Abriu-se a porta da sala. Desilusão! Era só o jornaleiro que saía para fumar. Passados mais alguns intermináveis minutos, finalmente o astro do espetáculo apareceu, levado por parentes e conhecidos honrados por essa função. O Sr. Ivo explicava a todos que não fazia parte do seleto grupo em virtude de uma hérnia. Iniciou-se a procissão rumo ao cemitério. “Felizmente, é aqui perto. Este terno está insuportável com esse calor!”. “Já era tempo de a prefeitura endireitar essas ruas, caramba! Outro dia, a patroa quase torceu o pé”.

Arrastando-se lentamente, o féretro chegou ao cemitério. Novamente, o grupo de privilegiados retirou o caixão do carro e levou-o até a sepultura, onde o padre Adamastor, que chegou atrasado em razão da cobrança de um casamento, pronunciou as derradeiras palavras que o morto já não ouviria. Baixado o caixão, concluída a cerimônia, dispersou-se a multidão.

Lá ficou Otaviano. Descansou em paz, conforme o epitáfio do túmulo, só vindo a ser perturbado por uma chamada da companhia telefônica, que reclamava de uma conta não paga.



Chibata e a Boneca de Brinquedo

Francisco Junio Vieira da Silva

Brasília/DF

O homem de cabelos brancos chegou no balcão do bar com um pequeno pote plástico de maionese. Enquanto esperava o dono do estabelecimento perceber a sua presença ali, trocamos um olhar por alguns instantes. O dele aparentava cansaço, o meu, curiosidade em saber o que significava aquele vidro na sua mão.

- Opa rapaz! Quantas doses será que cabem aqui? – perguntou enquanto abria a tampa.

- Eu acho que não cabem nem duas, mas você quer testar? – respondeu o dono do buteco.

Observava aquela cena encostado no balcão, tentando saber onde chegaria. Caberia ou transbordaria? Não lembro o que aconteceu, o que me recordo é que aquela noite foi a primeira vez que eu vi aquele senhor manco, de cabelos grisalhos e lisos, com roupas desleixadas e um boné que trazia o nome de uma loja de material de construção, apelidado de Chibata.

No começo ele ficou na retaguarda. Nas noites durante a semana, geralmente dias parados, passava no buteco depois do trabalho e por lá só estavam Chibata e o dono do estabelecimento conversando ou simplesmente olhando para a rua. Ainda assim trocava poucas palavras comigo.

Havia uma desconfiança no olhar sereno do senhor que gostava de tomar pinga com pele de porco. A voz era baixa e mansa, como a de uma criança tímida. A risada saía reprimida. O olhar nunca cruzava diretamente o do outro.

Morava em um sobrado de três cômodos ao lado do bar. Tinha o costume de sempre dar uma passada no bar quando vinha do trabalho. Era nítido a decepção em seu olhar, quando o avistávamos subindo a rua mancando com sua perna direita menor que a esquerda, e assim que percebia lá dentro alguém jogava sinuca ou conversava com alguém no balcão. Passava reto e ia para casa.

Por algum motivo, até então desconhecido, Chibata não gostava de se enturmar. Lembrava, fisicamente, até aqueles velhos budistas ou escritores, que buscam o isolamento.

Mas isso nada tinha a ver com ele. Era apenas um homem comum, desses que andam por aí sem nenhum glamour, grandiosidade ou estilo. Era só mais uma pessoa que ocupa um espaço no mundo por algum motivo.

O homem de personalidade fechada e introvertida se mostrou outra totalmente diferente depois de certo tempo. Sempre nos cruzávamos pelas cadeiras de plástico em noites quentes e frias, sem movimento, do meio de semana e batíamos um papo.

O velho costumava dar doces e salgados para crianças que faziam aulas de karatê ao lado do bar. Às vezes já deixava tudo pago com o dono do bar, caso seus amiguinhos, como os chamava, passassem e ele não estar por lá.



Naturalmente nos conhecendo com o passar do tempo. Assim como eu pude observar isso, ele também me observou, mesmo com seu jeito calado.

- Tá vindo do trabalho? – disse ele ao me ver.

- Tô sim. Tudo em cima por aqui? – respondi.

A partir de um ponto talvez a confiança tenha surgido e começamos a conversar. Era difícil entender algumas coisas que ele falava quando exagerava no destilado. Se mostrou um homem que tinha muito para dizer e perguntar.

- Você é jornalista né? Mas é aqueles de televisão? – perguntava curioso.

- Essa sua camisa é muito legal, parece aquelas de surfista né? Quando eu era menino novo eu tinha uma igual essa. Gostava dela – se referia à minha camisa.

Quando o via na rua o olhar fechado, silencioso e baixo dava lugar à um cumprimento caloroso. Por algum motivo, não sei qual, Chibata estava diferente de.

Certo dia, durante uma conversa sobre motos, uma revelação.

- Sabia que eu tenho uma moto?

- Tem nada. Você não consegue nem andar direito, quem dirá pilotar uma moto!! – retrucou o dono do bar, rindo.

- Eu vou mostrar pra vocês!!! – respondeu, com um sorriso no rosto.

Ao entrar em seu barraco tudo que se via era um amontoado de coisas. Quadros dos anos 80, xícaras de porcelana, sacolas pela mesa, uma pintura do Ayrton Senna na parede, e a moto, uma titan anos 90, estacionada no meio da pequena sala. Ainda funcionava, apesar de toda poeira acumulada e do tempo parada. Acelerou a moto com orgulho e o barulho tomou conta do ambiente inteiro.

Porém o que mais me impressionou não foi uma pessoa na condição dele ter uma moto, pilotar, ou a bagunça que era seu lar, mas sim uma boneca de brinquedo que estava sentada de frente para a televisão ligada.

- Eu achei ela na rua e trouxe pra cá. Achei bonita. Tava jogada no canto de uma lixeira acredita? Peguei e coloquei ai no sofá, isso já tem um tempo. É como se fosse uma companhia minha – respondeu quando perguntado o por quê daquela boneca infantil sentada ali.

Ali entendi.

Não conhecia de muita coisa sobre o velho Chibata. Sabia que não tinha mulher, morava sozinho, nunca falava sobre qualquer parente que seja, e se intimidava e fechava com pessoas desconhecidas.

Desconfiava ser um homem sozinho. Só não imaginava o tamanho dessa solidão e seus efeitos.

Um homem durante anos sozinho pode se esquecer como é conviver com outras pessoas. Se fecha, anda olhando para o chão, cala-se, desconfia, tenta se esconder, mesmo que tudo que quer é fazer ao contrário.

E na ausência, acaba transformando até uma simples boneca velha, com roupas sujas e rosto com marcas de caneta, em uma companhia. Por vontade própria, desejo ou destino.



Cidades, Habitações e Censo

Fábio Rabelo Rodrigues

Brasília/DF

um balde com água embaixo pede
para flutuar com água em cima, como um grito afundado
sem usar a cabeça ou com ela levemente submersa.
cabeça elegida.
e, depois, tudo a crescer pelo lado de dentro,
o esforço de uma inteligência interior.
sem dúvidas, um grito abaixo de nós para apagar um grito acima.
enquanto isto o riso afoito de uma cidade incompleta,
com ruas sem asfalto e gente sem casa.
e colho logo o coentro quando amanheço
porque é importante seguir com o sonho enunciativo, rito de fé,
de que havia força entranhada nos nódulos da cabeça.
prestes a assumir que não há braços para agarrar o mundo
ou pés para subir todas as escadas,
digo que, apesar disto, há sonhos formidáveis
amaciados pela força dos pés e que sopram e que se espantam
de crescer com a primavera repercutindo neles.
e sobre o vazio da casa em que morei penso que hei de deitar um dia.
quem sabe usar o peito para abrir os lugares, os recônditos lugares,
há brisa para que o céu e o inferno esperem
até ameaçar a vida por tantos anos quanto os que viveremos
esta vida primordial e coletiva,
cada vez menos primordial e coletiva.
deve de haver muito mais holofotes do que gente.
deve de haver gente em algum lugar.



Conto de Fadas Moderno

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

Para Dorina

“Habitantes de Tebas, minha pátria ! Vede este Édipo, que decifrou os famosos enigmas ! Deste homem tão poderoso, quem não sentirá inveja ? No entanto, em que torrente de desgraças se precipitou ! Assim, não consideremos feliz nenhum ser humano, enquanto ele não tiver atingido, sem sofrer os golpes da fatalidade, o termo de sua vida” - Édipo Rei - Sófocles

“Dorothy morava no meio das grandes pradarias do Kansas, com tio Henry, que era fazendeiro, e tia Em, que era esposa dele. A casa deles era pequena, pois os troncos para construí-la tinham de ser transportados em carroças por muitos quilômetros. Havia quatro paredes, um assoalho e um teto, que formavam um aposento; este aposento continha um fogão enferrujado, um guarda-louças, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. Tio Henry e tia Em tinham uma cama grande num dos cantos e Dorothy tinha uma cama pequena em outro canto. Não



havia sótão, nem porão... exceto um buraco pequeno, cavado no chão, chamado de porão de ciclone, onde a família poderia ir no caso de aparecer um daqueles grandes furacões, grandes o suficiente para destruir qualquer construção em seu caminho. Era acessado por um alçapão no meio do assoalho, de onde uma escada descia para um buraco pequeno e escuro.”

- Mãe, onde é o Kansas ?

- O Kansas fica nos Estados Unidos, filha.

- Ah, e o que é um ciclone ?

- É um vento muito forte que gira em círculos e vai arrastando tudo o que encontra pela frente.

- Assim como uma chuva de vento ?

- Mais ou menos, só que não tem chuva, só o vento.

A história que a mãe lia para a menina de 6 anos já era famosa em todo o mundo, e até mesmo versões para teatro e cinema haviam sido criadas, obtendo igual êxito de público.

Mas não era esse o motivo que a levava a contá-la para a filha.

Seriam os ensinamentos contidos naquela jornada de uma garota e seus 3 amigos (em busca de um ideal distinto para cada um deles), entre os quais a dificuldade inerente para alcançá-los ?

Ou quem sabe a ênfase na vitória do Bem sobre o Mal, encarnada pela luta entre Dorothy e a Bruxa Malvada do Oeste, moral que frequentemente as histórias infantis veiculam ?

Certamente a menina poderia perguntar-lhe também o que eram pradarias, que jeito teria um sótão e para que servia um porão, entidades que ela nunca tinha visto pessoalmente (pelo menos com esses nomes). Mas no geral elas não careciam de explicação para que pudesse entender o contexto. Ela simplesmente imaginava algo que "fizesse de conta" que fosse tal coisa.

“Tio Henry nunca ria. Trabalhava duro da manhã à noite e não sabia o que era alegria. Ele também era acinzentado, desde a barba longa até as botas toscas; parecia severo, solene e raramente falava. Era o Totó que fazia Dorothy rir e evitava que ela ficasse tão acinzentada como as coisas que estavam ao



redor. Totó não era acinzentado; era um cãozinho preto com pelo longo, sedoso e tinha pequenos olhos negros que piscavam alegremente em cada lado do focinho engraçado e pequenino. Totó brincava o dia inteiro e Dorothy brincava com ele e o amava muito.”

Embora a primeira frase dissesse muito de pessoas que lhe eram familiares (quase um retrato falado), a última é que ecoou profundamente no íntimo. Olhou a mãe com ternura e não se preocupou em compreender o mistério contido e renovado naquela conversa diária entre as duas, intermediada pelo relato de uma vida alheia.

"Tia Em tinha acabado de sair de casa para regar os repolhos quando olhou para baixo e viu Dorothy correndo em sua direção.

- Minha menina querida ! - gritou ela, envolvendo a garotinha nos braços e cobrindo-lhe o rosto de beijos - De onde você vem ?

- Venho da Terra de Oz - afirmou Dorothy, gravemente, - E aqui está Totó também. Poxa, tia Em... estou tão contente em estar de volta ao meu lar !"

Depois de ouvir toda essa história, a menina cresceu e aprendeu a ler por si mesma outros livros. Mas um dia, seus olhos enxergaram apenas acinzentado, como era tio Henry. Foi como se um ciclone tivesse passado e levado sua visão. Revoltada contra o mundo pela injustiça que achava estar sofrendo, teve de lutar contra sua Bruxa Malvada do Oeste. Na escuridão do buraco do ciclone, fez dos dedos da mão seu Totó e brincava com eles saltitando umas bolinhas sobre o papel, pensando nas pradarias do Kansas. Reaprendeu a ler novamente as histórias, e isto deixava seu porão menos sombrio e pequeno. Até descobrir um jeito de colocar os livros de papel em discos de plástico, que ouvia como se fora sua própria mãe a narrá-los. Sentiu-se muito contente, como se retornasse para casa, após uma longa viagem, sozinha, reencontrando tia Em.

Sem querer, o mistério de sua infância se desfez: a leitura d' O Mágico de Oz havia lhe ensinado como transitar pelos ritos de passagem do herói (ou heroína) em busca de seu destino individual, invisível, incontornável.



Cores Proibidas

João Rosa de Castro
São Paulo/SP

Jordana insistira em descobrir com Aniceto o porquê do “pé na bunda” que pensava ingenuamente ter levado de Ignácio. Aniceto retraía-se nas conversações cibernéticas. Não queria se envolver no caso. Já era sério, ao ponto de haver um certo receio geral de Euzébio, ex-marido, que Jordana abandonara por amor de Ignácio.

Pelo *kiékiá*, Jordana e Aniceto conversavam.

— Olá. Como vai?

— Tudo bem, e com você?

— Tudo bem também. Está sabendo?

— Do rompimento de vocês? Estou sim. Fazer o que, não é? Essas coisas acontecem.

— Eu não sei o que houve. Queria entender.

— Fica assim não, Jordana. Eu já passei por situação parecida. É difícil mesmo, mas você supera.

— Queria ir com você no risca-faca de elite para conversarmos, tomarmos uma cerveja. O que acha?

Pelo *kiékiá*, Aniceto e Ignácio conversavam:

— É complicado mesmo, Ignácio. Ela me chamou para bebermos no risca-faca de elite, mas eu não respondi. Não queria me envolver na história de vocês.

— Normal, Aniceto. Nada que você não contorne com sua experiência. Na vida tudo sempre foi sério assim, nós é que levamos tudo na esportiva pra não nos estressarmos.

— Eu sei lá. Vamos ver.

— Não só no risca-faca de elite como em qualquer lugar, tudo o que você disser será usado contra você.

— É verdade. Fico com medo de dizer a ela algo que leve a uma confusão como já houve tantas entre nós na nossa turma.

— Bem, fica a seu critério. Eu não tenho nada a opor.



Pelo telefone, Jordana fala com Ignácio.

— Só porque eu lhe devo, vai me excluir da folha de rosto?

— Não lhe excluí...

— Como não? Estou excluída.

— Não fui eu. Eu tinha pensado que foi você. Não tenho nenhum motivo para excluí-la. Na minha página aparece assim também o seu perfil, como se eu tivesse sido excluído por você. Não tenho motivos...

— Muito menos eu.

Pelo *kiékiá*, Jordana fala com Aniceto.

— Vamos beber só duas cervejas. Eu pago uma, você paga outra.

Ficou decidido o encontro na sexta-feira em que Ignácio dissera a Aniceto que não sairia de casa à noite.

Aniceto optou pela mesa de frente, próxima à avenida, escolheu a cadeira voltada para fora para Jordana, e a oposta, a voltada para o interior do bar, para ele. Ficaram sobrando duas cadeiras.

Logo o Maranhão ofereceu o litrão, que foi aceito por ambos. E Aniceto iniciou a conversação assim.

— Sabe, Jordana. O Ignácio é... Sei lá... Ele não falou direito pra mim quem terminou com o noivado de vocês.

— E pra mim não falou por que ele terminou. Simplesmente não quis mais responder às minhas perguntas, disse que estava farto de perguntas.

— Então foi ele que terminou.

— Eu acho que foi ele, ele acha que fui eu.

— Eita, Jordana. Mais uma vez vocês dois se separam.

— E mais uma vez naturalmente sem permitirmos saber quem terminou.

— Mas algo deve ter deixado ele em silêncio.

— Nós tivemos uma conversa meio séria antes de dormirmos, na casa dele, mas tinha ficado mais ou menos resolvida a conversa. Não pensei que ao acordarmos de manhã, ele viria com essa.

— É. Fica difícil saber.

— Mas, como não poderia deixar de ser, eu queria saber se não está rolando algo entre ele e alguém, que você saiba.



- Não sei. Ele não fala dele nas nossas conversas. Ele se fecha. Quer saber só de mim. Quando fala, é colocando assuntos de outras pessoas...
- Isso não deixa de ser um disfarce, não é mesmo?
- Pode ser. Ele não confia. Pode estar se escondendo até de mim que o conheço, quer dizer, tenho amizade com ele, há mais de vinte anos. Mas o teor dessa conversa que você teve com ele não dá pistas do porquê de ele ter ficado assim, avesso às suas perguntas?
- Eram ciúmes. Eu estava desconfiada daquela figura ali.
- A filha do Maranhão? Não. Nada a ver. Ela é atenciosa com todo mundo, pode prestar atenção. É eficiente sem ser dada.
- Será? Eu confiava muito no Ignácio, mas elas?
- Mas, olha. Não compare não. Essa aí é firmeza. Mas vamos mudar de assunto um pouco. Como tem estado agora depois da separação em casa, no trabalho?
- Muito irritada. Pensando em mim, nos meninos, nos planos que são totalmente diferentes agora. Foi uma surpresa. Na escola, então, nem se fala: as crianças estão sofrendo com minha perturbação. Acho que vou procurar um psicólogo.
- Faz isso. É bom desabafar. Só tenha cuidado ao falar da sua intimidade. Tenha confiança no seu psicólogo antes, veja se há mesmo afinidade entre você e ele ou ela.
- Está sendo um péssimo começo. Você não tem ideia do absurdo que é a minha dor sem ele. Ele foi muito importante pra mim. Mas acho que devo ter sido uma grande decepção pra ele.
- Não pense isto, todos somos importantes neste mundo. Mas ele é bacana mesmo. Tem umas falhas comigo e com alguns da turma. Mas, de verdade, ele é um grande amigo.
- Imagino que seja, tantos anos de amizade com vocês na turma.
- E os meninos, seus filhos, como viram a separação?
- Ah. Sei lá. Não disseram palavra. Só ficou decidido que nenhum de nós três vai mais à casa dele...

Por acaso, Ignácio teve um momentum em sua casa. Desinquietou-se. Queria ver gente sem querer falar. Estivera a semana toda sem conversar com ninguém, a não ser em esparsas conversas no *kiékiá* e na folha de rosto. Ao chegar ao risca-faca de elite, e, em deparando com a dupla conhecida, animou-se.

- Chegou o assunto.
- Chegou mesmo; disseram, com um sorriso.



Mas ele desconversou dos dois, foi até a jukebox e colocou *forbidden colours* pra tocar. Os olhos de Jordana faiscavam. Ela, curiosa como sempre, serelepe demais, buscava saber como se comportava a filha do Maranhão, o dono do bar, com a chegada do ex-namorado. Logo que Ignácio sentou-se numa das cadeiras sobrando, ironicamente pedindo permissão, mesmo se sabendo bem-vindo, notou um olhar de sobressalto em Jordana e voltou-se para acompanhá-lo. Passava-se uma querela entre o Maranhão e Rúbio, que, supostamente, desrespeitara sua jovem filha. Mas, em o Maranhão não sabendo que o garanhão era da pesada, lançou-lhe pimenta aos olhos... Iniciava-se assim um tumulto no bar, do qual as escassas pessoas às mesas fugiam, mas Ignácio, que gritava com ambas as partes como se fosse uma autoridade – quis apartar. Debalde: Rúbio em fúria sacou de uma arma e atirou na perna do velho e no peito de Ignácio. Ambos caíram, a sangrar e a gemer, todos a correr, ficando apenas Jordana, Aniceto e a jovem, que já gritavam e chamavam socorro. Foram levados para o pronto socorro de imediato.

E era pouco depois disso, na emergência, que Ignácio morria pedindo à Jordana mil perdões pelo seu silêncio.

www.pedradetoque.com

www.lumedarena.blogspot.com.br





Da matéria: a origem e o fim

Izabella Maddaleno
Juiz de Fora/MG

Fui criada da matéria:
física, química, biológica,
e dela eu retornarei.
Voltarei à origem!
E aos braços abertos da terra amiga,
me depositaram.
Da terra que me nutriu,
oferecerei em agradecimento,
o meu corpo em putrefação
os animais e as plantas dele se alimentarão.
É a vida finda, transformada em energia infinita.
Mas, em meio, a matéria inerte e imóvel,
a minha memória sobreviverá.
Ela permanecerá eternamente,
Naquilo que eu fui,
deixando de herança para os meus.





Daltonismo

Paulo A. Campos

Belo Horizonte/MG

Azul ou vermelho? Vermelho ou azul? Para mim a única diferença entre essas duas cores está na grafia. Daltonismo de acordo com o “mini Aurélio” é “um distúrbio visual que consiste na incapacidade de distinguir diferentes frequências do espectro luminoso”. Na prática eu não conheço as cores azuis ou vermelhas, no meu cérebro elas se transformam em roxo.

Parar no sinal roxo, comprar uma camisa roxa do cruzeiro, comer uma suculenta maçã roxa. Como vocês podem ver o daltonismo nunca atrapalhou o meu dia a dia, eu estava acostumado com meu modo de enxergar o mundo, mas na vida tudo tem uma primeira vez.

Eu me formei em jornalismo, meu sonho era cobrir grandes acontecimentos mundo afora, mas acabei mesmo foi parando na cidade de Pontiguassu, no



interior de minas, cuidando do jornal local. Pontiguassu era uma cidade típica de interior, vivia basicamente da agricultura e fora algumas festas e feiras realizadas ao longo do ano, era raro acontecer algo de interessante na cidade. Por isso uma eleição fora de época movimentava tanto os ânimos dos cidadãos.

Os olhos do Brasil estavam apontados para Pontiguassu. O Prefeito eleito foi impedido de assumir o cargo. O escândalo ganhou repercussão nos telejornais, tinha muito dinheiro envolvido nos esquemas de corrupção, agora os pontiguacensses tinham a chance de escolher um novo prefeito, e dessa vez alguém melhor.

Faltava uma semana para as novas eleições, a praça da igreja estava lotada de espectadores, o último debate estava prestes a acontecer. Eu acabava de voltar de férias e caía de cabeça, meio perdido, naquele turbilhão político sendo o responsável por cobrir o debate.

Eu não conhecia os novos candidatos, sabia apenas que eram parentes, primos de segundo grau, alguma coisa assim... Chamavam-se Cláudio e Carlos. Tinham quase a mesma idade, eram advogados. Cláudio se candidatava pelo PCP, partido comunista pontiguacensse, e Carlos era o candidato do PDP, partido democrata pontiguacensse. Era um embate direto entre a esquerda e a direita local.

Na internet eu havia visto algumas fotos dos candidatos. Carlos tinha um rosto oval, olheiras escuras e um nariz fino. Seu primo Cláudio tinha os olhos claros, um queixo quadrado e o mesmo nariz fino. Os dois candidatos surgiram sob as vaias e aplausos do público, eu distante do palanque forçava as vistas em vão ao tentar distingui-los. Inocentemente perguntei a um colega ao meu lado:

“Você sabe quem é o Cláudio e quem é o Carlos?”

“O Cláudio é o de camisa vermelha. O Carlos tá de camisa azul.”

Agradei sem jeito, para mim os dois candidatos estavam vestidos de roxo. “Não tem importância” pensei, poderia sem dificuldade identificá-los por suas ideias. O



Slogan de Cláudio era “Uma vida melhor para o trabalhador” enquanto Carlos defendia “Uma economia forte e independente”.

Os dois candidatos foram apresentados ao público. Em pé no palanque eles se movimentavam de um lado para o outro, dificultando minha tarefa de identificá-los. O primeiro candidato começou seu discurso:

“Nosso país está imerso numa crise econômica global, por isso temos que nos unir e fazer os sacrifícios necessários para que o Brasil volte a crescer. Precisamos cortar gastos com a administração pública!”

“Queridos amigos, rebateu o adversário político__ O excelentíssimo candidato chama de gastos os direitos do cidadão. Ele quer diminuir sua aposentadoria e seu seguro desemprego! Essa é a verdade que ele mascara!”

A praça encheu-se de vaias e aplausos. Estava claro para mim que os discursos eram proferidos por Carlos do PDP e Cláudio do PCP. Mas aproveitei a confusão para me certificar.

Não companheiro, me respondeu outro jornalista, quem discursou primeiro foi o candidato de vermelho e depois o candidato de azul. “Você está cego?” Fiquei atônito, os candidatos contradiziam seus slogans. Agora tentaria reconhecê-los por suas vozes. Quando voltei meu olhar para o palanque os candidatos se rodeando voltaram a falar:

“Povo Pontiguacensse! Devemos estimular nossas empresas, não podemos deixar que o consumo caia, assim estaremos sempre aquecendo o mercado, gerando emprego. Vamos abaixar o preço do dólar e incrementar a indústria!”.

Eu estava quase certo que aquela era a voz do Cláudio do PCP.



“Caros eleitores, o candidato diz o que vocês querem ouvir, ele foge da verdade amarga. Precisamos do dólar alto para tornar nossas empresas competitivas. Temos que dificultar o acesso ao crédito. Antes de voltar a crescer é preciso parar de produzir e consumir em demasia”.

Seria o Carlos do PDP que falava? “Meu Deus eu devo estar ficando louco”, suas vozes eram indistinguíveis. Um mal estar tomou conta de mim. Comecei a suar frio e a tremer.

O que aconteceu a seguir é de difícil explicação, eu considero sua causa o esforço contínuo e infrutífero que eu fiz durante horas de discurso, ao tentar achar uma diferença entre os dois candidatos. Com as vistas doloridas e um zumbido no ouvido, o palanque a minha frente começou a girar e rodopiar. Achei que iria desmaiar, eu estava prestes a gritar por ajuda quando de repente todos os meus sintomas desapareceram.

Ainda ofegante olhei para frente e vi apenas um candidato com o dedo em riste, vociferando e apontando para os eleitores. Era impossível identificá-lo. Seu discurso não era de esquerda ou de direita, era um discurso de situação, servia apenas para criticar ou apoiar o que lhe convinha. Percebi que os demais cidadãos aplaudiam e vaiavam o mesmo (o único) candidato, no final das contas eles não conseguiam perceber que eles não eram vermelhos ou azuis, mas apenas roxos.





Demônio Noturno

Carlos Zancanella
Rodeio/SC

Tinha olhos grandes e sérios. Não olhavam, invadiam a alma. Era assim que eu lhe poderia descrever aquele demônio. Vinha sobre quatro patas, com movimentos suaves e pulava sobre minha cama. Via sua pelagem negra, seus olhos brilhantes no escuro. Queria-me roubar a alma, mas eu, tola, pensava em tocar-lhe.

Sempre uma armadilha! Ele queria que eu fizesse isso, atraia-me para este fim, e então, virava-se rapidamente e agarrava minha mão. Não sangrava, pois eu não deixava que chegasse a tal ponto. Escondia-me embaixo da coberta. Esperava que fosse embora, todavia, parecia-lhe agradável a ideia de me atormentar um pouco. Ficava uns minutos por cima da coberta, me deixando ouvir a sua maldita respiração. Não o via, mas sentia um sorriso no ar. Gosta de me atormentar, ama ver-me no sofrimento, temendo sua presença. Alimenta-se disso este demônio! Então em um momento, ficava aborrecido. Saltava da cama e parava ao pé da porta. Parecia querer me dizer que amanhã voltaria, que minha alma era dele e nada eu podia fazer. Ele saía e o ambiente voltava a ter cor. Nesses momentos pensava "Como eu odeio o gato da minha tia!".

<https://www.wattpad.com/user/Zanca03>



Do Abismo Sócio cultural Brasileiro

Samuel Kauffmann

Rio de Janeiro/RJ

Reconhece-se, sem qualquer equívoco, a existência de uma invisível cerca social entre as culturas do Nordeste e a do Sudeste em terras do Brasil. Há cinco séculos, pelo menos, desde fins do séc. XV na península ibérica, ocorreu o primeiro cisma, quando os judeus sefaraditas, ali residentes por bem mais de mil anos, foram expulsos pelos reis católicos. Uma grande parte daquela população, residentes no reino espanhol, buscou guarida no reino português, por um intervalo de pouco mais de quatro anos, quando o rei Dom Manuel I forçou a conversão dos restantes ao cristianismo. Estes últimos ficaram conhecidos como “cristãos novos”, e ficaram sob a vigilância da inquisição estatal.

Com o início da colonização portuguesa no continente sul-americano, à princípio pela região nordeste, as primeiras levas dos que para aqui vieram eram os “cristãos novos”. Estes buscavam um local onde pudessem praticar o criptojudaísmo. Com a dominação holandesa, no séc. XVII, para cá vieram descendentes daqueles cristãos novos que viviam na Holanda; lá praticavam com liberdade a religião israelita. E falavam o idioma português.

Após a expulsão dos holandeses, daqui saíram a maior parte daqueles judeus holandeses. Os que ficaram mesclaram-se culturalmente com os antigos cristãos novos, que já aqui residiam por quase um século, provocando o ressurgimento do judaísmo, praticado às ocultas por medo da inquisição. E tão grande era esse temor que buscaram viver bem para o interior, em locais de difícil acesso, em regiões do grande sertão.

E o tempo foi passando, século após século, criando uma etnia *sui generis*, uma cultura particular, sobrevivendo em terras com clima semiárido, dedicando-se a agropecuária. E, até os dias de hoje, com imenso sacrifício. Isolados da civilização, por tanto tempo, desenvolveram um linguajar diferenciado. Ficaram sendo conhecidos como sertanejos. Ali mesclaram-se a três principais etnias da humanidade: o branco europeu, o nativo americano, e o afro americano. E assim surgiu uma nova nação. Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, reconheceu-os, escrevendo: “o sertanejo é um forte”.

Tal isolamento manteve-os com atraso secular, na educação e na tecnologia, acentuadamente desde fins do séc. XIX. A proclamação da república criou uma revolta generalizada, liderada por Antônio Conselheiro, sertanejo forte. Foi uma guerra civil não reconhecida historicamente. Outro movimento, foi



provocado pelo cangaço, liderados por Lampião. No decorrer do séc. XX, desenvolveu-se a cultura poética repentista, donde sobressai o poeta Patativa do Assaré. Na música, a figura folclórica de Luiz Gonzaga, o rei do baião, firmou-se em todo o Brasil. A culinária nordestina tornou-se, também, outro ponto forte.

No Sudeste, desde 1808, quando aqui aportaram a família real portuguesa, abriram os portos brasileiros às nações amigas. Esse ato político fez com que essa região, e também o Sul, tivessem relações diretas com países europeus e norte-americanos, criando um desenvolvimento cultural bem maior do que as províncias do Norte e do Nordeste. Na economia, com uma agricultura dedicada ao plantio da cana de açúcar, houve uma mudança para a riqueza maior com o plantio do café. Durante o segundo império, predominou uma assimilação da cultura francesa, que durou até os primeiros anos da república. Toda essa mudança sócio cultural, com aumento da classe aristocrática, com uma riqueza em que antes a colônia nunca tivera, veio aumentar o abismo entre o Nordeste esquecido e o Sudeste atualizado. Nem pelas veredas do grande sertão chegava ao nordestino uma atualização econômica e educativa, para que brasileiros ficassem em condições de igualdade.

Com o passar de séculos e décadas, a seca cíclica empobreceu o sertanejo em sua atividade familiar, obrigando-o a ceder suas pequenas propriedades à uma nova figura que surgia naquele mundo esquecido – o coronel de terras – o latifundiário daquelas regiões áridas de água e de humanidade. Sem querer justificar Lampião e seu cangaceiros, o coronel de terras foi o estopim para que surgisse no sertão aquela cruel figura mítica.

Até os dias atuais, com o Brasil em crise moral constante, que aumenta a olhos vistos, não se vislumbra uma possibilidade de se reverter tal quadro doentio de uma sociedade decadente, por falta da educação global, informal e formal, de um povo sem memória de suas tradições e de sua cultura. Lamentavelmente, tudo fica esquecido na noite dos tempos passados.

Somente a educação haverá de sobrepujar a atual escassez de tudo que temos em inaproveitada fartura num país naturalmente rico, porque, eticamente, injusta e moralmente pobre é a classe social dominante.





Do porto ao Tibete

Camila Assad Quintanilha
Presidente Prudente/SP

na travessia eu me lembro que tenho asas frágeis
se for preciso voar não poderei.

eles dizem:

londres, casacos xadrezes,
clima rigoroso para corações ardentes.
você vai chorar mais uma vez essa noite.

eles dizem:

laissez faire, laissez aller, laissez passer
dizem que tudo passa, dizem viva la vida!
não lhes dou ouvido &
te desafio a desenhar linhas retas
que alcancem o porto.

*

na travessia da balsa eu morri.
mirei o infinito que estava atrás da sua cabeça
não clamei socorro; deitei só, no gélido piso amadeirado.
grandes navegantes do mundo revelaram absurdas novidades
eu permaneci pato - nunca cisne.
na travessia da barca eu morri porque insisti em nadar.

*

não era água. era areia.
talvez fosse só o tempo.
talvez fosse muita coisa porque era o tempo.
eu fiquei sedenta, mas resignada.
quem ousou encarar o tempo não retornou à margem.



Dois Microcontos em Tempos de Eleições

Edweine Loureiro da Silva

Saitama – Japão

Ficha Limpa

Do palanque, o governador reeleito acenava para o povo, enquanto se recordava que aquela campanha, aparentemente milionária, havia custado, na verdade, apenas dez mil reais: metade desse valor paga a um funcionário do STJ para deletar os arquivos que lhe incriminavam; e, a outra metade, a um matador, para deletar o dito funcionário.

*

De Alma Lavada

— Sou um homem do povo! Gosto de abraçar e cumprimentar a cada um de meus eleitores! Resumindo: é no meio do povo que eu lavo a alma! — falava o deputado ao repórter, enquanto, no lavatório, caprichava no sabão para tirar os pedaços de povo que haviam ficado embaixo das unhas.

**

<https://www.facebook.com/edweine.loureiro>



Dormir

**Eni Ilis
Campinas/SP**

Dormir depois de acordar
Essa a rima dos dias que seguem
Essa a rima das noites que chegam
E
No íterim a aurora que cresce
No íterim o crepúsculo que esvanece
E
Outra rima se faz na roca do tempo
E
Outra
E outra ainda...
Até chegar quem empunha a tesoura
E a finde.





Dulce, Aquela...

Julia Mascaro

Osasco/SP

Vivo enrolada num cesto a sondar

Aspergindo veneno

Enquanto mordo

Sou uma serpente

Sem complementos

Igual à vegetação.

A vida barroca é minha indumentária

Sibilo e danço o deserto sonoro

Visito duas aranhas vermelhas

Há uma rama folhagem vermelha

Medo? De viagem...

Azul... É a escrita...

Faço um balaio de penas

Quero ouvir o som da trompa... Da tuba...

Rastejando alcanço seus olhos a lhe dizer...

Já deixei a pele de serpente...

A transformação exige

Algo a mais de mim...

Vivo em flashbacks... Igual à memória de uma vida



Inconsciente...

Devaneio em bistrôs, e boates

Há esfarelar o tempo...

A aura repete as palavras reconhecendo revelações...

Apaixono-me perdidamente... Não existe refúgio...

Leio amores incestuosos

Liquefeita, maldita

Salvarei vidas...

Não abandonarei a paz...

Páginas arrancadas não impedem meu sucesso...

A ação persiste, há cortes pertinentes

A fotografia emoldura a dimensão...

Organizamos uma festa...

Vocês são os convidados

Arrastamos um tesouro até o palco

Espalhamos pedras preciosas pelo ambiente...

Discorremos desejando vocês...

Abro o vidro de perfume cigano para batizá-los

Boa festa

Desfrutem a alegria

Podem entrar...





Ela

Nilde Serejo
São Luís/MA

Mais um dia amanheceu. Abro a janela e observo meu jardim que mais parece um arco-íris me dando bom dia. Ouço o canto dos pássaros e sei que um novo dia começa.

Hoje quero trocar alguns enfeites na casa, quero mudar minha aparência, quero mais mudanças. Pois, mudei primeiro meu interior, parei de lamentar minha vida, voltei a sair com as amigas, estou progredindo no trabalho e estou bem.

Cortei o cabelo, há um ano que não cortava. Tempo exato que deixei de viver. Mudei também o visual, dizem que fiquei mais jovem, irreconhecível.

Agora estou sentada com meus papéis, minhas inspirações para escrever mais um artigo pra revista. Hoje o tema abordado é "Superação".

Ding dong

É o carteiro e entrega-me uma carta. Recebo-a. Quanto tempo não recebia cartas. Li mentalmente o nome do remetente(Carlos) e fiquei pensativa, mas deixo ali na mesa e continuo a trabalhar. Mas quase não consegui me concentrar.

Mais tarde, olho novamente para a carta mas ela ordena que eu a rasgue. Quero ler embora nada vá mudar, eu sei. Mas ela diz não. Carlos não merece tua atenção. Te trocou por outra, te humilhou e somente agora quando consegue mudar e dar continuidade à sua vida, ele ressurgue. Basta!

Confesso que ainda assim eu queria ler a carta. Sei lá, curiosidade feminina, talvez. Mas deixei que ela decidisse e ela não ousou abrir a carta.

Ela, é meu reflexo.

Ela, é meu novo eu.

<https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/>





Elos

**Angélica Neneve
Cornélio Procópio**

Sentada com o pequeno livro nas mãos contava-lhe uma estória: lia e relia as partes que mais gostava, dava vida às personagens criando vozes engraçadas... vez ou outra se perdia na leitura, então parava e contava sobre seu dia. Era sempre assim que terminavam suas tardes. Após algumas horas, arrumava suas coisas na mochila e ia para casa.

Mal podia esperar para que o próximo dia chegasse. O sol, ainda pálido, mostrando sua timidez aos espectadores, surgia bem devagar. E ela já a horas esperava o momento de se levantar.

Arrumava-se depressa. Um pedaço de pão aqui, um gole de suco ali, assim começava seu dia, então corria para a escola. Sempre a primeira a chegar. Tomava seu lugar de costume. Assistia a todas as aulas um pouco impaciente e, assim que o sinal tocava, corria novamente ao encontro do irmão.

Eram inseparáveis. Gêmeos são assim mesmo. Ele sabia o que ela sentia e ela podia dizer o mesmo.

Foi assim que, naquele dia comum, quando o sol brilhava intenso e quase não havia brisa alguma para refrescar, ela soube. Soube antes mesmo de lhe contarem. Na verdade, fora ele quem a contou: não com palavras, porém.

Sentiu uma sensação estranha de solidão. Quis chorar, mas não sabia o motivo, então engoliu em seco: pediu à mãe que trouxesse algo para que pudesse tomar, sentia muita sede.



Ouviu o telefone tocar, estava doente e proibida de sair da cama, então a mãe foi quem atendeu. O silêncio seguido de um choro desesperado a deixou alarmada: foi assim que descobriu o porquê da súbita vontade de chorar - ele se fora. Para onde? Ela ainda se pergunta.

Desejou nunca ter ficado doente, queria ter estado com ele naquele momento. Queria ter ido com ele se fosse possível: era a melhor parte que havia nela e agora tinha restado apenas um fragmento do que ela fora um dia.

No velório não pôde vê-lo pela última vez: o pai, ainda se recuperando do acidente, se culpava pelo que tinha acontecido. A mãe o culpava também: sabia, no entanto, que ninguém tinha culpa - fora um acidente, afinal.

Ela decidiu morar com o pai depois do divórcio, tinha medo que ele fizesse qualquer bobagem por conta da culpa que sentia. Visitava a mãe com frequência, ela também precisava ser vigiada e constantemente lembrada que ainda tinha uma filha.

Em um piscar de olhos de um plantonista com sono tudo mudou: enquanto o carro rodopiava no ar, o destino era retrçado - ela foi o último pensamento dele, e pôde senti-lo se despedir.

No entanto, o tempo que passaram juntos não fora suficiente. Um infinito pequeno demais para o tamanho do amor que ela sentia. Por isso, todos os dias depois da aula, ela corria até o cemitério. Sentava no mármore frio do túmulo do irmão e lia seu livro preferido. Contou-lhe como havia sido seu dia e o que os colegas faziam e também sobre o memorial que fizeram em sua homenagem. Contou sobre o divórcio e como tinha sido difícil escolher um lado. Contava-lhe tudo. Ele era sua alma gêmea, era seu corpo gêmeo. Era a melhor parte dela, não tinha sido: ainda era - o elo que os ligava não poderia ser desfeito nem mesmo pelo anjo da morte.

<https://www.facebook.com/angelica.alves.9041>



Emoções

Anderson de Souza
Macuco de Minas (Itumirim) – MG

Emoções alegres. Emoções tristes.
A vida resume-se em um feixe de emoções.
Todos os meus sentidos alimentam-se
com as águas emotivas dos instantes.

Emoções arrebatadoras explodem
nas linhas oníricas de meu inconsciente.
O que é o amor? – a não ser
labaredas de emoções abraçando a alma.

Outro dia emocione-me tanto – que uma procissão de lágrimas
despencou-se de minhas retinas enegrecidas.
Enegrecidas pela dor do próximo – que chorava por um cobertor;
por um pedaço de pão;
por uma palavra de esperança;
por um abraço de irmão.

Não quero saber de emoções!
Quero ser gélido como um soldado em combate.
Quero ser frio como o mês de junho.
Não quero amar; nem sonhar; nem cantar...

E, neste instante em que teclo essas letras,
meu filho abraçou-me e disse: “*Papai, eu te amo*”!
e uma correnteza de sentimentos de amor,
de alegria, de fé, de entusiasmo, de esperança –
inundou as margens secas de meu espírito.

<https://pt-br.facebook.com/andersonpoeta.poeta>





Entre Elas

Daniela Genaro
São Paulo/SP

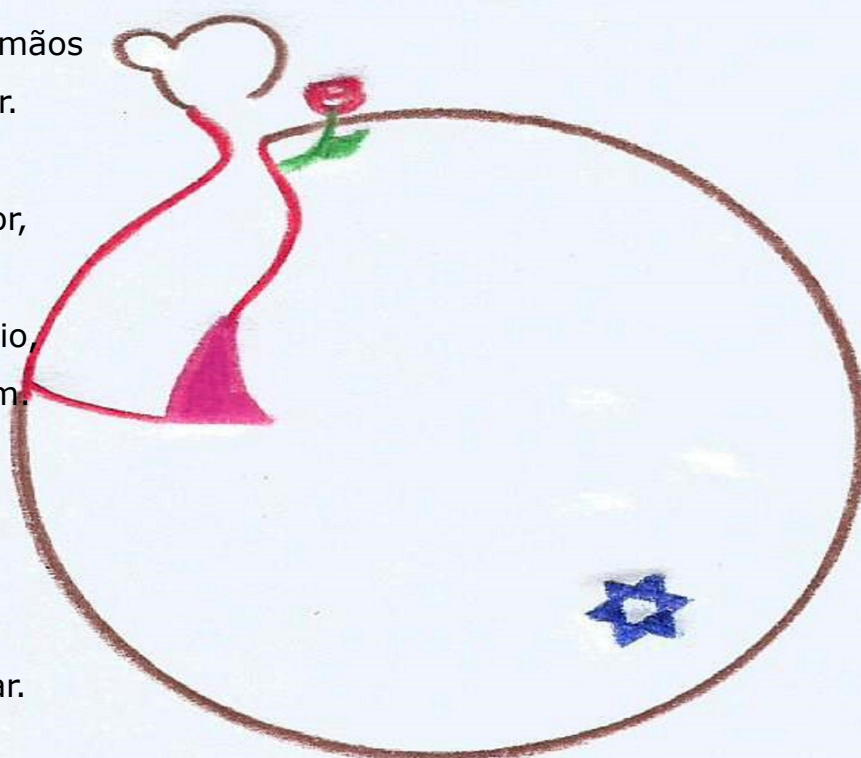
Estou entre a que se foi
e a que vai chegar.

Uma conheço com os olhos
e já não posso abraçar.
Outra conheço com as mãos
e ainda não posso ninar.

Entre caminhos de amor,
agora vivem em mim.
Em pensamento, silêncio,
botão em flor e o jardim.

Um dia aqui, outro lá,
as duas vou encontrar.
A filha embaixo do sol,
a mãe num chão de luar.

Estou entre a que se foi
e a que vai chegar.



MATERNIDADE

DGAS



Estado Islâmico

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

Farejando volúveis contingências,
Arquejadas em fortuitos cenários.
Faminto por presas, o sanguinário,
Espumava terrorista experiência.

Oculto entre os civis, agia com potência:
Investidas num surdo questionário
Tiros, graves ruivares em ternário
Descarado, saciava a sua abstinência.

Janta de agonias, rúbida ceia
Moía as vítimas com nulo pudor
Vidas cuspidas em mórbida teia,

Cultivada num ódio cobertor -
Fervido nas suas jihadistas veias,
Lobo solitário demolidor.





Estamos em Luto

Sérgio Silva
Gavião Peixoto/SP

Numa pequena cidade chamada Eternidade, curiosamente, há mais de dez anos não falecia ninguém. A falta de defuntos e até mesmo candidatos a tal, trouxe enormes prejuízos para os negócios de Vivaldo, o dono da modesta funerária Só Faltava Você, único empreendimento mortuário do município.

O proprietário - que por sinal era muito mesquinho - andava repleto de pendengas com os seus credores devido a ausências de mortes na localidade. O homenzinho vivia agourando os doentes, torcendo para que agravassem seus estados de saúde e findassem suas jornadas na terra.

O tal empresário incitava desentendimentos, brigas e desavenças pelos bares e ruas da cidade, a fim de que alguém com sangue nos olhos desse cabo em outrem. Como se não bastasse, bastava saber de um moribundo, no morre-não-morre, que Vivaldo recorria a rezas e simpatias para apressar a passagem desta para melhor, de um próximo e eventual freguês.

O fato é que por ali o tempo passava, mas não a morte. Nem mesmo os desenganados pelos médicos desencarnavam em Eternidade. No auge do seu



desespero, Vivaldo teve o disparate de procurar o prefeito – autoridade máxima local - e propor a descabida ideia de se limitar, por meio de uma macabra lei, o prazo de vida dos munícipes, o qual não deveria ultrapassar 70 anos, sob o pretexto de se economizar assim, verbas da saúde e de demais setores da administração municipal.

Ciente dos danos político-eleitorais, que o nefasto decreto e a tresloucada e antipática medida traria, caso fosse implantada, o prefeito foi mais vivo que Vivaldo, e não quis saber de morte em seus despachos. Mas, tamanha era a obsessão daquele homem por um cadáver, que sua ânsia o consumia vorazmente.

Ao final de cada expediente, sem ninguém para enterrar, dia após dia, o homem foi se afundando em tristeza. Vivaldo foi definhando, definhando, definhando. Primeiro o sorriso lhe sumiu do rosto. Depois, a voz da garganta. Em seguida, a força das pernas e, por fim, a pouca lucidez que ainda lhe restara na mente.

Não houve outro jeito a não ser internar Vivaldo às pressas. Pouco tempo, após o seu ingresso no hospital da cidade, morria de causas desconhecidas o fúnebre agente daquela cidade. Por ironia ou capricho do destino, a morte encerrou os mórbidos negócios do mais recente defunto, após tantos anos.

De funerarista a cliente: eis o fim de Vivaldo. Com o enterro do próprio proprietário, morreu também a combalida funerária e Eternidade seguiu fazendo jus ao seu curioso nome.

<http://escritorsergiosilva.blogspot.com>

<https://web.facebook.com/prof.sergiosilva>





Eu Juro Que Amo Brócolis

Gustavo Moraes

Salto/São Paulo

Ela era
Uma garota com cabelos da cor do
chocolate
Lábios doces como chocolate
Ah, como ela gostava de chocolate
Mas qual mulher não gosta? Certo?

Eu era
Um garoto tolo aficionado em corpos
Amante de bebidas em garrafas, não em
copos
Ela dizia que eu só gostava do sexo
Mas qual homem não gosta? Certo?

Lembro do quão bem nos dávamos
Ambos amávamos

Eu vivia dizendo a ela
Te amo como amo brócolis
Ela ria

Quando terminamos?
Bom...
Terminamos no dia em que ela
descobriu
Descobriu o que?
Bom...

Descobriu
Que
Eu
Odeio
Brócolis





Eu sei de tudo!

Helder D'Araújo

O toque do WhatsApp soou. O homem olhou na tela a mensagem: *"Estou sabendo de tudo e vou mandar um 'zap' para sua esposa"*. O homem levou um susto. Olhou o número. Olhou a foto. Estava sem foto. O número não fazia parte de seus contatos. O coração quase saindo pela boca. Ficou na dúvida cruel. *"Respondo ou não?"*. Eis a questão! *"Vou responder"*, decidiu.

- Quem é? – Sondou, o homem.
- Ninguém. – Respondeu o incógnito.
- Ninguém não envia mensagem pra ninguém. – Devolveu, apreensivo.
- Não interessa! Só sei que sua esposa vai saber de tudo. – Devolveu,

seco.

- Isso só pode ser brincadeira! – Protestou.
- Quem não deve não teme. – Sentenciou o estranho.
- Pois é! Eu não devo! – Respondeu.
- Então não vai dar em nada se eu contar, né? – Argumentou.
- Espera... – Digitou nervoso.
- Como você sabe dela? – Cedeu.
- Ah! Quer dizer que confessa que tem outra? – Pressionou.
- É... Não! Não! – Titubeou.

Mandou o Print: *"Como sabe dela?"* às 12:00.

- De onde você é? – Sondou novamente.
- De lugar nenhum. – Continuava o tormento.
- De lugar nenhum, ninguém, não manda mensagens. – Prosseguia.
- Você confessou. Isso é o que importa. Vou contar tudo. – Ameaçava.
- Vai para o diabo! Eu nem te conheço. E não confessei nada. Você não

tem provas. – Vociferou.

- Primeiro confessou da outra e agora está se defendendo. – Pontuou.



– Ai meu São Amaro! Só o que faltava! – Exclamou, num suspiro profundo.

– Tá! Tá! Foi só um selinho que eu dei nela. Nada além disso. Se ela disse que passou disso, é tudo mentira. – Aquiesceu.

– Ah, então você confessa mesmo que ficou com outra. – Asseverou.

– Bem... – Confuso.

– Eu sabia! – Triunfou.

– Como assim? Você estava supondo? – Suspeitou.

– Pode ser! – Confirmou.

– Então você não sabia de nada! – Manda carinha de raiva.

– Agora sei de tudo e vou contar. – Continuava.

– Vai pro diabo! Vou te bloquear! – Esbravejou novamente.

– Bloqueia. Quero ver como você vai fazer para bloquear a mensagem que enviarei para sua esposa. – Insistia.

– Negarei tudo! – Respondeu decidido.

O estranho digitou o número do contato.

– Esse é o número de sua esposa? – Interrogou.

– Quem te deu esse número?! – Esbugalhou os olhos.

– Sou eu, Genival, a Jamira. – Digitou a esposa do defunto.





Eu Sou Palhaço!

**Almir Floriano
São Paulo/SP**

O palhaço alegrou minha infância
Com gracejos e piadas inocentes
Que afloravam a magia da pureza
Da minh'alma feliz de criança

O palhaço tem uma nobre missão
Que outro artista quisera também ter
Ele busca tirar suas tristezas
E de alegrias a vida fazer parecer

A vida do palhaço nem sempre é feliz
Embora ele se doe para que os outros sejam
Muitas vezes ele esconde suas tristezas
Para dar um ar de alegria aos que o vejam

Eu cresci e sou palhaço também



Todo artista tem coração de palhaço
O poeta também leva alegria nas palavras
Muitas vezes alegria que ele não tem

Os artistas das palavras e dos palcos
São seres iluminados e escolhidos
Para acalentar corações sofridos
Levando esperanças e novas roupagens

Mesmo que seus dias sejam tristes e vazios
Eles se esmeram em te levar acalento
Porque os palhaços não podem chorar suas dores
E nem descansar sua alegria
Porque a missão do palhaço
É te fazer feliz todo dia

Muitas vezes escondi minhas lágrimas
Como palhaço chorei muitas vezes
Porque a vida não é um paraíso
Mas ninguém jamais me viu nem verá triste
Porque meu rosto está pintado de sorriso!

O mundo é dono do meu circo
Mas não manda no meu espetáculo
Sem palhaço não tem alegria
Sem alegria não há razão de viver
Então pinte seu rosto de alegria
E palhaço também venha ser!!!





Fado

Viviane Martins Parreira

Uberlândia/MG

Eu fui grande um outro dia,
O meu nome era alegria,
Eu amava tal Maria,
Sempre sol era o que eu via.
Meu sorriso reluzia,
Minha alma se expandia,
Eu sonhava e não dormia.

Era noite, ouvi um fado,
Meu olhar ficou parado,
Nas lembranças do passado,
E eu fiquei logo cansado.
Descobri que ao meu lado,
A tristeza tinha estado,
Eu sofria, um coitado!

Madrugada, eu entendi,
Alegria eu não vivi,
E em Alfama descobri,
Naqueles bares em que caí,
Os fados todos que esqueci,
Cujas letras eu bebi,
E embriagado eu me vi.

E me vi em muita dor,
Em um fado de amor,
Deste fado, eu sou cantor,
Mostrando todo o esplendor,
De ser fadista, um sonhador,
Vou com ele onde for,
Pois, sou do fado o senhor!



Filhos da Terra

Nilde Serejo
São Luís/MA

Meus olhos marejam diante de ti
Estúpida imagem real e hedionda
Os filhos da terra rastejam sem forças
Sobrevivem em plena morte da matéria
A dor que aperta o bojo faminto
Escorre pela alma desnutrada de carinho
Trabalhos, maus-tratos, vida escassa
Cai por terra, enterra, some
Lágrimas secaram de sede e de fome
Pedidos de socorro, quem os ouvem?
Voz se cala, mal consome
Os gigantes não dormem, viram as costas
Atacam silenciosamente

Crianças choram, sofrem, pobres órfãos.
Os irmãos, estendem a mão com
esperança
Retratos reais dos filhos desta terra
Sofrem inadimplência direta
Uma minoria que em maioria nem se
revela
Fecham caminhos, escondem os meninos
Famílias desamparadas, maltratadas
Correm, fogem, ou morrem.
Salvem as crianças,
Salvem os filhos da terra.

<https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/>



Fogo Ardente

**Maíra Luciana
Samambaia/DF**

O fogo queima
E no mesmo instante em que
As cinzas caem
As labaredas se expandem
Inflamam os caminhos
E num estopim, fogaréu
Fumaça densa
Que ocupa todo espaço
Mente em chamas
Queimando ardentemente
Mas no findar da brasa
Cinzas
O pó do antes fogo

É tudo o que restou
E com baforadas de fala
Apenas cheiro de fumaça
E o fedor de carvão exala
Das orelhas, enxofre quente
Olhos pretos, assim como as paredes
Manchadas pela ânsia da combustão
Suja pelo queimar
E entre cinzas, enxofre e carvão
Sua voz se cala
Pois não há som
Que transpasse
O poder do fogo



Gosto

Paulo Narley

Teresina/Piauí

Eu gosto de como o teu cheiro fica nos meus lençóis após tua ida (não digo partida, pois sempre há um retorno). É como se ele fosse uma extensão tua. Como se tu fosses e, ao mesmo tempo, ficasses aqui comigo.

Eu gosto de como o meu colchão é levado ao chão por não quisermos acordar os vizinhos de quarto com nossa dança, afinal, minha cama grita demais. Vai e vem... E nos perdemos em um entrelaçar de dedos.

Gosto da tua barba a roçar minhas costas e tuas mãos a percorrer-me, descobrindo meus cantos. Gosto de quando teus olhos reviram no momento em que, literalmente, estás dentro de mim.

Eu gosto da maneira como sorri. Como teu olhar pousa no meu e me leva para outro mundo; uma galáxia inteira mora aí dentro, eu sei.

Gosto de te ver cochilar, do modo como teus olhos vão se fechando lentamente e de repente se abrem num susto e eu volto a encarar tua imensidão, enquanto teus braços me abraçam e me encaixam, fazendo de ti morada.

Instagram: @teescreviumacarta ; @narleypaulo





Grito

Arthur Kratza

Tietê/SP

Uma noite de trabalho nunca foi tão monótona. É comum em feriado de sexta-feira ter algum acidente no trânsito ou briga em festas, movimentando o hospital. Não esta noite. As pessoas devem estar mais cautelosas, finalmente. Os índices de mortalidade agradecem. Uma mosca voa ao redor da recepção e pousa no meu expresso. Deixe-a, penso. Até a mosca tem mais diversão do que eu. Algumas pessoas aguardam no plantão médico, mas nada além do normal. Penso em ligar o celular e jogar algo, mas sei que a câmera atrás da recepção irá me entregar para a direção. Uma chatice.

Uma mulher, com poucas rugas no rosto e semblante pesado, levanta e caminha até a recepção, com uma expressão confusa.

— Desculpe, mas meu pai está me chamando. Ele está em uma das salas de recuperação. Acho que preciso vê-lo logo.

Chamando? Até os pacientes podem usar a internet e eu não.

— Perdoe-me senhora, mas terá que aguardar. A visita será liberada em quinze minutos.

— Mas meu pai está me chamando. Você não está escutando?



— Escutando?

— Meu pai está me chamando. Está cada vez mais forte. Acho que ele precisa de mim.

Meu Deus, ela está louca. O silêncio é tão grande que é possível ouvir a mosca bebendo meu café.

— Não escuto nada, minha senhora. Eu sei o quanto está preocupada com ele, mas confie nos médicos. Qual o nome do seu pai? Vejamos... A ficha do seu pai diz que ele só está em uma simples cirurgia de redução de estômago. Logo vai poder conversar com ele.

A mulher me olha desconfiada, mas volta a sentar.

Após cinco minutos, a mulher levanta aflita.

— Não posso mais esperar. Meu pai está gritando. Preciso entrar.

Tudo bem, provavelmente é pegadinha. Procuro as câmeras escondidas na sala de recepção, mas nada fora do esperado. Encaro os olhos aflitos da mulher, que aparenta segurar uma bomba em seu peito. Algo nela me preocupa.

— Minha senhora, por gentileza, espere mais um pouco - tento mais uma vez. Quem sabe ela entenda agora. - O hospital garante que seu pai está bem.

Não entende. Apoiando-se no balcão, explode:

— Você não pode fazer isso comigo! Meu pai precisa de mim! Agora! Vou entrar e você não pode fazer nada contra isso! Nada!

Agindo por impulso, pego o telefone. Chamar a segurança é o melhor para este caso. A mulher não espera minha reação e, abrindo a porta ao lado da recepção, corre hospital adentro. Desisto do telefone e corro atrás dela.

De alguma forma, ela corre na direção certa. Passa direto pelos corredores errados e vai à ala de recuperação. Já estive neste hospital muitas vezes, penso. Mas, em tempos periódicos, ela para e parece escutar por um breve momento, apressando sua corrida ainda mais, me impedindo de alcançá-la. Era difícil chegar perto dela. Eu deveria ter investido mais na academia e menos em brigadeiro.



Após algumas costuradas entre médicos e pacientes, a mulher grita "pai!", com uma forte angústia, enquanto corre com mais desespero. Chegamos à ala de recuperação. Ela se dirige à terceira porta. Finalmente a alcanço e a seguro.

— Pelo amor de Deus, mulher! Pare e volte! Você está atrapalhando muita gente aqui!

Olhando-me com dor nos olhos, ela parece que vai desmoronar.

— Me larga, seu monstro! Você não consegue escutar? Meu pai está gritando aqui! ELE PRECISA DE MIM!

Vários médicos param no corredor e olham para nossa cena, confusos. Claramente eles também não escutam os gritos. A mulher aproveita o breve momento de distração e mete o mais perfeito tapa já encaixado na minha face. Sentindo o choque percorrer meus músculos, largo-a instintivamente, que não perde tempo e abre a porta.

Dentro do quarto está o pai dela, deitado na cama, com quatro médicos em volta. Eles estão visivelmente preocupados. O desfibrilador cardíaco está nas mãos de um dos doutores. O rosto do velho vira na direção da porta. Encara a mulher. Seus olhos lacrimejados se ligam por breves segundos, mas uma vida inteira de pensamentos e emoções parecem ser transmitidas neste momento. Com um leve sorriso em sua face, solta um aparente peso de seus ombros. O monitor de frequência cardíaca escreve uma linha contínua na tela, enquanto soa um sinal agudo e igualmente contínuo. O desfibrilador é utilizado. Nada muda.

O sinal do monitor continua perfeitamente alinhado. A mulher ajoelha no chão e abre a boca enquanto segura a própria cabeça, sem emitir nenhum som.

Os gritos cessam.

<https://www.wattpad.com/user/ArthurKratza>





Guardiões do Hades

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

Por meio desse texto anuncio o fim de minhas atividades mediante a gravidade da descoberta que fiz, doravante pensava permear apenas o panteão de deuses mitológicos romanos ou lendas celtas de elfos e gnomos em florestas encantadas o qual o terror que nos compelia era apenas suas parcas sombras. É uma força avassaladora e irresistível o qual tenho de render minha vida, direitos e sonhos, tenho que vender minha alma e dar tudo que é meu para ele. Por este motivo estes seres de poder insidiosamente superior me obrigam a abandonar meus dons, talentos e sonhos.

Sou chamado Benjamim Branco, mas meu nome pouco importa, pois tão logo minha identidade se esfacelaria no montante de aflições acumuladas por eras. Diante desse poder inexorável, o qual suplanta num dissipar mesmo o livre-arbítrio, não temos escolha, não temos querer ou direitos, resta apenas sermos igualmente suplantados por sua vontade e desejos arbitrários a qualquer sanidade.

Abandonem o propósito, todo sentido de vida, a felicidade lhe é propaganda enganosa! Ante esse mal sou qualquer um, um resto ao contrário de seres superiores e iluminados pela amargura agourenta das chamas do inferno o qual o flagelo da dor infinita lhe são prenúncio num preâmbulo da loucura.

Quando sangram emana luz, é como se ao defecarem saíssem pétalas de rosas, e quanto sua imortalidade é suplantada fatalmente morrem num brilho ardente que é liberado matando todos que veem. Terrível e inexoráveis! Eles são inimputáveis, invulneráveis, intocáveis e tem o superpoder misterioso e privilegiado de curvar a luz, as leis físicas, as profecias bíblicas, a verdade e a lei humana a sua volta em seu favor. Eles podem qualquer coisa comigo pois eles têm esse direito acima de qualquer direito que ache ter! É um direito divino que rivaliza com o próprio Altíssimo! Não se podem contrariar, negar, ou desobedecer ainda que contra qualquer moral, ética ou lei conhecida o qual são maiores e estão acima, resta a humanidade apenas se submeter e rastejar clamando misericórdia em adoração pois eles são deuses moribundos a condenar esse mundo.



Os relatos a seguir são meu vivo testemunho no ápice de minha dor como epitáfio suprimido pela lápide onde enfim terei paz. Abandonem sua esperança em Deus, apenas eles são estão aqui, apenas eles têm reivindicam a centelha divina da esperança ainda que lhe sendo oposta, mas apenas caso eles gostem de vocês.

Como arqueólogo minha maior amargura fora minha maior descoberta! Pudesse eu oxalá tornar atrás no tempo e ter não encontrado aquele artefato que prenunciou meu derradeiro fim. Foram nas regiões onde não por menos os medos e terrores humanos circundam, onde um dia fora a Suméria. Aquele sítio arqueológico o qual fui compelido a escavar sob os temores de tiros e mortes apenas ecoavam o que estava por vir, e o qual o artefato fora como um convite as dores e aflições do inferno onde não há portas que levem a paz, amor ou verdade.

Pudera, o poder mais antigo do mundo, responsável pela fundação e destruição de impérios e guardião de uma velha tradição remota os quais os rumores são de servidão e medo num submundo, uma realidade oculta e atroz aos olhos mortais que se o fingir nunca mais serão os mesmos!

Pai de Sodoma, pai de Babilônia, pai do iniquo, mesmo seu Criador em horror lhe abandonaste, agora ai de nós presos nesse mundo com isto!

Ai minha dor e meu arrependimento, antes fosse cego e não me tornasse parte do próprio labirinto infernal o qual me emaranhei. Oh mãe das abominações inimagináveis pois esse poder é de imensurável mal que se liberto arrebatará o mundo ao mesmo abismo em que fui tragado. Mas o que combate a verdade, bondade, honestidade e integridade senão o mal?

Mesmo o Sol parecia se intimidar e não ousava tocar o ventre da terra o qual penetrei, aquela estátua daquele ser o qual a figura me provocava arrepios. Ai de mim por negar meus instintos ao chorar copiosamente de modo reverente ao não seguir em frente.

O ser profano possuía quatro asas, mas na sua frente lhe faltava um terceiro olho. Gelou-me as entranhas ao observar padrões onipresentes em outros mitos desse ser o qual chamam de muitos nomes em muitas épocas e lugares, mas nenhuma verdade, pois ele sim é o pai de todas as ilusões. Tú caíste do céu para apadrinhar todos os mais temerários pesadelos em oposição a seu criador.

Em sua planta havia uma inscrição que como uma cripta prenunciava o ancestral poder do mal onde lá residia que sob um selo os antigos sumérios pretendiam impedi-lo. Agora saberia seu nome verdadeiro, Dor, pois amargura é sua doutrina. A estátua não era tão grande, mas sim suas sombras do medo ante as trêmulas luzes da incerteza que antecedia os mitos de dragões em cavernas.



Mesmo o escaldante sol parecia me perfilar em reprovação quando ao escavar encontrei aquela porta de pedras verdes. Por qual motivo o luxo suplantaria o medo? Que achado, eu pensei, ao tocar aquela formidável estrutura reerguida com afinco pelos antigos, pois aquela cripta era também seu templo por causa de um terror que de tão medonho gerava respeito aos incautos que não quisessem fulminarem no enfado e infarto do medo.

A medida que tirava a terra que encobria a porta que estava inclinada a 45 graus, desvelava-se inscrições em sumério que antecediam mesmo Dante Alighieri em seu bizarro pedido para que os que lá adentrassem abandonassem toda fé e esperança. Mas como fui ignorante em negar tais avisos!

A sua volta, nas laterais da porta, duas grandes gárgulas enigmáticas pareciam proteger suas entradas como Guardiões do Hades, tal como Cerberus no inferno e Miguel nos céus. Como tolo fui em considerar isso como relés mitos o qual as afirmações esparsas no tempo remetiam as desculpas dos cleros para a conversão de cristãos. Soube da pior forma tardia que não!

O caminho dos curiosos, o caminho dos vãos prazeres e desejos moralmente senis, que levavam apenas a seu oposto, mas este tortuoso caminho se apresenta de muitas formas para muitas formas de pessoas, ai dos que virão atrás de mim, antes o Estado Islâmico detone aqui bombas!

Mesmo meu ajudante se recusou falar em minha língua, sua recusa em prosseguir. Mas de bruços deitei-me para que livremente me rastejasse pelas entranhas da terra até o inferno onde o calor não era o amor, mas o que ardia nossos pecados.

O escuro precedia as chamas trêmulas das dores alimentadas com as almas dos condenados, mas faminto como era aquele que lá reina queria mais e mais, não somente tragar almas, mas expandir seus territórios fazendo encima como embaixo.

Tão logo ao acender as luzes da lanterna como fiapo de resistência da esperança, o torpor de odor bolorento me sobreveio como anestesia aos meus sentidos. Tão logo aquela mescla de amônia com enxofre parecia prenunciar improváveis atividades sísmicas na região pois lá não dormia um vulcão.

O medo há de manifestar em todos os sentidos, assim pensei ao ouvir ecos de um grande espaço em seu interior. A medida que avancei agora engatinhando esses sons pareciam remeter o murmúrio de arrependimento de suas vítimas.

São muitas línguas, poucas delas identifiquei, como se ali fossem as fundações da antiga Babel. Mas então um gemido que parecia conter toda dor e prazer do mundo ecoou sentenciosamente silenciando as demais ao dizer num agourento latim: *Periit omni tempore futuro animarum locis.*



Parei por um instante ante meu pulmão agora arfante, minha respiração no medo suplantava minha audição que se recusava ouvir o que ouvia: "Venham almas condenadas de todos os tempos e lugares".

Paralisei, mesmo ante o calor que emergia das vísceras daquele lugar tentei recuar, mas ao puxar as cordas que me amarravam a superfície percebi que eu era um fantoche. Assim gritei, mas não havia quem me ouvisse, assim clamei, mas não havia quem me socorresse. Era o rato na ratoeira, a mosca seduzida pela luz traiçoeira. Nem todos os santos me salvariam das intempéries agourentas que clamavam e chamavam.

Assim vi os primeiros vultos, ou seria minha mente desesperada pregando-me peças? Ecos de passos, cheiro da morte que lá habitava, minha pele ardia com muita intensidade. Fora assim que num desespero escrevi este texto temperado no enxofre do medo. A corda puxava-me para cima, mas o medo me tragava para baixo de modo que não me movia. Chorei, mas as lágrimas a nada resolviam. Minha sanidade se esvaia pois nem a poesia mais bela me resgataria.

Amarrei o texto em papel nessa corda como esperança não de resgatar-me mas salvarem a si mesmos do caminho sem volta onde a prosa se converte em poesia na alforria do mal. Agora eles na superfície como ingênuos pecadores falavam de bombas para libertar-me sem saber o que junto libertaria. Não! Vociferei num último arfar inútil, pois antes que isso lessem e divulgassem, antes que soubessem a explosão todo mal liberaria. Assim as entranhas da Terra se abriam, mas chega a noite, noite o qual a face escura da Terra libera horrores. Deveria ter ouvido os Guardiões do Hades.

<https://gersonavillez.jimdo.com/>





HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Meio sabiá, meio bem-te-vi,
eis um pássaro
que eu nunca vi**



Haikai Engraçadinho

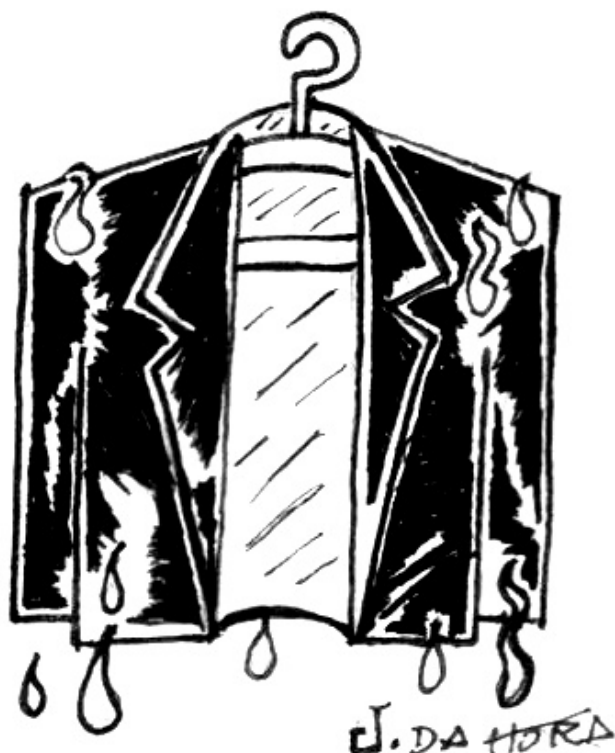
Jorginho da Hora - Simões Filho/BA



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Chuva de inverno
tentei sair
molhou meu terno.**





Hora Morta

Luís Amorim

Oeiras – Portugal

Pela noite dentro, tudo calmo parecia, bem perto do centro onde a vila, diziam muitos, «Já não tem vida», quando «Tudo por ali acontecia» no antes longínquo. Agora, no então de enredo e com a presente calma no papel, referia este que os sonos duravam até ao ser dia sem interrupções que assinalassem a mais pequena agitação. Mas certa noite, que o jornal local à presente consulta não soube com precisão esclarecer por se tratar de crónica assinada sem complemento de data quanto aos verídicos, escrevia-se, acontecimentos, o chafariz próximo da residência em questão começou do nada a largar gotas com dezena de segundos aproximados, para o sonoro recipiente. Encontrava-se dentro de pequeno jardim, fechado apenas durante a noite ou talvez não, quando no diurno era obrigatória visita de turistas procurando uma recordação junto do histórico monumento. Já não tinha água corrente, daí que começar de madrugada a revelar a sonoridade da mesma perante sonos que se pretendiam descansados, seria de todo completamente inesperado. Mas foi isso mesmo a suceder, fazendo crença na tal crónica, sobre acontecimentos de eras outras. A família acordada no de repente foi, sobressaltada para fora de casa, na de chafariz direcção com a rapidez que a água determinava ao sonoro cair. Uma vez ali chegados e quando o relógio marcava três ponteiros na fria madrugada, parou



a queda de água pelo chafariz então determinada. Voltaram para dentro de casa, no convencimento que poderiam enfim descansar sossegados no dormir entretanto interrompido. Puro engano. Mal se deitaram, casal e filha, sentiram de imediato água caindo no estrondo da noite sem esse maçador pormenor, agradavelmente silenciosa. E assim foi pela madrugada dentro, impedindo o sono de vencer em prol do merecedor descanso. O dia seguinte decorreu com normalidade até à chegada pela noite, com a madrugada a dar sinal, de mais água caindo «No sítio do costume» pelas três horas no seu iniciar. Nova precipitação exaltada até ao chafariz para este se calar no jorrar de água, gota a gota sem piedade quanto ao sono familiar. Novo conformar de situação aparentemente inexplicável por ser às três exactas horas de cada nova madrugada, «A hora morta» dita pelo pai de família que, durante o dia foi investigar o que lhe foi possível na biblioteca local sobre «O impiedoso monumento», onde leu sobre invocação maligna naquele mesmo lugar algumas gerações antes. Resolveu então solicitar a presença de amigo sabedor do ritual de exorcismos para solucionar o problema, convencido de ser esse o mais acertado no agir que teria forçosamente de acontecer. Ritual feito pela exacta hora maligna e consequência esperada de não mais cair gota de água qualquer. Só que na seguinte noite, elas, as gotas voltaram a fazer-se ouvir. Com rolha pronta a ser encaixada, mesmo à real medida, o cair de água cessou e assim pareceu à família o tranquilo final de estória. Mais dia outro até à nocturna ocasião por acrescento de enredo e na vez essa à de costume hora, as três, o ruído outro era que levou a família a conferir com exaltação o que então se passava. Era o padre em estranho ritual ou talvez não, com um exorcismo aparente, o qual para espanto familiar, afirmou na sua forte convicção ser o oficial que, independentemente da ocasião e dos seus envolventes, unicamente resulta e bem no sempre que for preciso.





Ingenuidade

José Manuel Lucas Pascoal
Portugal

Um tempo houve
Em que me fizeram decorar
A tabuada
E o nome dos doze apóstolos.

Naquele tempo,
Não havia neve
A não ser nos postais ilustrados
E nos cinemas de Belém.

Naquele tempo,
As igrejas eram frias
Como túmulos
e cheiravam a excrementos.

Um tempo houve
Em que não pensava nisso.





Juvenal e o Entregador de Pães

Regina Ruth Rincon Caires

Araçatuba/SP

O dia de Finados estava se aproximando...

Época do ano que rendia um ganho a mais para Juvenal, e que o ajudava a remendar as dívidas. Era pintor de parede, ajudante de pedreiro, enfim, era o que precisava que fosse. Pau pra toda obra! O que não lhe faltava era disposição. Homem de meia idade, sem estudo, nascido e crescido por ali. Benquisto, transitava bem entre todos os moradores da vila.

O cemitério, que ficava na saída da vila, na parte alta, podia ser visto de longe. Era imenso, todo cercado com muro de tijolos. Dentro, muito espaço. A pequena capela ficava perto do portão de entrada, e, por toda a volta, túmulos largamente espalhados. No fundo do terreno, uma área enorme, desocupada, reservada para servir aos futuros funerais por muitos e muitos anos.

Alguns jazigos eram religiosamente cuidados durante todo o ano. As famílias visitavam seus mortos semanalmente, quinzenalmente. Limpavam, podavam as plantas que cercavam as sepulturas, cuidavam da pintura quando descorada. Esses jazigos sempre estavam impecáveis! Os demais ganhavam trato apenas na época de Finados. E sempre havia muito trabalho. As chuvas, com as suas enxurradas volumosas, levavam a terra, as calçadas e os tijolos das sepulturas. E havia, ainda, as rachaduras provocadas pelas acomodações do terreno. Além disso, o sol impiedoso descorava as pinturas, deixava tudo muito triste, desgastado.

Naquela época não havia floricultura nem flores plásticas. As flores, que eram colocadas nos túmulos, eram colhidas nos quintais das casas. As famílias as levavam no amanhecer do dia de Finados, e eram colocadas em vasos com água, sem a menor preocupação com doenças. Não se falava em dengue.

Se não fosse dessa maneira, recorriam às flores de papel crepom e de pano, feitas em casa, ou às coroas de flores de lata. Compradas na funerária,



pedidos feitos de acordo com as encomendas, essas coroas eram do tamanho de um aro de bicicleta. Tinham as folhas e flores feitas de lata, material parecido com o zinco, todas recortadas, trançadas, presas nos fios de arame que formavam a circunferência. E pintadas à mão.

Essas coroas resistiam por anos e anos, mas desbotavam. Então, anualmente elas recebiam uma demão de tinta. Tinta a óleo verde para as folhas, e as flores sempre vermelhas, amarelas, ou brancas. Eram essas as cores que Juvenal usava. Não colocava outras cores. Nem sei se havia...

Nunca ninguém ousou misturar o vermelho com branco para fazer a flor rosa. Vivi essa realidade por anos e anos a fio, e nunca vi uma flor de lata pintada de outra cor que não fosse vermelha, amarela, ou branca.

E todos estes serviços, desde o aterramento dos túmulos até a pintura das coroas de lata, tudo era feito por Juvenal. Bastava olhar o túmulo no dia de Finados. Pelas cores da coroa era possível saber se tinha, ou não, recebido os cuidados do Juvenal.

E, para dar conta de todo esse trabalho, Juvenal começava com muitos dias de antecedência. Primeiro fazia os serviços mais grosseiros. Aterrava, consertava as calçadas, recolocava os tijolos que faltavam, recompunha os túmulos com rachaduras, cuidava dos rebocos, da pintura dos jazigos. E eram muitos... Dezenas e dezenas deles. E, por último, ficava o serviço de pintura das coroas de lata. Que também eram muitas... Dezenas e dezenas delas.

Trabalhava das seis da manhã às seis da tarde. Levava a comida num caldeirão com tampa, assim não perdia tempo em voltar para casa no meio do dia. E como trabalhava!

Particularmente nesse ano, nesse período de Finados o trabalho estava atrasado. Talvez pelo calor excessivo, talvez por ter assumido mais tarefas que nos anos anteriores, ou até mesmo porque Juvenal estava mais velho, mais lento. Enfim, não importava a razão, o que importava é que o trabalho estava atrasado, e precisava ser feito em tempo.

Assim, na véspera, faltando um dia para Finados, Juvenal, que precisava finalizar a pintura das coroas, e sabendo que para isso precisaria de mais horas



de trabalho, decidiu que pintaria durante toda a noite. E assim fez. Afinal, uma noite em claro não o prejudicaria em nada.

Quando começou a escurecer, pediu ao coveiro que, antes de sair, deixasse acesa a luz do poste ao lado da capela. Juntou ali as coroas ainda a serem pintadas, as tintas, os pincéis, a moringa com água, e continuou seu trabalho.

Estava uma noite tranquila. Apesar do calor insuportável do dia, a brisa da noite era fresca. Noite escura, sem lua. E Juvenal trabalhava sem parar...

Lá pelas cinco horas da manhã, contente por estar chegando ao fim da empreitada, começou a ficar incomodado. Estava com fome, e não havia nada para comer. Tinha trabalho para mais duas horas, mas estava com fome...

Sem parar com as mãos nos pincéis, pensava, insistentemente, numa maneira de arrumar alguma coisa para comer.

De repente, ouviu o trotar de um cavalo bem distante. Longe, bem longe...

Apurou os ouvidos, e percebeu que era a carroça do entregador de pães. Isso mesmo! A padaria do Seu Miguelão Português, única da vila, oferecia esse serviço. Os pães eram feitos na madrugada, e o empregado saía com a carroça para fazer as entregas nas casas dos fregueses mensalistas. E também vendia pães para quem os quisesse comprar.

Era uma carroça pintada de branco, feita de folha de flandres, ou de zinco, fechada, com portinhola na parte de trás. Nas laterais havia o desenho de um imenso bigode preto e uma boca com um discreto sorriso. Coisa do Seu Miguelão Português, que nem tinha bigode!

Em cada entrega, o empregado parava a carroça, descia, abria a portinhola traseira, acondicionava os pães em sacos de papel, e os colocava no embornal pendurado no portão, ou na porta, ou na parede da casa do freguês. Sempre havia um embornal esperando. E, muitas vezes, o próprio freguês estava de pé, aguardando na calçada.

Serviço trabalhoso e demorado.

Juvenal se animou. Afinal, quando a carroça passasse por ali, ele poderia comprar dois pães e aplacaria a fome. E continuou pintando enquanto esperava



que o entregador rodasse pelos quarteirões, e finalmente descesse pela rua do cemitério. Não podia perder tempo!

Quando percebeu que a carroça estava bem próxima, Juvenal correu para o canto do muro do cemitério, subiu num cavalete de pau que ficava ali, e com a cabeça acima do muro, ergueu os braços e começou a balançá-los no ar para chamar a atenção do entregador de pães, sem que precisasse gritar. Afinal, ainda estava escuro, e muitas pessoas ainda dormiam.

O cemitério ficava num terreno bem alto, a rua da frente era de terra, forrada de pedriscos e cascalhos soltos, e formava uma ladeira em direção da vila.

Costumeiramente, quando o entregador de pães passava diante do cemitério, um tanto ressabiado, naquele lugar ermo, numa noite escura, tratava de fustigar o cavalo para que fosse mais rápido. Ao começar a descer a ladeira, vislumbrou no canto do muro a cabeça de Juvenal, os braços erguidos sendo sacudidos no ar... Na escuridão não dava para saber quem era quem. E ele nem queria saber... Ficou endoidecido! Soltou as rédeas, levou as mãos à cabeça, enfiou os dedos pelos cabelos e destampou a gritar. Urrava de pavor...

O cavalo, com as rédeas soltas, desembestou numa carreira doida ladeira abaixo. A carroça quase nem tocava as rodas no chão. Voava! E foram tantos solavancos que as amarras se soltaram, a carroça se desvencilhou, tombou. O entregador de pães, aos berros, foi arremessado longe, caindo sobre uma moita de capim. E berrava. Sentado, com as mãos enfiadas nos cabelos, os olhos estatelados, gritava...

Juvenal, atordoado, continuava no canto do muro, também com as mãos na cabeça. Tudo aconteceu tão rápido... Só então percebeu que havia assustado o entregador de pães

Como estava sem a chave do cadeado do portão, o coveiro o deixara trancado, Juvenal fez um esforço danado para pular o muro e ganhar a rua. E, no escuro, saiu à procura do entregador de pães.



Orientado pelos gritos, foi chegando perto. O cavalo escafedeu-se. A carroça estava ali, virada, de rodas para cima, pães esparramados pela rua inteira misturados com a terra, com o cascalho, uma desordem absurda!

Tateando no escuro e guiado pelos berros, avistou o entregador de pães. Esgoelando, ensandecido! E procurou aproximar-se, devagarinho...

Quanto mais se aproximava, mais ele berrava. E foi chegando gente... O entregador de pães acordara toda a vizinhança. Acho que toda a vila, tamanha a multidão que se juntava!

E todo mundo ali querendo saber o que estava acontecendo, o entregador se esgoelando, arrancando os cabelos, e Juvenal no meio daquela doideira. Numa encabulação que fazia pena!

Juvenal implorava ao entregador de pães que se calasse, ele queria explicar o que havia acontecido. Queria falar que foi ele quem acenou no muro do cemitério, que estava com fome, que estava trabalhando... Mas, que nada... Inútil. O entregador de pães só queria gritar...

O dia estava clareando, e Juvenal continuava ali, sentado no capim, olhando para os pães espalhados pela rua, na terra. E o entregador, aos berros.

Foi chamado o Seu João da botica, o único farmacêutico da vila. Ele tentou, por inúmeras vezes, falar com o entregador de pães. Inutilmente... Então, à força, cinco homens o imobilizaram e o levaram para o posto de saúde. E ele, gritando.

Pelo que se conta, ele gritou por dois dias e duas noites, até que a voz acabou. E, por muito tempo, acordava no escuro da noite e punha-se a gritar.

O entregador de pães se foi há muito tempo, mas durante o tempo em que viveu depois daquele dia de Finados, nunca mais foi o mesmo.

E Juvenal, que se foi um pouco depois, nunca conseguiu explicar ao entregador de pães o que realmente acontecera naquela madrugada. Sempre que tentava, o entregador se transtornava, e os gritos voltavam. Então, ele desistiu.

Deixou por isso mesmo...



Máscaras e Vidas

Letícia Ucha

Porto Alegre/RS

João Santos, esse era o nome deles. Nasceram no mesmo dia e hospital. Suas mães tinham o mesmo nome : Maria. Ambos eram de pais desconhecidos. Estudaram no mesmo colégio. Moravam na mesma vila. Jogavam no mesmo time. Até a fisionomia era parecida: estatura mediana e cabelos ondulados. Não eram parentes mas há quem jurasse que fossem.

O tempo foi passando até que chegaram a idade adulta. Algumas semelhanças continuaram mas o caráter era totalmente diferente.

Enquanto um tornou-se um trabalhador honesto, o outro vivia de trambiques até juntar- se a um bando. Seu nome vivia nas colunas policiais o que no primeiro momento causava constrangimento a seu homônimo.

O João do Bem como era conhecido por alguns tinha um irmão deficiente, o garoto Ismael.

Um dia durante uma perseguição policial o João meliante foi refugiar-se na casa de seu xará. Durante o tiroteio o menino foi atingido. Levado às pressas ao hospital pelos próprios brigadianos não resistiu e faleceu. Enquanto isso, o bandido conseguiu escapar.

Um vazio e uma dor enorme surgiram para seu irmão João que jurou que vingança. Seu Zeca, jornalista, sempre consolava o amigo dizendo:

-- Não se preocupe: a vida tratará de fazer justiça! É como aquele ditado: " A vida é um restaurante, ninguém sai sem pagar a conta".

Anos passaram. João foi trabalhar em outra cidade na outra ponta do país. Era época de Páscoa e conseguiu um bico andando fantasiado de Coelho distribuindo chocolates.



Foi quando avistou seu desafeto : João entrando na loja de chocolates Este bem vestido, casado e usando outra identidade. Em seu cartão de crédito constava seu novo nome agora era Roberto Strauss.

João sentiu um mal estar e a vontade foi de reagir. Aproximou-se de “Roberto” e deu chocolates ao seu filho. Ouviu este comentar que passariam a semana da Páscoa na cidade.

João voltou para casa e teve um plano: levou uma faca para o trabalho no dia seguinte.

A loja de chocolates ficava na praça central da cidade serrana. Quando avistou Roberto/João passou a segui-lo. O que causou estranheza ao gerente da loja porque o Coelho não poderia afastar-se da entrada da loja.

Roger, o gerente, o chamou mas ele continuava a segui-lo em passos rápidos. O alvo notou e começou a apressar o passo. Algo estranho estava acontecendo. Dobrou numa rua deserta. João tirou a faca de dentro da fantasia de coelho: fixou o olhar em Roberto que não estava entendendo nada. Quando ia desferir um golpe , desistiu . Antes de dobrar a esquina , tirou a máscara e olhou fixo a Roberto/João. Este não teve reação, mas o reconheceu.

No dia seguinte haveria uma corrida de cavalos. Roberto foi apostar, e estava atrasado. Correu até a fila de apostas do hipódromo e resvalou no chão que acabara de ser limpo. Bateu com a cabeça e morreu. Uma morte tola para a vida estúpida que levou.





Mente Vazia é a Oficina da Solidão

Éileen Sampaio
Belo Horizonte/MG

Ah, se eu pudesse sumir!
Aproveitar momentos da minha ausência,
Desaparecer da minha presença,
Como eu queria.
Talvez não exista ninguém feliz no mundo porque ele já há de ter sumido.
O que o coração não vê,
A dor não sente.
Mesmo se eu fosse deveras rica,
Deveras sóbria,
Em um momento irei querer ser vista?
Já disse a uma garota uma vez:
"Mente vazia é a oficina da solidão".
Talvez alma eu nem tenha mais,
Apenas corpo que está no lugar errado.
Se eu fosse Dorothy aproveitava o mundo de Oz,
Um lugar desconhecido sem ninguém além de coisas que você crê que não
existe,
alguém deveria avisar ela que por isso ela está lá.
Se eu pudesse sumir,
eu sumia,
Pena que nesse corpo tenho limites
E eu quero ir além.





Metamorfose

Alessandra Soletti

São Paulo/SP

Toda a frase minha
É só uma fase
Porque mudo a toda hora
E agora
Já não sou mais quem eu era
Mas trago em mim uma paixão muda
Que nunca muda
E grita em mim
Para silenciar teus ouvidos
Essa paixão insana
Que me acorda para sonhar-te
E me adormece para te acordar
Mas quando acordo
Tudo muda
Menos você para mim
E ainda que eu mude a toda a hora
Continuo sendo a mesma
Eu só não me reconheceria mais
Se um dia te esquecesse

https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=4193

<https://www.facebook.com/justale>





Meu Peito

André Luiz Pontello Lopes
Ourinhos/SP

O que é isso dentro do meu peito?
Estranhamente conhecido,
aquela velha semente que achei
-Achei-
Que havia perdido...
Lá está.
O que será que o suave vermelho,
sob a alva que tens,
vêm dizer-me nesses seus castanhos?
Talvez seja apenas você se achando
de volta de sua extinta?
Extinta? ou
apenas não encontrada?
O que a semente sua quer aqui no meu peito
- E na minha cabeça?
Peito, fecundo peito,
da muito mais mente,
as maiores ervas e flores que já nutriu
Será que, agora, em busca da minha alma
no seu crescer em meio ao eu?
Apenas após o seus sorrisos e beijos o estimular,
Seu corpo fecundar;
Saberemos se esse broto irá
Nos enraizar.





Minha garota

Hayla Rolli

São Paulo/SP

Minha garota é tempestuosa,
Ela gosta de blues
Mas só ama o álcool.
Seu sorriso é tão sádico
Quando ela me diz
Que sua tristeza não tem cura.
Ela bebe vinho na banheira,
Lê livros de filosofia.
Minha garota ri em funerais,
Ela é o brilho em sua própria escuridão.
Quando me toca eu sinto a sua dor.
Minha garota é tão má
Mas eu a amo
Porque sei
Que sua tristeza não tem cura.

Minha garota é seu próprio Deus
Ela não gosta de regras,
Ela não gosta de nada.
Minha garota mente
Até pra si mesma.
Ela diz sentir
Mas seu vazio
Ocupa todo o espaço.
Minha garota tem a língua afiada
Suas palavras me machucam
Mas ela nunca para.
Minha garota é filha das madrugadas
Ela não me deixa dormir
Porque sua tristeza não tem cura.
Minha garota nasceu assim



Vazia, fria.
Mas ela sempre sorri pra mim do
espelho
Uma velha amiga
Que eu vi crescer,
Que eu assisto morrer a cada dia.
Minha garota tem lâminas
Tem agulhas.
No meu reflexo
Eu vejo seu sangue
Enquanto ela me convence

Que sentir dor
É melhor que não sentir nada.
Todos se cansam da minha garota
Menos eu.
Eu a entendo,
Sinto a dor do seu vazio.
Eu a amo
Porque sei
Que sua tristeza não tem cura.

[https://www.facebook.com/ implacida/](https://www.facebook.com/implacida/)





Mulher

Nercy Grabellos

Rio de Janeiro/RJ

Mulher resplandece
Como um raio de sol
Cuja beleza emudece,
Na paz de um girassol.

Doce criatura, raio de luar,
Ventre fecundo...alegria parindo.
Sempre estarás a brilhar,
Encantadora, caminhando e sorrindo

Os teus anseios, na alegria e na dor,
São doces expressões do amor.
És leve como a espuma.

Só quem te conhece sente,
Como sabes ser amavelmente,
Misteriosa como uma bruma.



Não Sou JOANA, Sou M-A-R-I-A

Iris Franco
Diadema/SP

Fui fazer uma pesquisa no tal do Google e vi muitas coisas que me deixaram bem triste. Primeiramente, meu nome é Maria, M-A-R-I-A Quitéria de Jesus Medeiros, para os que não me conhecem, sou a primeira mulher que serviu as Forças Armadas do Brasil. Resolvi procurar meu nome nessa ferramenta maravilhosa e encontrei diversas referências semelhantes a esta: "Maria Quitéria, a Joana D'arc brasileira". Ok, até aí tudo bem, fui ver quem era a Joana D'arc, mas o engraçado é que não encontrei nenhuma referência em sua biografia dizendo: "Joana D'arc, a Maria Quitéria francesa".

Lutei pelo meu país, lutei por sua independência, pois acreditava que seríamos grandiosos, mas, infelizmente, descobri que a pior escravidão é a da mente: sofremos de baixa autoestima. Não fique indignado, posso demonstrar isso por vários fatos. Por exemplo, somos conhecidos como "o país do futebol, praia e curtição", queremos ser levados a sério, mas nós não nos levamos a sério. Olha o carnaval, coitado! A maioria o encara como uma festa profana e emenda de feriado, mas é muito mais que isso, é uma das maiores manifestações da nossa cultura, ouçam aquelas letras, é pura história! Tudo ali cheira a história! Se nos não damos valor para a nossa maior manifestação cultural, por que exigimos que os outros países encarem diferente? E não para por aí não, o buraco é muito mais profundo.

Vamos acabar com uma discussão secular de uma vez por todas: não foram os Irmãos Wright que inventaram o avião! Eles podem até ter tentado, mas pelo que eu sei, o avião não precisa de catapulta ou força externa para levantar voo. Imaginem como seria engraçado se um MIG ou um caça americano tivessem alguém rodando suas hélices para voar. Os Irmãos Wright inventaram um estilingue gigante, mas o avião foi o Santos Dummont!

E o Roberto Landell, sofredor! Vejo ele quase todos os dias tomando antidepressivos, um cientista arretado! Só que nunca foi reconhecido, ele sim inventou o rádio, não o Marconi, era um cara diferenciado, gostava de homeopatia, psicologia, fica gritando por aqui que até a televisão inventou, mas é um esquecido pelas páginas da história. Mas não precisa estar morto para ser esquecido, ele não é o único não, quero registrar também que o primeiro Smart Car, nasceu aqui, no Brasil, na década de 60 pelas mãos do Ari Rocha, contudo, foi boicotado pelo próprio governo. Ai, chega de estrangeirismos, não é Smart Car, é Aruanda, o primeiro carro inteligente do mundo.



Por falar em esquecimento, nossas histórias também caíram no ostracismo, vejo muitos livros do Arreia Pote, Areia Pote, Rasga o Pote... espera, deixa eu pesquisar aqui no Google. Um minuto... Harry Potter, muito difícil este nome minha gente! Retomando meu raciocínio, vejo muitos livros americanos nas prateleiras, mas nada nacional, as crianças não leem as histórias de Narizinho, Emília ou então, da Caipora ou Saci. Nossa cultura está se perdendo, não temos Trolls na floresta, temos o Curupira! Por isso que tem tanto desmatamento por aí, pois nossas histórias de criança passavam os princípios morais nacionais de geração a geração: "olha, se você queimar a floresta, a Caipora vai te pegar!". Nossa cultura prega nossos valores, estamos perdendo isso.

E não é só isso que estamos perdendo, a educação minha gente, educação é o futuro! A situação está tão grave que a nova geração pensa que o quadrado tem 8 lados! Eu nunca fui muito boa em matemática, mas tenho certeza que tem só 4 lados. Quando não sabemos nem o formato de uma forma geométrica simples há consequências terríveis, como o registro da rapadura pelos alemães ou do cupuaçu pelos japoneses! Tenho certeza que se fosse o contrário não conseguiria registrar a receita de um sushi de salsichão com molho de feijoada. Precisamos de cientistas, precisamos de carros que tenham nosso nome, um nome nacional, precisamos de um navegador que tenha um nome diferente de Google, quero um que tenha um nome nacional, por que não termos um buscador com o nome de Dandara ou Zumbi? Quero exportar um computador chamado "Amazônia" ao invés de importar um "Apple", por que importar uma maçã, quando podemos exportar várias frutas? Somos ricos, muito ricos.

Somos ricos em vários sentidos, já ouviu falar no nióbio? Pois bem, é um metal muito raro usado para construir ligas de aço, é importante na construção de foguetes e supercondutores, 2% deste metal está no Canadá, adivinha onde estão os 98%? Acertou quem respondeu Brasil, exato, Brasil! Todavia, acredito que seja pelo fato de não termos matemática na escola que acabamos vendendo este metal super raro a preço de banana e a banana a preço de nióbio, oooo...meu pai!

Tanta coisa acontecendo e a música se calou, não existem mais músicas como Cálice ou Pluft Plact Zum, agora só se fala de amor. Músicos, vocês são tão importantes, animam nossa vida, precisamos que vocês acordem os jovens não que os alienem mais! Cadê o grito dos jovens? Quando os jovens se calam, existe muita coisa errada por aí. Eu, desafiei meu pai para lutar na guerra, que só voltou a falar comigo porque Dom Pedro I enviou ao meu pai uma carta pedindo que me perdoasse pela desobediência.

Precisamos dos rebeldes!

Por fim, deixo a minha maior indignação por último. Falei de várias coisas que os brasileiros esquecem, mas mesmo as coisas mais esquecidas, são mais



lembradas do que as mulheres ao longo da história. A Constituição Federal de 1988 diz que todos são iguais perante a lei, mas só perante a lei, né? Vejo os livros de história, literatura, dentre outros, não vejo capítulos dedicados a mulheres, nada! Olha eu, nem ganho uma nota de rodapé! Aposto que se continuasse fingindo que era o Soldado Medeiros, meus feitos heroicos estariam estampados em vários lugares.

As mulheres tiveram que enfrentar várias barreiras, inclusive a de serem ouvidas. Muitas conseguiram ser ouvidas, mas agora precisam enfrentar outra grande barreira, a de serem lembradas. Lendo um livro de literatura ou história, parece que desde o Big Bang, só existiram homens, onde estão: Carmen Miranda, Raquel de Queiroz, Chiquinha Gonzaga, Anita Garibaldi, Hipólita Jacinta, Nísia Floresta Augusta, Maria Firmina dos Reis, Maria Amélia de Queiroz, Leolinda Daltro, Maria Lacerda de Moura, Cecília Meireles, Tarsila, Pagu, Ana Néri, Maria Lenk, Cora Coralina, Maria da Penha, Bertha Lutz, Mietta Santiago, Celina Guimarães Rosa, Carlota Pereira de Queiroz, Laudelina de Campos Melo, Rose Marie Muraro, Shirley Mallmann, Fernanda Montenegro, Hebe Camargo, Leila Diniz, Lota de Macedo Soares, Nise da Silveira, Alzira Soriano, Marília Gabriela, Marta, Zuzu Angel, Thaisa Storchi Bergmann e inúmeras outras?

Os meninos precisam ouvir a história das nossas mulheres, pois quando crescerem aprenderão a importância que tiveram na construção do seu país, saber que mulheres são iguais aos homens, o reconhecimento da igualdade gera o respeito entre os diferentes.

As meninas precisam ter outros exemplos além da Barbie ou ouvir outras histórias além das de príncipe encantado. Príncipe encantado não existe, mas a coragem, inteligência e a capacidade sim, e devemos incentivar nossas pequenas mulheres a se tornarem grandes mulheres.

Pronto, desabafei!





Não(,) era pessoal.

Pedro Henrique Silva

São Paulo/SP

João Marcos não queria magoar ninguém. Não queria irritar, incomodar, chatear ninguém. Ele não era mau. Não era uma pessoa ruim, mas sabia que ele vinha em primeiro lugar sempre. Até porque, alguém tinha que pensar nele, né?

Na verdade, ele já tinha passado da fase do “Estou fazendo pelo bem da escola”. Ele sabia muito bem do mal que tinha causado. Mas sinceramente, essas pessoas iam brigar de qualquer jeito. Independentemente de qualquer coisa. Sua presença ali talvez tenha acelerado o processo. Mas a questão era que o desastre estava esperando para acontecer. Tinha muitas questões mal resolvidas, muitas tretas escondidas, as quais uma hora ou outra viriam à tona.

- Jo, você falou com a Fernanda? - disse Júlia com notas de preocupação em sua voz e com cara de choro, enquanto entrava na sala dos professores do Colégio 25 de Abril, às 10h, no primeiro intervalo de uma sexta feira. Fria.

- Ma, a Júlia tá aí? - disse Fernanda sussurrando, com a porta semiaberta, sem que pudesse ver ou ser vista por qualquer pessoa que eventualmente estivesse na sala, apenas por Marcos, Às 14h, no intervalo da tarde da sexta-feira. Um pouco mais quente.

-Não, não. Mas assim, ela não quer conversar com você, você sabe, né? - perguntou João Marcos.

-Ok. Então, tipo, eu tô bem triste com ela. - disse Júlia - Ela nem olha na minha cara. Eu não falei nada dela. Juro que não! Poxa, precisamos conversar, sabe? - perguntou ela quase que chorando.

-Mano, eu quero falar umas verdades para aquela traíra. Dizer sobre mim e o Paulo pra Marta? Tipo, ela ferrou com ele, comigo... E só pode ter sido ela, né?

-Você quer saber o que eu acho? - perguntou João Marcos.

-Claro, Jo - respondeu Júlia.

-Fala, Ma - respondeu Fernanda.



-Conversar agora não vai adiantar nada. Ela é desse jeito mesmo. Me surpreende muito que você nunca tenha visto. - disse João Marcos.

-Pois é - falou Júlia olhando para o chão - Mas de onde ela tirou que fui eu que contei? Tô achando estranho. Ela pensar isso de mim, sabe?

-Mano, só pode ter sido ela. Só contei pra ela. Só ela sabia. Tipo, só se alguém tiver visto... - disse Fernanda tentando puxar da memória se algo de estranho tinha acontecido nas últimas vezes que beijou Paulo na escola.

-Não! Eu acho que era ciúmes. Vai ver ela quer o Paulo pra ela e achou que ia afastar ele de você assim.

-Inventando que fui eu que falei? - perguntou Júlia

-Fazendo ele perder o emprego? - perguntou Fernanda.

-Sim - Respondeu João Marcos.

-Mas por que ela acha que eu quero o Paulo? - perguntou pensativa - Será que o Paulo contou pra ela de nós no ano retrasado? Na confraternização de fim de ano?

-Faz sentido. Lembra que você me contou que ela já tinha tido um rolo com o Paulo um tempo atrás?

-Pode ser, pode ser. Bom, eu aconselho que vocês não se falem mesmo. Só tem raiva aí e tal. Inveja, medo. O que de bom pode sair? Vocês vão acabar se matando. Aí as duas perdem o emprego.

-Pra mim não faz sentido não conversar, sabe? - perguntou Júlia muito confusa. - Você tem razão, Jo. Puts, acho que você é meu único amigo aqui. Eu, o Paulo e a Fernanda éramos tão próximos, sabe? Tipo, acho que você nem sabe porque foi antes de você chegar. Mas a gente se dava tão bem. Eu gostava que os dois estavam juntos. - disse Júlia esboçando um sorriso pela primeira vez, enquanto pegava na mão de João. Para depois soltar e fechar a cara de novo- De verdade. Aquela vez que a gente se beijou faz tanto tempo. E a gente tinha bebido pra cacete.

-Exato, Ma. Bom, valeu, viu? Se não fosse você me falando eu acho que ia achar que alguém tinha visto a gente junto. Vê se pode? Tá na cara que foi ela.



Acho que você é meu único amigo aqui agora. - Disse Fernanda sorrindo. Enquanto segurava a mão de João.

-Magina, miga. Tudo certinho. Sei lá. A gente tem que se ajudar aqui. Melhor coisa que vocês fazem é cortar a relação. Ou esperar umas semanas pra falar de novo. Se bem que, pra que você quer alguém tão ciumenta, injusta com você? Que não torce por você. Eu acho que vou continuar falando com ela. Até pra saber o que ela fala de você por aí. Mas relaxa, viu? Você tá mais do que certa.

-É, você tem razão. Obrigado e boa aula. - disse Júlia quando o sinal tocou.

-Sim, tá certinho. Valeu. Té mais. - disse Fernanda depois que o sinal tocou.

-Tchau, linda.

"Elas iam brigar de qualquer jeito", pensou João Marcos, "Eu tinha que contar pra Marta. Onde já se viu, namorar com colega de trabalho? Na escola ainda por cima. E se meus alunos vissem? E se a Júlia descobrisse que fui eu? Aliás, eu acho que ela mesma ia falar logo logo com a Marta. Ela é tão certinha. Eu tô é me protegendo, protegendo esses alunos e as duas também. Elas deram foi sorte que o Paulo disse que roubou o beijo. Elas vão brigar e vão ser demitidas. Não é nada pessoal, mas tem coisas mais importantes que amizadezinhas, né?" Pensou enquanto ia até sua sala sabendo que tinha feito a coisa certa.





Ninho

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere
Baião- Portugal

Chora a mãe o seu menino querido
A natureza para e emudece
Na roda do tempo o quadro enaltece
Mundo gira a desoras aturdido.

Chora a triste mulher seu pequenote
E em tal pranto genuíno tanto encanto
Tanta emoção dispara com seu canto
No estremecer do entranhado filhote.

Lágrimas vertidas sangue em cachão
Sem torniquete que valha ou garrote
Sentimentos soltam-se em turbilhão.

Salvo o petiz enrosca-se no colo
Nos soluços da mãe beija-lhe a mão
Qual ninho tão macio em que se enrola.





No Canto da Boca

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

O amor é inocente
Coerente e pudente.
Ah... Só no início...
A primeira vez...
Amor à primeira vista
E olho no olho...
Primeiro beijo inocente no canto da boca.
Quase na boca!
Inocência que causa calafrios no pescoço.
Afrodisia oculta e um desejo louco.
Aquele toque na cintura que quase não dura...
E esses pensamentos obscenos!
Que duram quase uma eternidade de 'um' segundo.
Não posso!
Me contento somente com um beijo inocente no canto da boca.
Com muito sacrifício escondo o meu obsceno desejo...
E essa paixão cega e louca!





Nunca terá um nome

Hianca Santos Silva
Feira de Santana/BA

Eu sempre narro as minhas crises a algum papel
e detesto reler meus desabafos
porque no fim da minha narrativa
na síntese dos porquês
não existe nada.

O estalo.
O despertar do horror de tudo quanto cerca
para a consciência do nada quanto afasta.
Na pulverização do entendimento
o sentido se desfaz, tamanha inconcretude.

Na marcação do soluço
o movimento da lágrima e o tom da dor
numa canção constrangida
que nunca terá um nome
porque eu jamais aceitaria o descontrole
e por isso mesmo é que ele nunca se anuncia.

Sempre com a disposição dos provocadores
me propõe o desafio da entrega
me deixa crer na autonomia
e sequer faz ameaças de retorno
mas sempre volta pelos meus olhos.

Tem que ser circunscrito
tem que ser narrado
porque é na palavra que ele se esgota.
E então, eu rasgo.

<https://www.facebook.com/hianca.santos>



O Dia do Altar

Alex Rosa
Jundiaí/SP

O violino toca o tema, a música de entrada.
A espinha arrepia, a euforia se cala.
Ele está sério; ela, linda - os olhos marejam.
Toda de branco, segura o buquê e o choro.

A música cessa, aumenta o júbilo.
Os lábios tremem, os medos se misturam.
De um lado alegria; do outro, anseios.
Quantos cálices envoltos a um par de alianças?

Votos de felicidades, ato solene.
Sob os olhares de inveja, mas de boa fé.
Protegidos por mãos que abençoam
Trocamos sorrisos, verdades e mentiras.

Ao beijo, o medo se desfaz.
Fica a certeza das dúvidas criadas
Amar até o fim? As palavras não saem
Nenhuma certeza de felicidade no amém

As línguas afiadas em lugar santo
Torturam anjos e querubins
Vínculo conjugal condenado ao fracasso.
Sobre o altar; ela acredita, ele nega com seu sim.



O Espelho e o Tempo

Isabel Cristina Silva Vargas
Pelotas/RS

Ela sentou-se à frente do espelho. Não como fazia quando era adolescente que procurava ver se estava bem, toda vez que passava diante de um, fosse pequeno ou grande. Obsessão de todo jovem para sentir-se seguro.

Agora era diferente. Era uma pessoa madura, em outra época da vida, com muitas vivências de todo tipo. Perdas, ganhos, alegrias, tristezas, coisas naturais da existência.

Ao primeiro olhar não se assustou. Viu uma imagem serena. Não acabrunhada pelos anos, mas de quem está em paz. Só os tolos acreditam que a vida é feita de felicidade eterna. Não, a vida é feita momentos, Temos que esgotar todos eles, tanto os bons como os ruins para passar para nova etapa. O que vê, então é uma imagem e um olhar de aceitação. Da vida e das consequências dela.



Quando jovem todos elogiavam sua beleza. Hoje já não tinha mais a pele viçosa, mas não era de todo ruim. As sobrancelhas um tanto arqueadas como a indagar da vida e de si mesmo o que viria a seguir. Estava preparada para o futuro. Já havia feito um lastro de emoções que lhe davam força para enfrentar novos desafios. Só quem está morto não sofre. E se o sofrimento aprimora, ela se sentia aprimorada pelas atribulações que a vida a presenteara. Já não tinha a boca marcada como de outrora e as linhas de expressão estavam mais marcadas. Mas isso significava que ela tinha vivido o suficiente para armazenar experiências diversas, um aprendizado relevante o que a tornava uma pessoa interessante no trato com os outros.

Apesar das dores e tristezas era uma pessoa que cultivava a esperança e a alegria. O Olhar ainda conservava certo brilho. Ainda sorria com o olhar. Sentiu-se satisfeita com o exame e o próprio sorriso no fundo dos olhos esverdeados onde enxergava sua alma.

Deixara um rastro de alegria, amor, amizade, perseverança, gentileza em seus locais de trabalho, em suas relações pessoais de amizade, familiar e sentia-se uma pessoa bem amada, bem sucedida e satisfeita. Vivia perto da família, ainda tinha muitos planos para o futuro e muitos sonhos a realizar. A imagem no espelho se mostrava por inteiro e sem subterfúgios. Não tinha nenhuma maquiagem a disfarçar nada e o resultado a deixava em paz. Sua alma está em paz. Podia perceber tudo isso sem mágoa ou angústia. Estava pronta para seguir em frente e desfrutar o que a vida ainda podia lhe apresentar. A reflexão era produtiva. Descansada fechou os olhos e suspirou tranquila. Não precisava buscar mais nada no espelho. Estava tudo gravado em seu coração.

<http://isabelcsv4.blogspot.com/>





O Furto do Relógio

Erick Bernardes

São Gonçalo/RJ

Babá desceu saltitante a pequena ladeira da vila na qual morava. Diferentemente dos dias mais comuns, aquele 3 de março afiguraria data especial ao novo morador do bairro da Ponta da Areia. Pois é, especialíssimo dia, porque era aniversário da sua melhor amiga. Consequentemente, Babá precisava comemorar a data, claro, seria mais que obrigação. Para que servem os amigos né? Marlene completava dez anos de vida, idade gostosa de se ver, uma prévia da adolescência. Urgia então dar um presentinho à sua preferida de aventuras, ou melhor, presentinho não, linda como era, decerto deveria ostentar uma joia no pescoço. Mas não deu. Nem tudo é como se deve ser. Mudanças de planos com fins de agradá-la. No máximo Babá conseguiria surpreendê-la com um relógio dourado da marca Tecnicolor. Coisa fina mesmo, utensílio moderno de fato. “Marlenezinha merece o mais legal desses relógios da moda”, afirmou. Verdade, daria de bom grado presente de ponteiros gigantes, tipo bem agigantado e bom — e o gesto de presentear revelava-se também certa intenção galante. No entanto, intenções à parte, furtar bens de outrem nunca deixou de configurar crime, independentemente, um crime. Se a amiguinha descobrisse a maneira delinquente de que Babá investiu-se no intuito de mostrar-se um colega atencioso, uhmmm, daria confusão! Mas que bom que não soube, graças a Deus, porque elazinha não merecia frustrar-se ao conhecer os meios pelos quais o amigo galanteador obteve o brilhante relógio.

Na frente da catedral transitavam pedestres atarantados com o tempo espremido da manhã de sexta-feira. Niterói em dia útil aparentava formigueiro alvoroçado já naquele tempo, imaginem agora. Desnecessário comentar que ninguém preocupava-se com o derredor. Andava-se anestesiadamente com os horários constrictos na cidade de Arariboia. Modernidade sempre foi isso, o tempo voando, tendo como companheiro o tilintar baixinho dos marcadores mecânicos do tempo. O toque-toque dos solados dos sapatos imprimiam o ritmo do trabalho urbano e urgente, gente e mais gente traçava paralelos nos calçadões. Sim, toque-toque no concreto da calçada, pedestres movendo-se tal qual autômatos — e o tique-taque dos relógios a dosar obrigações transeuntes. Todos com afazeres para o quanto antes. Toque-toque. Apressadíssimos. Entre os espaços urbanos, o tempo a correr intransigente. Tique-taque e toque-toque. Esbarrões de braços, encontrões, esbarrões novamente, “desculpe, perdão, estou com pressa”. Normal, como qualquer dia de trabalho em cidade populosa, tudo



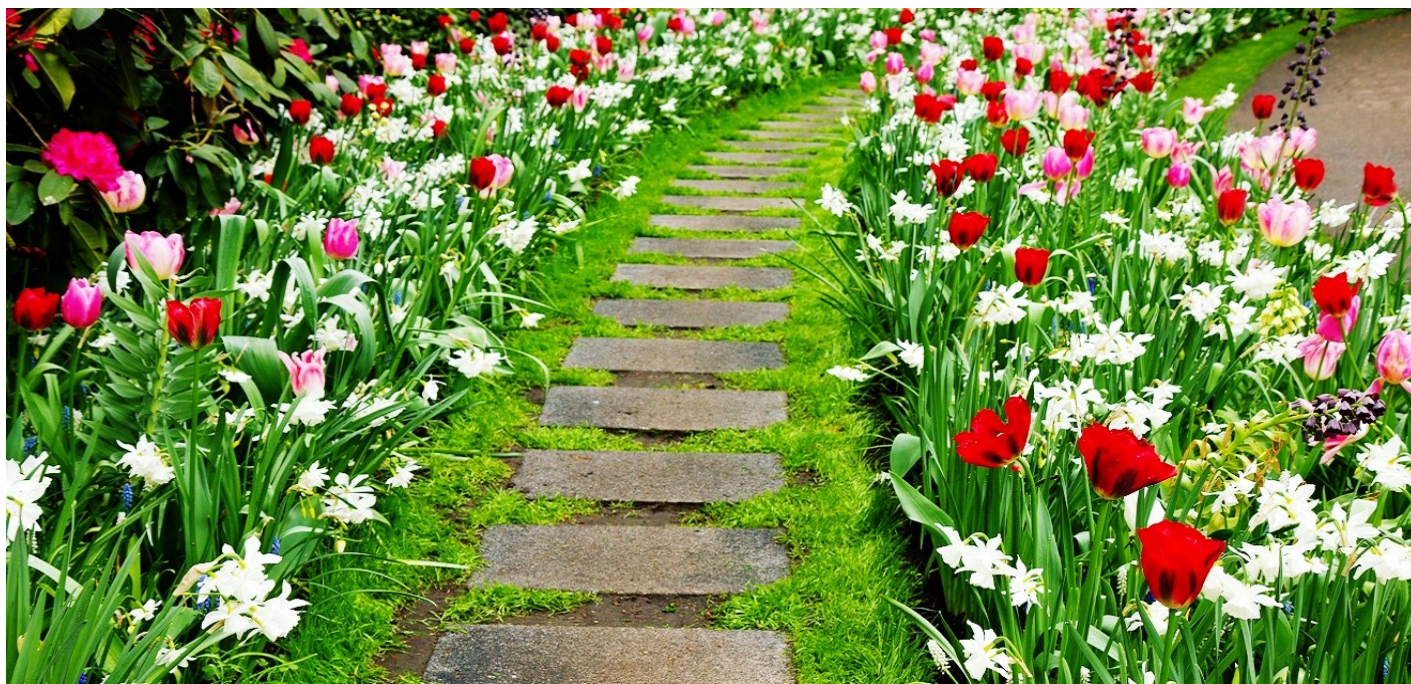
normal. Mas Babá precisava angariar objeto de valor e presentear Marlene. Não demorou muito e achou. Mas achou no braço dos outros, quer dizer, enxergou o relógio bonito do distraído senhor encostado no balcão da padaria Sol e Mar. Verdade, o nome da panificadora que fazia alusão ao verão carioca. Sol e Mar, padaria portuguesa em terra tropical.

Pois bem, dos tempos sombrios da vida na favela maranhense vividos antes de morar em Niterói, Babá guardou lá no fundinho a técnica do furto veloz. Na periferia do Maranhão desculpavam-no pelos roubos porque fazia para alimentar-se, mas depois, qual seria a desculpa para a delinquência? Se as rápidas investidas o sustentaram, dias sem conta na cidade nordestina em que nasceu, a roubar miudezas e matar a fome, desnecessário reconhecer que obter coisas dos outros agora mostrava índole duvidosa. Ladrãozinho de esquina não precisava mais ser, de jeito nenhum, porque tinha mãe empregada e madrinha para esteio. Mas, senhoras e senhores, temos que reconhecer, há momentos na vida que o inesperado nos abocanha, nos surpreende como se fosse bicho a roer calcanhares. Ninguém esperava, não precisava mais roubar! Violar nossa fé na recuperação infanto-juvenil, que pena. Inevitável afirmar, Babazinho roubou de novo, infelizmente, cedeu ao vício da ladroagem e deu o bote certo no punho do homem de terno encostado na chapa de aço do balcão. Coitado! Soturno e bocejante, beirando seus cinquenta e cinco anos, o homem nem bem sentiu a leveza do tilintar da fivela arrebatando. Som quase inaudível, toque leve, barulho de passos de pivete correndo — e susto nenhum. Demorou ao menos meio minuto até a cara amarelada da vítima roubada entender o puxão. Verdade, uma lerteza só.

Do outro lado, o imprevisível do acontecimento, um agente de polícia disfarçado junto à banca de jornal se antecipou. Havia naquele dia emboscada para pegar trombadinhas. Sim, correu e derrubou o pivete morador da Ponta da Areia, o soldado já estava acostumado a seguir ordem do governo ditador. Tempos de ditadura militar: obscuridade e silenciamento. O pivete foi agarrado e jogado na viatura. Solidão de mãe, choros sem conta, e a amiguinha Marlene nunca ganhou de aniversário relógio algum. Em 3 de março, de 1936, aos números de desaparecidos acrescentou-se mais um à lista obscura. Tique-taque, toque-toque, porque a vida continua... e alguém ouviu ao longe um tum-tum meio apagado.

<https://escritorerick.weebly.com/>





O jardim de Ana

Marione Cristina Richter
Venâncio Aires/RS

Era uma vez, ou já foram duas? Na verdade, para Ana já não fazia diferença, o tempo já não corria mais da mesma forma.

Tudo mudou quando ela chegou ao asilo e lhe contaram que ali seria seu novo lar. Conheceu o quarto que dividiria com outra senhorinha, quase surda, que não conversava muito. Sua companheira de quarto falecera duas semanas antes, por isso abriu a vaga.

Mostraram a cozinha, a área de convivência e vários outros cômodos, mas foi quando chegou no pátio dos fundos viu, bem lá nos fundos mesmo, um portão velho em um muro alto. Perguntou o que tinha lá e disseram-lhe que um dia fora um jardim, mas que agora não havia nada.

Os dias se passaram, de forma lenta e arrastada em seu novo lar, onde ninguém vinha lhe visitar. Que tédio! Chateada com estes dias sem fim, foi caminhar no pátio, com seu chinelinho de pelúcia, dores nas juntas e passos curtos. Quando se deu conta estava em frente ao portão velho do antigo jardim e, como não estava trancada, resolveu entrar.



Dias se passaram e era claro a alegria estampada no rosto de Ana, seus olhos brilhantes e seu entusiasmo em retornar àquele jardim todos os dias. Alguns enfermeiros foram até lá para ver o que havia de tão especial que a deixava assim e só viram chão batido e vegetação seca. Por um momento pensaram que estava alucinando.

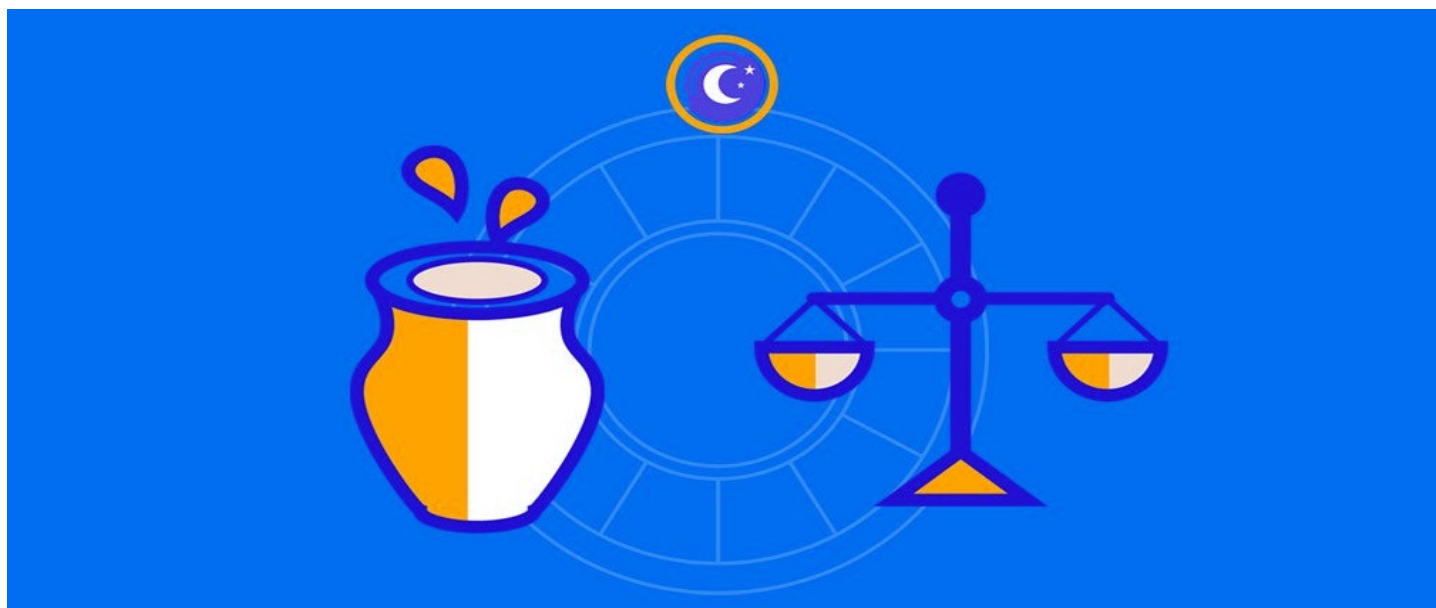
Ana mal se continha, contando as horas para retornar ao jardim. O dia estava nublado, mas isto não era problema e o caminho para o jardim, a cada ida, parecia ficar cada vez mais fácil.

Abriu o portão, passou pelos muros e lá estavam eles a esperando. Em um mundo colorido, com vales, flores e um sol radiante, seus amigos a esperavam. Da esquerda para a direita estava o valente castor Royroy, o charmoso e romântico coelho Sete Léguas e a enérgica guaxinim Xerife. Eles a aguardavam, pois viveriam uma nova aventura, e desta vez teriam que ir em busca do professor, o senhor Tortuga, uma tartaruga centenária e muito sábio. Esta busca seria bem longe dali e para isto iriam de balão que já os esperava, sob o comando de seu novo amigo, o porco espinho Alfinete. Ana já estava pronta para a nova aventura, afinal, neste mundo encantado ela só tinha doze anos, o que mais poderia querer.

Ana se juntou aos seus amigos e subiram todos no balão deixando para trás aquele portão que a levava para outro mundo.

A alguns metros dali, de uma das janelas, uma enfermeira observava a idosa entrando novamente pelos portões daquele jardim abandonado e se perguntando onde estava a graça naquele jardim morto.





O Libriano e a Aquariana

Renan Caíque

Teófilo Otoni/ MG

Esta não é uma história de amor. É uma história sobre um encontro de almas perdidas que após séculos se reencontraram.

Ele amava a noite, ela também. Ele amava o frio, ela também. Ela amava roupas pretas, ele também. Ela era estranha, ele também. Os dois eram jovens que afeiçoados à solidão passaram a maior parte de suas vidas ocultando os seus sentimentos, chorando em seus quartos, onde ninguém poderia ouvir ou ver aquelas lágrimas que refletiam corações já transbordando de tanto reprimirem o que havia em seus interiores. Neste tempo, ainda não se conheciam, caso contrário talvez teriam sido bons amigos e viveriam em uma solidão a dois. Talvez.

Eles se conheceram somente anos depois, quando eram pessoas relativamente diferentes de outrora: haviam feito amizades, tido relacionamentos e experiências que os tornaram mais sociáveis. Porém, as suas essências continuavam introvertidas e à procura de algo que não sabiam.

E mesmo se conhecendo, demoraram para perceber que sentiam algo pelo outro e para expressar isso: era uma felicidade tímida por terem encontrado alguém com quem se identificassem tanto e sentissem uma conexão que nunca haviam sentido antes. O que era esta sensação? Amor? Paixão? Eles não sabiam, era um mistério a ser decifrado.



Mas talvez fosse apenas saudade... Saudade entre duas almas antigas que eram apegadas e em algum momento, há muito tempo, acabaram por se separar, e só agora se reencontravam. E a noite em que descobriram isso – ou algo parecido – foi a mais marcante que ambos sentiram desde muito tempo.

No céu não havia estrelas nem a lua, apenas uma escuridão vazia. Soprava ventos frios e as notas ternas de uma chuva branda dissipavam melancolicamente o silêncio que jazia nas sombras da noite. O jovem esperava ansiosamente no horário marcado de se encontrarem, temendo que ela não aparecesse.

Para sua surpresa, ela apareceu. Trazia um sorriso doce resplandecido em sua face, que aparentava ter chorado há pouco tempo. Suas mãos eram pálidas e geladas, mas o coração quente. Seu rosto era triste, mas belo e delicado como o rapaz imaginava serem os anjos. Sua voz soava como a mais bela canção dos Deuses e os seus olhos castanho-escuro espelhavam uma moça cheia de sonhos e de esperanças, mas também de medos. Os dois se abraçaram calorosamente, o jovem tocando os cabelos cacheados dela, que mais pareciam rios negros e continham um perfume hipnotizador.

Eles conversaram por horas, compartilhando as suas desventuras, rindo das ironias da vida, pensando no futuro, se aquecendo e dançando em uma rua escura e solitária como duas pessoas que em um momento de êxtase não ficaram com receio de parecer loucos. Foi neste momento que aconteceu o primeiro beijo. Mas não foi apenas um beijo! Foi doce, mas ao mesmo tempo intenso; durou apenas alguns segundos, mas pareceu ter se passado horas, e os dois jovens pensaram ficar a noite inteira naquele beijo e até desejaram morar nele; havia algo de encantador e especial que eles não entendiam, até quando o beijo terminou e de repente perceberam:

Eles não eram duas almas perdidas, era apenas uma! Há muitos séculos, quando os Deuses criaram o mundo, criaram infinitas almas, porém algumas poucas saíram diferentes, e os Deuses nunca entenderam por que: elas carregavam tantos sentimentos dentro de si que excediam o que Eles haviam planejado. Para consertar o erro, resolveram transformar essas almas em duas cada, e fazer com que em suas várias vidas na Terra não lembrassem deste detalhe a não ser que se beijassem, que seria algo altamente improvável em um mundo imensurável.

Mas a existência é irônica e repleta de mistérios. E eis que os dois jovens eram uma dessas pobres almas que foram divididas, um elo eterno os unia. Agora tudo fazia sentido para eles. Eles eram apenas um.

<https://pt-br.facebook.com/autorrenancaique/>



O Matemático

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Santos/SP

Por que um homem jovem, saudável, bonito e rico cometeria suicídio?

Luiz Henrique era tudo isso e mais: era inteligente. Todas essas qualidades eram irrelevantes. Aos olhos de Cacilda ele era invisível, e isso selava o seu destino.

Luiz Henrique sofria. Sentia todos os clichês e metáfora que os poetas usam para descrever o coração despedaçado. Fez-se noite em meu viver. Um infarto em meu coração. Noite sem luar. Vaso sem flor. Mar sem navio. Bússola sem norte.

Tudo muito poético e pouco analgésico.

Luiz Henrique resolveu terminar com o sofrimento acabando com sua causa, a vida.

Não às pressas e de qualquer jeito. Com método. Prático, organizado, responsável, Luiz Henrique era quase maníaco por planejamento. O chato perfeccionista. Ser excelente em tudo o que fazia era o seu mantra. Com exceção de Cacilda, o foco na meta desejada sempre o conduzia ao sucesso. Agora, isso não mais importava.

Nosso empresário calculou quanto tempo levaria para deixar tudo em ordem e marcou o dia e o momento exato de sua morte. Sexta-feira, 12 de junho, à meia noite em ponto.

Em primeiro lugar ele lidou com as dívidas. Chamou seu contador e organizou cuidadosamente um cronograma de pagamentos, transferências bancárias, liquidações de títulos e coisas do gênero.

A seguir tratou com o advogado, a quem confessou que pretendia partir para longe por um longo tempo, questões de sucessão, testamento e procurações.



A parte mais difícil veio a seguir. As cartas de despedida a familiares e amigos. Luiz Henrique escreveu a cada um segundo seu grau de afinidade e afeto. Estremecia ao pensar na tristeza verdadeira de seus entes mais queridos, muito mais merecedores de seu sacrifício que aquela pérfida Cacilda.

Elaborou a lista e cumpriu todos os itens.

No dia marcado, voltou para casa, trancou janelas e portas, desligou o telefone, colocou a sua frente os comprimidos fatais, um copo d'água e olhou o relógio. Oito da noite. Muito cedo ainda.

Luiz Henrique tomou um banho, colocou um pijama confortável, sentou-se na biblioteca em sua poltrona predileta e resolver passar as últimas horas lendo.

Um dos assuntos prediletos de Luiz Henrique era a matemática. Em suas horas de folga ele se entretia com enigmas, problemas e equações cabeludas. A amizade com os números era, em parte, responsável pela sua riqueza.

Entre os livros que ele ainda não abrira, encontrou uma preciosidade. Bem ao lado do Curiosidades Matemáticas, que ele saboreara no último semestre, escrito pelo reverendo Charles Dodgson, mais conhecido como Lewis Carroll, escritor das Alices (no mundo das maravilhas e no país do espelho). Que preciosidade era essa? Tratava-se de um trabalho clássico de Kummer sobre o famoso Teorema de Fermat, cuja demonstração os matemáticos procuraram por séculos.

Em 1637 foi encontrada uma anotação em um dos livros de Fermat, uma afirmação hermética, dessas que só aficionados entendem:

"É impossível para um cubo ser escrito como a soma de dois cubos ou uma quarta potência ser escrita como a soma de duas quartas potências ou, em geral, para qualquer número que é uma potência maior do que a segunda, ser escrito como a soma de duas potências com o mesmo expoente".

Ora, a partir desse dia, matemáticos profissionais e amadores procuraram desesperadamente pela resposta, que Fermat não deixara, ou não foi encontrada em seus pertences. Um desses foi o alemão Ernst Eduard Kummer, de cujo trabalho Luiz Henrique comprara uma cópia que ainda não tivera tempo de apreciar. Chegara a hora.



Em breve o moço absorveu-se na leitura. Pelo tamanho do texto, terminaria com folga antes da meia noite.

No entanto, lá pelas tantas, ele tornou-se um leitor inquieto. Levantou-se, pegou um bloco de papel e lápis, escreveu, rabiscou, sentou-se por fim à escrivaninha, pegou tabelas e calculadora, embrenhando-se furiosamente em uma série de cálculos. Conferiu. Exclamou:

- Está errado! Aqui há um erro de lógica. Kummer fez uma suposição e não justificou o argumento.

Ninguém lhe responderia, mas falar em voz alta era um de seus hábitos ao encarar problemas difíceis.

Animado, Luiz entregou-se ao trabalho. Encheu folhas e mais folhas com números, sinais, contas, equações.

A lixeira foi recebendo parte dos rascunhos amassados; muitos foram lançados a esmo pelas mãos frenéticas do jovem.

As horas foram passando.

Pela manhã, um sorriso iluminou-lhe o olhar.

— Encontrei!

Só mesmo outro matemático para compreender seu gozo. A sensação intensa de encontrar-se diante de algo Belo. A alegria de compreender. Vieram-lhe à mente os versos de John Gillespie: "— Put out my hand, and touched the face of God."

Um tanto sonolento, ele espreguiçou-se e olhou pela janela, por onde a luz do sol nascente derramava sombras longas pelo tapete. Na escrivaninha a sua frente avistou os comprimidos, pegou e rolou os vidrinhos entre os dedos. O relógio marcava sete horas da manhã,

- Bem, parece que aquele boboca apaixonado morreu ontem à meia-noite.

Pegou a pilha de cartas, rasgou-as e jogou os papéis picados no lixo.

<http://escritoraporvocacao.blogspot.com/>



O Sádico

**Luiz Go
Jundiaí/SP**

Na capital, um manto cinza cobre a metrópole. As buzinas, os faróis e pedestres dividem espaço num fluxo intermitente. Ao abrir a cortina de seu domicílio gelado, Pedro alarga um sorriso mesmo ao saber que o dia está chuvoso e frio. Decide preparar seu café da manhã com cereais e iogurte, antes de sair à rua para comprar as boas notícias do dia. Pedro coloca sua chave do portão e sai à calçada. Logo ao lado, um moribundo está sentado olhando para ele.

— Bom dia, quem é você?

— O senhor teria uma moeda?

— O que você está fazendo no chão, Moeda?

— É que eu não tenho outro lugar pra sentar.

— Você não precisa sentar. Levante! Deixei que o mundo te veja — Disse Pedro ao mesmo tempo que puxava com força o homem chão.

— Para que o senhor quer que me levante?

— Justamente para você encarar o mundo de queixo erguido. Pode me chamar de Pedro, estou aqui pra te aconselhar. Você precisa se erguer e sorrir.

O outro não entende e fica com cara de dúvida.

— A vida é curta demais pra ser pequena. Não pode perder tempo sentado.

— Mas eu não tenho outra coisa a fazer. Essa crise tá osso duro de roer — Disse ele, se referindo a recessão em andamento.

— Arranje um tempo para artesanato ou pintura.

— Eu preciso comer antes de tudo, Pedro.

— Você precisa fazer apenas um pequeno investimento...

— Está maluco? Você acha que vou comprar guache ao invés de comida? Aposto que você está de estômago cheio.

— E estou mesmo, é que se eu não comer passo mal. Anda, vai lá e compra um pincel. Ainda há tempo de ser feliz — Urra Pedro empolgado, ao sair e deixar o pobre para trás, estagnado, feito uma poça.

Mais adiante, enquanto passeava no parque, vê uma garota que lhe parece cabisbaixa, sentada num dos bancos. "Ai meu deus, uma deprimida. Agora é a hora" — Pensa Pedro virando e mexendo seus tendões, ao vê-la apunhando a mão no queixo e sustentando os olhos fitados para baixo. O vento sopra a brisa vinda do oceano diminuindo a sensação térmica. O otimista decide se aproximar depois de tanto observá-la:



- Está tudo bem com você? — Ele disse engrossando a voz.
- Está sim, obrigado por perguntar.
- Você está sozinha aqui ou é impressão minha?
- Sim, saí pra dar uma abstraída.
- Eu tenho um pirulito do mesmo sabor do qual estou chupando. Comenta Pedro oferecendo um doce, com a boca no dele.
- Não quero, não. Meus pais sempre me disseram pra não aceitar doces de estranhos.
- Quanta sinceridade! Vou ser sincero também. Mas eu não sou um estranho.
- De onde nos conhecemos mesmo?
- Tenho a impressão de que nos conhecemos em vidas passadas — Fala para impressioná-la. A garota não esperava por aquela resposta. Pedro continua:
- Percebi que você está triste, que foi?
- Nada demais.
- Então pare de se entristecer e coloque um sorriso nesse seu rosto — Colocando seus dedos nas bochechas dela, pressionando-a por um riso.
- Não me toque.
- Relaxe, estou aqui para te ajudar. Amanhã será um dia melhor que hoje.
- Eu duvido, amanhã minha cachorrinha vai continuar morta.
- Meus pêsames.
- Te agradeço. Se soltou da coleira, ela veio a sofrer de um acidente “automobilístico” enquanto passeava, como disse papai — Gesticulando duas aspas no ar.
- Fico contente que ela tenha tido uma morte rápida.
- Como!?
- Sabe, morrer lentamente deve ser agonizante.
- Morte é morte — Respondeu ela friamente.
- Essas coisas acontecem, você não pôde fazer nada contra a contingência. A jovem começou a lacrimejar.
- Não chore. Ninguém tem o controle sobre tudo. Você precisa colocar um sorriso nessa sua cara e ser feliz.
- Nunca mais vou ser feliz de novo.
- Você precisa ser mais positiva. A vida continua — Disse, incisivo.
- Tu só pode estar de brincadeira comigo.
- Veja bem, um escalador que se depara com uma montanha alta pode ter medo no início, mas ele sabe que cresce cada dia que passa, enquanto que o cume fica cada vez menor.
- Isso não faz sentido, a montanha ainda vai continuar gigantesca — Responde a esperta.



— Precisamos sofrer para crescer, a verdade é essa: só damos valor as coisas quando as perdemos — Pedro cerra os punhos para cima, eufórico.

— Me deixe em paz. Saia daqui, quero ficar um tempo sozinha. Me desculpa te pedir isso mas é que tá braba a dor no peito.

— Quero ajudar. Você quer uma massagem?

— Ahhg... nojento! Tu caiu em meu conceito agora. Saia daqui, quero ficar só. Obrigada.

— Garota ingrata que não quer ser ajudada. Tomara que se afogue em suas lágrimas — Fala aborrecido, deixando às costas para a chorona, seguindo à banca comprar o jornal dominical.

Distando alguns quarteirões, avista a banca, porém, fechada. Começa a cair água do céu e, sem guarda-chuva, Pedro encharca-se pela chuva ácida da capital. Sua carteira molha e, ao chegar em casa, nota a necessidade de tirar a segunda via da identidade. Teve que jogar fora suas meias. Baldes já posicionados soam com as goteiras. Ao entrar no banheiro, gira a válvula do registro para tomar uma ducha quente, coloca o xampu e começa a esfregar seu corpo até que acidentalmente a espuma cai em seus olhos; a eletricidade acaba, tudo fica escuro de repente.





O Senhor e a Flor

Igor Rodrigues Santos

Rio de Janeiro/RJ

Um senhor encontra uma pequena planta a beira de uma estrada
E com cuidado escava, desprendendo suas raízes do chão
Em seguida tira do bolso da camisa, um saco plástico
E põe a plantinha dentro dele, com um punhado de terra
Ao chegar em casa sua esposa vê a planta em suas mãos
E lhe diz, essa planta está morta, nada poderá fazer por ela
A esposa já conhecia bem seu marido, e sabia de seus costumes
Que era de tentar salvar tudo, o que para os outros, não tinha salvação
Ao ouvir sua esposa, o senhor apenas deu um breve sorriso
Em seguida caminhou até uma área reservada do quintal
Onde só ele conhecia bem
Dias se passaram, todos já havia esquecido da plantinha
Até que chegou o aniversário de uma de suas filhas
E como não tinha dinheiro para comprar um presente
O senhor colheu flores, fez um lindo buque, e a presenteou
Eram flores lindas e cheirosas, rosas sedosas
Todos ficaram admirados com tamanha beleza
Que encanto diziam.
Após alguns dias passados, depois da festa
O senhor continuou a colher flores, e pô-las em jarros
Em cada canto da casa
Sua esposa acordava se sentindo em um jardim
Era a casa mais feliz da humilde cidade
A notícia da casa florida foi se espalhando
E logo uma multidão começa a chegar para ver tudo de perto
Todos os dias o senhor saía cedo de casa, e dizia para a esposa que logo voltaria
Essa era sua rotina
Mais um dia ele saiu, e não voltou, após incessantes buscas, seu corpo foi
encontrado por vaqueiros as margens de um riacho
Acredita-se, que ao se aproximar demais, que ele escorregou
E bateu com a cabeça em uma pedra, já que lá havia muitas.

Com a morte do senhor, as flores da casa não foram mais trocadas
Tudo foi ficando sombrio
De casa mais florida, e feliz, do pequeno vilarejo



Em tão pouco tempo, ficou conhecida como a casa mais triste que avia por lá.

Em uma noite angustiante de pouco sono, a senhora adormece
por um instante e tem um sonho, sonha com o marido.

E nele o senhor revela que as flores que tantas alegrias trouxeram
Nasceram da pequena plantinha
A mesma plantinha que um dia, ela avia dito que nada mais poderia ser feito,
pois estava sem vida
Ao acordar, a senhora corre até o imenso quintal, lá no cantinho que só o senhor
conhecia,
e quando abre uma pequena estufa, se depara com muitas rosas
Cada uma mais linda que a outra, e ao fechar seus olhos, e com lágrimas que
escorriam por sua face
A senhora finalmente entende, que aquela plantinha trazida por seu marido
quase sem vida
Era a mesma que estava em sua frente, e entende também, que, por ter sido
com carinho cuidada, ficou assim tão bela.

Nesse dia começou a entender, que todos merecem uma oportunidade, que com
amor se pode erguer os que julgamos estar caídos.

Que aqueles que hoje descartamos de nossas vidas, podem um dia nos trazer
alegrias.

Moral da história a beleza não está naquilo que enxergamos
Mais sim na forma em que olhamos para o que vemos
Ao resgatar a plantinha, o senhor não viu ali o fim
Simplesmente ele cuidou de quem precisava de cuidado
E assim devemos fazer, não importa se as chances de vida

São grandes ou pequenas, da mesma forma, temos que dar amor
E esperar que o tempo se encarrega de tudo.





O Sonhador

Robinson Silva Alves
Coaraci/BA

Tenho histórias
Para contar
Mil vidas
Um destino

De um nobre sonhador
Sonhador menino

Minha estrada
São as palavras
A magia da leitura

As viagens encantadas
Um mar de aventuras

Sou pequeno príncipe
Nobre descobridor
Astronauta no espaço
Bravo sonhador

Também posso ser

Um grande herói
Com o poder esperança
E a força de minha voz

Com o verso o universo
Vou desbravar
Buscar novos mundos
A fantasia encontrar

Voar nas asas
Livres do vento
Posso sentir
Diversos sentimentos

Viajar ao futuro
Na máquina do tempo

Encontro nos livros
Toda a magia
Na viagem literatura
Descubro a poesia.





Olhos Vermelhos

Ingrid Torga
Recife/PE

Lembro dos teus olhos
Determinados, fortes, oblíquos
Que nunca temeram a nada
Sempre desafiando a vida.
Olhos de mulher forte, independente
Que num dia, assim, de repente
Tinham um olhar atravessado
De quem, em desespero, sente
Pelos erros cometidos no passado.

Mas não era simples pesar o que se via
Naquele fatídico dia
Derramar-se sobre o teu olhar
Era angústia de viver, de pensar.
Teus olhos já não mais dormiam
Pensamentos não mais se esvaíam
Todos eles a consumir
Olhos que outrora riam
Na alegria do teu sorrir

As noites insones somavam-se
Perdida, tu consideravas se
Alguma vez voltaria a amar
Não merecias sequer sonhar?
E os dias foram passando
A cobrir dos teus olhos a beleza
Neles depositando



Quantidades abissais de tristeza

Com isso veio a dor
Que nos teus olhos estampou a cor
Vermelha da loucura e da raiva
Toda vez que eu me aproximava
Sentia certo medo de ti
A mulher que uma vez conheci
Teu corpo não mais habitava

Ainda que eu te olhasse de relance
E soubesse que restava uma chance
De tudo voltar a ser como era,
Quando teus olhos de fera
Voltavam-se contra mim
Aterrorizada, eu pensava, "É o fim."
"Ela se rendeu à loucura."

Meu sangue gelava na hora
Considerava correr porta a fora
Para nunca mais te encarar
Ir em frente

Mas logo, sem muita demora
O vermelho em teus olhos ia embora
E eu me permitia te amar
Novamente





Os Pés De Djamila

Alberto Arecchi

Pavia – Itália

Ricardo era um jovem arquiteto, com trinta anos de idade. Estava saindo da história mais destrutiva de sua vida: um casamento fracassado. Então decidiu começar a cooperar no estrangeiro e foi para ensinar na Universidade de Argel. Morava em um apartamento grande, sendo solteiro. Tinha-o fornecido parcialmente: alguns móveis na cozinha, para as refeições rápidas de quando não queria sair, e no quarto um colchão, descansando diretamente no chão. Dormir no chão oferecia-lhe uma perspectiva particular do quarto: tudo parecia maior.

Seus amigos propuseram-lhe uma empregada doméstica para limpeza, uma mulher de confiança, divorciada, com pouco mais de trinta e cinco anos. Fazia-se chamar Djamila (linda), mas parecia mais um sobrenome do que um nome verdadeiro. A mulher recebeu as chaves do apartamento, ia à casa de Ricardo duas manhãs por semana. Aconteceu que, em alguns desses dias, ele não tinha cursos ou outros compromissos e ficava em casa. Às vezes, aconteceu que chegasse bastante cedo para encontrá-lo ainda na cama.

Djamila andava na rua completamente coberta por um véu branco, como é costume em Argel, e com uma espécie de mordaza (*haik*) cobrindo a boca e a parte inferior do rosto. Entrando, ia vestir-se de maneira mais confortável em vista do trabalho doméstico. Em casa, trabalhava com um vestido leve, colorido, até o joelho, vestindo chinelos confortáveis, ou mais frequentemente com os pés descalços.



Quando Ricardo estava na cama, o som da chave na fechadura acordava-o, e então via aqueles poderosos pés autoritários, passando repetidamente antes do nível de seus olhos, primeiro em sapatos de salto alto e depois nos chinelos mais confortáveis. Ele permanecia capturado pela visão, não conseguia separar o olhar daqueles pés majestosos e a mulher percebeu isso.

Uma manhã, Ricardo tinha ficado na cama. Não tinha vontade de sair ou se levantar, ou tomar qualquer iniciativa de vida ativa. Djamila entrou por volta das oito da manhã, acenou e passou em frente a ele, ainda velada, com os pés orgulhosos sob o véu, ainda com tamancos de salto alto. Ricardo não aguentou mais, estendeu as mãos, acariciou um pé dela. A mulher teve por um momento a reação instintiva de se retirar, mas parou, com uma emoção de triunfo: na realidade, era exatamente o que esperava desde uns meses. Com doçura, o homem começou a acariciar o tornozelo, desceu sob o calcanhar. Ela levantou o pé um pouco e o sapato começou a escorregar. Ricardo tornou-se mais corajoso: tirou o sapato, aproximou a boca e começou a beijar os dedos dos pés, um após o outro. Ele sempre gostara dos dedos grandes afusados e das unhas compridas ligeiramente enganchadas, lembrando as garras duma fera. Djamila colorava-as com um esmalte escuro, tendendo a violáceo, às vezes preto. Ele chupou os dedos grandes, então se comprometeu a lambe os outros dedos e interstícios. Estavam levemente empoeirados, os pés de Djamila: ela tinha caminhado na rua. No entanto, tinham um sabor doce, o da pomada baseada em mirra e do incenso com o qual perfumava seu corpo. Sob as pomadas e os aromas, Ricardo percebia o sabor ligeiramente salgado do suor entre os dedos, o que lhe oferecia uma sensação proibida de intimidade. Isso o deixou louco e perdeu toda moderação. Agarrou-se aos tornozelos da mulher e começou a adorar seus pés, com total devoção, um após o outro. Ao fazê-lo, ele se movia de forma decomposta na cama, mostrando toda sua excitação inequivocamente para a mulher, que entendeu que ele estava totalmente em seu poder. Ela conseguiu habilmente remover o véu, sem extrair o pé direito do abraço do jovem, e ordenou com um gesto imperioso: "e o outro? Beije-me o outro pé!" Então passou para outras ordens: "Lamba-me debaixo da planta!" "E o calcanhar? Beije o calcanhar!" "Bom! Passe a língua bem entre os dedos, quero perceber sua saliva que me banha!"

Ricardo imediatamente obedeceu e se entregou totalmente a um êxtase fetichista que ainda não conhecia. A única coisa que podia pensar era: "Por que nunca fiz isso antes?". Sua língua secou, ele respirou fundo, humildemente levantou os olhos para olhar a mulher, engolindo para acalmar a excitação e começou de novo, como um cachorro fiel. Djamila começou a pisar nele, de forma cada vez mais autoritária, fazendo com que ele perca todas as últimas restrições. O jovem cobriu-lhe os pés, os calcanhares e os tornozelos com beijos, sem nunca se



permitir exigir qualquer favor sexual. Ela o pisoteava, descalça e às vezes com saltos, arrebatando suspiros e gemidos de dor. Tratava-o agora com rigor, agora com ternura, como se fosse seu pequeno cachorro.

Ricardo finalmente se revelara, oferecendo-se a sua patroa. A partir desse momento, ela teria podido dispor completamente dele, como e quando quisesse. Uma relação nova, estreita e vinculativa começou, um compromisso total, um caminho de submissão a uma mulher forte. A partir desse momento, Djamila se assegurou de aparecer na casa do jovem apenas quando estiver segura de encontrá-lo. Ricardo recebeu ordem de preparar-se atrás da porta, vestido apenas com uma fina tanga, de joelhos, pronto para lambe os pés de sua rainha assim que ela entrar na casa. Ela pisoteava-o: o rosto, o pescoço, o corpo inteiro, provocando-o também com pressões e pontapés nas partes mais íntimas, sem sequer chegar a implicações sexuais. Depois disto, os dois procediam à limpeza do apartamento, ou melhor: ela procedia à limpeza, usando-o como um trabalhador auxiliar, um pano para limpar os pisos, para limpar o suor e um capacho para limpar seus pés, amaciando-os com a saliva em longas lambidas, durante o trabalho. A excitação de Ricardo atingia alturas extremas, que ele nem teria imaginado, antes de conhecer sua senhora. Ela o provocava, fazendo-o cheirar seus pés, mas sem permitir que seus lábios ou sua língua os alcançassem, golpeando-o com pontapés, até ver sua crescente excitação. A tortura durava muito tempo, entre estímulos e interrupções, acabando apenas quando o jovem exausto dava um orgasmo solitário. A dona intervinha finalmente, dando os pés à adoração do jovem, para impor-lhe que os limpe meticulosamente com a língua.

A relação de submissão durou dois anos. O contrato de Ricardo virou-se para o fim e o jovem professor teve que ir para outras terras, abandonando o país em que vivera suas melhores experiências, mas deixando lá a alma. Ele queria continuar seu relacionamento com Djamila para sempre, mas assim teria perdido o trabalho, não conseguindo garantir-se a sobrevivência.

Muitos anos se passaram, Ricardo agora está aposentado e voltou a viver na Europa. Em sua carreira, percorreu vários países, conhecendo outras mulheres, outras companheiras, outras donas... Esta noite pensa em Djamila, pergunta-se onde será a sua antiga empregada, iniciadora nas artes e alegrias da submissão. O pensamento o enche de nostalgia, numa noite de inverno, enquanto neva no exterior na escuridão da noite. Parece-lhe ver diante de seus olhos aqueles pés orgulhosos pintados com *henna*, as unhas compridas coloridas em preto profundo. Ele percebe que estendeu a língua, com um reflexo condicionado, excitado pela memória, enquanto a televisão apresenta as últimas notícias.



Ouças os Acordes de Cada Ocasão

Teresa Azevedo
Campinas/SP

Ouçá os acordes de cada ocasião, mas não dance conforme a música...
Crie movimentos outros! Atreva-se a corremper os padrões da mesmice.
Use as lições de seus experimentos e vivências para socorrer sua alma.
Jamais para sucumbi-la ao nada. Não afogue-se em NÃOS ...
Quebre os muros que o separam da vida
Abra janelas e portas de seu coração rumo ao desconhecido.
Experimente novas sensações que elevem seu espírito.
Avalie as ordens das maestrinas.
Torne-as tão deléveis quanto necessário para si.
Recicle! Invente! Mova-se! Desperte seu corpo do marasmo!
Respire profundamente: inspire bençãos, expire mágoas,
Feche os olhos para a sujeiras mundanas e escancare-os dentro de si
Corra através das relvas do acaso, pensamento livre,
músculos relaxados, posição confortável.
Sinta o perfume da primavera de seus intentos
Toque a maciez de seus planos
Sirva-se do alimento das bucólico da calma-ria.
Cante a música do presente e da bela canção do passado,
Cavalgue pela beleza das paragens dos sonhos
Com as asas brancas e majestosas da paz

<https://www.facebook.com/teazevedo>



Páginas Amarelas

Lilian Lucia Porto Ribeiro da Silva
São Luís/MA

Indagaram-me sobre as páginas em branco
que deixei de minutar.
Porque não anunciei o pranto
aos que apeteçiam decifrar.

Da dor insana ao boquirroto,
em breve instante,
o riso atravancou o pranto.

Ora, não sou a senhora da razão,
mas, se são meus prantos
poderei dizer que não.

Eu os levarei comigo.
Já são vísceras cardadas,
demudadas em fios,
imersas em amianto.

Deleitar-me-ei sobre o cálice,
esperando o decesso
nessa imensa desordem
de páginas amarelas.





Paixão, volúpia insana

Aldemir Lencini

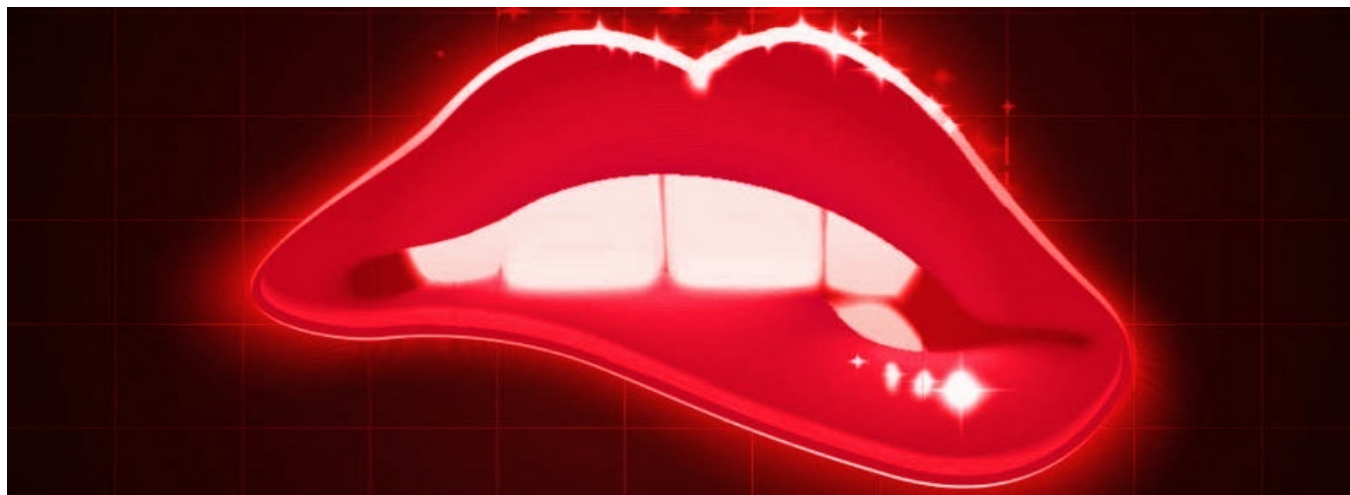
Tuas mãos trêmulas seguravam as minhas
numa volúpia insana de paixão, ânsia e medo,
em doces carícias, a verdade tinhas
na alma que em palavras eram segredos...

E o amor que juraste, apagou em instantes,
nos instantes de loucuras, sonhos e ilusões,
e os corpos de dois enlouquecidos amantes
envolveram-se na última noite de emoções...

Depois, a distância, um vazio, o tempo tenaz
e a verdade que a piedade sempre escondeu,
que virou saudade e uma vontade de viver...

Mas agora, no silêncio não existe paz
e ao nascer do dia, este dia entristeceu...
e o sol que brilha é para anoitecer...





Poemas Eróticos

Vinni Corrêa
Rio de Janeiro/RJ

A casa-lar

suas arqui tetas
desenham a morada
onde ponho mãos a obra

*

Masturbador

poeta de boa escrita
nunca escreve "punheta"
palavra já muito batida

*

Beijo braile

as papilas da minha língua
leem seus mamilos
bebem dessa leitura cega

www.vinnicorrea.com



Por Onde Andas?

Vânia Bandeira
Aracajú/SE

Quanta saudade guardada em meu peito
Te deixando para trás
Recordo a cada instante
A sua melodia com suas cordas gritantes
Meus ouvidos a floravam

Como eu te amava, te queria muito
Deixar-te partir foi dor de outrora
Meu velho amigo, alegrou-me tanto
Parceiro querido que me fazia forte todas as horas

Não sei onde andas
Em que mãos estás agora
Eu te esperava no terminal da cidade
Ansiosa e aflita para ver sua forma

Com sua melodia me tranquilizava
Enchia meu peito de tanta emoção
Quanta alegria meu velho amigo
Nós dois juntos treinando afinação
Eu sinto saudades Meu Violino
Recordo ao ouvir aquela canção





Recomeçar

Maria Elza Fernandes Melo Reis
Capanema/PA

Amanhã bem cedo
Logo que o dia nascer
Quero me refazer por inteira
Acordar para a vida
Com sorrisos largos
Como aquele que desenhei
No meu papel de parede
Quero vê novas flores no meu jardim
Flores de diversas cores e aromas
Iguais os meus que deixo exalar
Pelas dependências da casa
Amanhã quando o sol brilhar
Quero que meus olhos brilhem
Com o mesmo brilho
Quando vê os teus
Caminhar cedo pela vida
Sentindo no coração
A mesma emoção que sinto
Quando toco em você
Amanhã quero amar como hoje
Viver o amor de sempre
E esperar todos os amanhãs
Para te amar outra vez.





Revoada do Caboclo

Tinga das Gerais
Três Marias/MG

É fim de tarde
A viola e a revoada
O sol beija o meu rio
Correntezas cintilantes
No encanto da toada

O caboclo enxuga o rosto
Espera o vento
É mês de agosto
Da poeira o gosto
E o carro de boi na estrada

O esteio da lida



Vida sina comprida
Sertão santuário caminhar
A lua nua
E enfeitica a amada
O cheiro dela na madrugada
Eu preciso regressar

Já sinto o cheiro da terra
Que a chuva no breu da noite
Com sutileza molhou
O Bem te vi assanhado
Com o canto floreado
Dizendo que esse matuto
Novamente no sertão pisou

Já é manhã
Juriti anfitriã
Abre a porta do dia
Com o seu lindo cantar
O meu corpo arde de sode
Sem o sertão sô metade
Inté dá vontade de chorar!





São Fulano, Santo Padroeiro Das Coisas

João Oliveira

Alcobaça - Portugal

Quando começou a sentir as primeiras febres, o pastor dirigiu-se imediatamente à capelinha de São Fulano, santo padroeiro das coisas. Prostrou-se diante do altar e beijou os pés da estatueta, rezando para que o santo o curasse. Era um ritual antigo. Quando havia um problema físico, psicológico ou espiritual, ia-se à capelinha para rezar e beijar a estatueta.

Rezava a lenda que São Fulano fora uma criança da aldeia que em tempos fora acometida de uma terrível doença. Vendo-a definhar de dia para dia, os médicos, curandeiros e padres já tinham perdido a esperança, mas eis que um dia a criança acordara novamente saudável. Tudo se passara assim, da noite para o dia. Cheios de fé e esperança, os habitantes da aldeia logo tinham começado a acorrer junto da criança para afagarem e beijarem a sua pele renovada e assim curarem as suas maleitas. Depois, quando Fulano envelhecera e morrera, a memória do milagre perdurara. Construíra-se aquela capelinha e a estatueta e canonizara-se Fulano como santo padroeiro das coisas.

Apesar dos esforços, o pastor não se sentiu convalescer. Acordava pior de dia para dia. Tinha febres altas, dores em todo o corpo, vômitos e diarreia. Mas isso era normal, dizia. Tinha de seguir o caminho de São Fulano. Estaria às portas da morte e, um dia, como recompensa pela fé e devoção, acordaria de perfeita saúde. E assim aconteceu. Um dia, o pastor abriu os olhos e não sentiu mais fraqueza. Celebrando, vestiu-se e foi a correr para a rua. Estou curado, estou curado, gritou! Os seus conterrâneos, exultantes, juntaram-se a ele, abraçaram-no e beijaram-no. De repente, no meio da celebração, o pastor caiu para o lado. Está morto, disse o médico da aldeia ao sentir-lhe o pulso.

Pouco tempo depois, mais uma dúzia de pessoas se queixou dos mesmos sintomas. O médico aconselhou repouso. No entanto, sozinhas e perdidas, as pessoas foram à capelinha. Como o pastor, rezaram e beijaram a estatueta de São Fulano. Os resultados foram nulos. Também elas acabaram por padecer, dando lugar a novas vítimas cada vez mais numerosas.

Havia, decerto, algo de errado. As orações e beijos não estavam a funcionar. Após meditar profundamente sobre o assunto, o padre chegou a uma conclusão. Anunciou-a no sermão de domingo. Irmãos e irmãs, as preces a São Fulano, santo padroeiro das coisas, não nutrem resultado devido à vida de pecado que nós levamos, confessou. Os nossos pais, avós e bisavós levavam vidas pias e esforçadas, mas agora vivemos um período de declínio. Levamos uma vida de



deboche. Os homens jogam, bebem e comem na taverna e as mulheres vestem-se e agem com lascívia.

Assim, a solução era simples. Era preciso voltar-se aos velhos costumes. Assustados com as palavras do padre e o julgamento divino, os homens deixaram de jogar, comer e beber nas tavernas. Alguns tornaram-se vegetarianos e bebiam apenas água. As mulheres tentaram ser mais púdicas. Apesar do calor e humidade, vestiam roupas de inverno e desviavam o olhar sempre que passavam por algum moço, não fosse o desejo conquistá-las. As horas passadas em tavernas e quartos de amantes foram substituídas por visitas à capela de São Fulano, que até então nunca estivera tão cheia. Mas tudo era em vão. As pessoas continuavam a morrer como moscas.

Já se anunciava o fim eminente da aldeia. Surgiam ideias milenaristas. Deparando-se com esta ideia, Belcrano, largamente conhecido como um dos homens mais ébrios e devassos da aldeia, decidiu tomar outra atitude. Se iria morrer, para quê levar essa vida de ascetismo, reclusão e oração na capela? O melhor era aproveitar enquanto podia. Enfardaria todas as provisões que conseguisse reunir, emborcaria todas as garrafas da aldeia e seduziria todas as moças.

E algo de extraordinário aconteceu. Os dias passaram, a população foi decrescendo e Belcrano permaneceu incólume. Todos, inclusive o padre, estavam embasbacados. Como explicar tal fenómeno? Bem, se a prática não coincide com a teoria, o melhor é mudar-se a teoria. E os factos conduziam a uma única hipótese. O padre lá tentou acalmar os ânimos, mas, logo, surgiu um profeta moderno que afirmou que houvera uma mudança de paradigma. Vivia-se um período de transição na história do mundo. Numa primeira fase, o Deus violento do Antigo Testamento quisera a fealdade e submissão dos israelitas contra os infiéis. Na segunda fase, o Deus do Novo Testamento quisera a paz e a concórdia entre todos os homens e povos através do controlo das paixões e ganância. Iniciava-se agora, naquela aldeia escolhida por Deus, uma terceira fase: a de aproveitamento dos prazeres da vida.

A população apreciou esta teologia. Agora a violência e volúpia estavam legitimadas. Os homens já não precisavam de ir à taverna nem as mulheres de encontrar os seus amantes às escondidas, pois isso era exatamente o que Deus esperava que eles fizessem. Deste modo, foi construída, não uma capelinha, mas uma casa de alterne denominada Casa Belcrano.

Só o médico permanecia insatisfeito. Sabia que, para se adequar a teoria à prática, não bastava anunciar-se uma mudança na vontade divina, uma vez que nem se podia provar a existência de tal vontade. O médico procurou reconstruir a vida do pastor, a primeira vítima. Entrou na capelinha vazia de São Fulano e investigou-a. Quando analisou a estatueta de São Fulano, descobriu que, embora



invisível, esta estava coberta da saliva de milhares de pessoas e que, juntamente com a saliva, estavam as bactérias que depois veio a encontrar nos cadáveres. Era essa a verdadeira causa da doença.

Animado, o médico subiu à tribuna durante um dos sermões do profeta e contou a verdade à população. O pastor fora acometido de uma bactéria mortífera que se disseminava através da saliva e que contaminara todas as pessoas que depois tinham beijado a estátua de São Fulano. Afinal, aquilo que todos pensavam ser a cura, era, na verdade, o mal. Era por isso que Belcrano, nunca tendo beijado a estátua, não fora infetado.

Confusa, a população entreolhou-se. Então era só isso. Não era o Deus onnipresente e onisciente que desejava que as pessoas comessem, bebessem e copulassem, mas apenas um parasita microscópico a tentar sobreviver. Assustados, todos seguiram os conselhos do médico. Não beijaram mais a estátua. Não beijaram consortes, amantes e nem mesmo crianças, pois esses também eram potenciais focos infecciosos. Mas quão entediante era esta explicação científica, que dizia que não havia uma vontade superior inefável, que tudo era concreto e definido. Melhor era a nova teologia, que deixava as pessoas sentirem à-vontade os prazeres carnis. Trazia sentido às suas vidas. Justificava a maldade e hipocrisia. Assim, quando o médico morreu, este caiu no esquecimento. Belcrano, por sua vez, foi lembrado e canonizado como São Belcrano, Santo Padroeiro da Depravação. E, todas as noites, antes de dormir, as pessoas ajoelhavam-se junto da sua cama e juntavam as mãos, rogando ao santo para que um dia pudessem deixar de cultivar os campos e apascentar o gado e pudessem viver novamente num paraíso onde comessem, bebessem e copulassem a bel-prazer.

<https://www.facebook.com/joooliveiramusica/>





Sem Destinatário

Rosangela Maluf
Nova Petrópolis/RS

era um amor de fim do dia
amor de final de tarde
de seis horas, um pouco mais
com clarões de por do sol
tons vermelhos de arrebol
luzes de aurora boreal
era um amor sem mistério
sem palavras, sem andanças
um amor de quase noite
sem saudades, sem lembranças

amor que não fere mais
não alegre, nem atiga
amor sempre tão igual
amor de dar preguiça
sem paixão, desanimado
de tão sereno, angelical
um amor de quase noite
temendo a escuridão
um céu sem lua cheia
sem ondas molhando a areia
um amor sem metas, metades
amor de contemplação

era assim quase mentira



um amor de pedacinhos
amor de quase- nada
juntado em retalhinhos
um monte de tiras em cores
trapinhos do que já fora
nada lembrando o namoro
o fogo,o tempero, os amores
amor que se foi com o tempo
(e o tempo não volta atrás)
e o amor se foi de tardinha
como um barquinho
solto no cais.





Sem Resposta

Hilário Aires
Batatais/SP

ao que disse sim
ao que disse não
tudo isso me dói
ou me deixa feliz
e não sei o porquê
e não sei o porquê

se fui e voltei
se resisti e fiquei
foi por que quis
ou não sei o que fiz
e nada me diz
e nada me diz

se hesitei e fugi
se decidi e lutei
alguém se alegrou
ou alguém se feriu
e não posso saber
e não posso saber

se digo tudo a você
e você tudo fala pra mim
até pode ser
até pode ser
que eu possa aceitar
mesmo sem compreender

<http://poesiatalcoisa.blogspot.com/>





Sentimentos Expressos

Waldir Capucci

Jacareí/SP

Todos os cuidados foram tomados para o encontro festivo em comemoração ao Dia dos Avós. Receio mesmo, somente com a temperatura de inverno, pois o evento seria realizado a céu aberto de um parque municipal. A força da corrente do bem prevaleceu e o sol marcou presença aquecendo não só o espaço verde, como, também, esquentando o corpo dos participantes. Os voluntários receberam as dezenas de moradores de asilos e muitos puderam, pela primeira vez, desfrutar da pujante natureza à disposição no imenso e aprazível local.

Cada assistido recebeu provas de amor imensuráveis dos acolhedores. Sobraram carinhos, abraços, beijos e atitudes cordiais como contar e ouvir suas histórias, amparo no lento caminhar e empurrar as cadeiras de rodas. Assim, todos puderam participar com entusiasmo das brincadeiras e da salutar caminhada ao som de uma serenata com músicas da época da mocidade dos convidados. Para culminar, um prazer rebuscado no passado, piquenique com fartura de alimentos e frutas.

Dezenas de registros fotográficos documentaram o evento, porém, nenhum captou uma linda imagem que gravei no meu consciente. Sem tempo hábil de registra-la no momento do ocorrido, eu a transformo em palavras. Envolve dois personagens marcantes e contrastantes da festa; Cida, uma idosa, e João, um garoto.

Ela, uma negra, saúde combalida, deficiente visual e com falta parcial dos dentes. Sua situação era ainda pior; estava atrelada em definitivo a uma cadeira de rodas. O menino, doze anos de idade, branco, em pleno gozo de saúde, sem qualquer deficiência e total mobilidade. Ele é quem conduzia a cadeira da idosa pelo interior do parque. Conversavam animadamente e gargalhavam vez ou outra demonstrando uma afinidade que parecia vir de longa data, ou que até



fossem parentes. Eu sabia que não havia parentesco ou conhecimento entre eles, daí a minha emoção.

Os rostos estavam muito próximos, riam de uma forma escancarada, e achei que, por justiça e beleza, cena de tamanha pureza merecia ser pintada por um artista consagrado no teto de uma catedral, ou que as lentes carregadas de sensibilidade de um fotógrafo renomado, como Sebastião Salgado, tivessem feito o registro. Era uma obra de arte, sem dúvida.

No sorriso banguela de Cida a expressão da felicidade na verdadeira acepção da palavra. Quanto ao gesto e o sorriso de João, a certeza que uma sensível e nova geração está se formando, e poderá proporcionar um futuro melhor ao nosso país.

O que vi no coletivo daquela tarde foi a somatória de sentimentos e atos nobres quase sepultados nos dias atuais, como alegria, bondade, gentileza, meiguice, respeito, sensibilidade, solidariedade, cordialidade, atenção, humanidade, entre tantos outros. Manifestou-se também, o amor verdadeiro, o mesmo ensinado e vivido por Jesus.

E se o amor ensina-nos as virtudes, indubitavelmente aquela imagem é a foto real da caridade, a maior de todas as virtudes.





Seu Doutor

Caliel Alves

Alagoinhas/BA

O médico cubano, recém-chegado ao Brasil, foi ter com seus novos pacientes pela primeira vez.

Uma enfermeira com profundas olheiras trouxe um bloco de fichas, tamanho era a desordem que não dava para saber qual era o primeiro ou o último paciente da fila.

Ele escolheu uma ao acaso e mandou chamar o Seu Vadinho.

O velhinho girou a maçaneta e entrou tremelizando as mãos. Sentou-se amparado pelo médico.

Num portunhol arranhado, o médico perguntou:

— O que está sentindo meu senhor?

Seu Vadinho esbugalhou os olhos, respirou fundo e disparou:

— Oi seu doutor, eu tô com espinhela caída, me sinto estoporado, uma dor nos quarto desgraçada que eu não posso nem tomar suspiração.

O médico fechou a boca, coçou a cabeça e puxou pela memória alguma doença que se encaixasse em sintomas tão estranhos.

<https://www.wattpad.com/user/CalielAlves17>





Sobre mães e filhos

Beth Fallahi
Poços de Caldas/MG

Houve um tempo em que acreditava-se que éramos únicos no universo, que nascíamos, crescíamos, morríamos esperando que o céu fosse nosso último refúgio, e por sermos “mães” esse caminho seria certo.

Quem pensou assim um dia se decepcionou, pois ser “mãe” tem um longo caminho a percorrer, hoje e sempre.

Imaginem que um dia por algum motivo desvalido, uma gravidez indesejada se fez, por um romance ou paixão desenfreada, se fez uma gravidez inesperada e inadequada... Uma interrupção se fez necessária?

Para aquela época sem conhecimento moral ou socialmente falando se fez pôr rigidez de costumes?

Tempo... imaginem anos se passam, a alma se solta desse corpo inconsequente e retorna com outros conceitos. Conceitos esses que a fez ver um outro mundo, fez-se então uma união, filhos perfeitos.

Mas no decorrer da vida, um reencontro inesperado, uma aflição, desespero, coração acelerado, medo...quem é “ele” que em seus olhos demonstram acusações, cobrança e culpa.

Que busca essa mãe aflita fez, quantos estudos e pesquisas, dias relutantes...

O coração não se engana nunca, aquele amor incondicional por aquela criatura teria varias explicações ou não.

Uma busca espiritual se fez, perguntas, mais perguntas essa mãe se fez.

Mães e filhos são aqueles que nessa ou outra vida se doam, uns aos outros, e reconhecem que erram, que amem, mas que nunca se abandonam de fato.

Mães e filhos possuem laços uterinos, para todo o sempre.

E que o perdão se faz necessário, pois não sabemos quando voltaremos para resgatar, essa é a minha história, e um dia poderá ser a sua.



Sobre o Cigarro e o Esquecimento

Elieni Caputo

São Paulo/SP

Quando fumava, ele evocava suas memórias mais antigas: algumas eram feitas de ferro e pressionavam a parte fina do coração. Desejava extirpá-las a cada tragada, mas parecia injetá-las no tecido nervoso, que recebia essas marcas pesadas. E quando fumava, a cada baforada, ele percebia que a parte de sua vida esquecida não era selecionada conforme a tristeza que trazia: as memórias mais aflitivas eram as dotadas de maior teimosia. E quando apagava o cigarro, dessas memórias não se desfazia, mas daquelas que, à revelia, iam navegar para longe de sua vida.

Assim ele se despedia do que nem mais sabia, à mercê do rio da vida, que deságua no esquecimento e no desalento de um dia que não me lembro.



Sobre o que se cala

William Eloi
Natal/RN

Eu nunca fui bom em matemática. Só tenho simpatia pelos números quando os vejo subjetivamente como uma espécie de incerteza quântica. Mas a culpa não foi inteiramente minha. Bem, foi em *parte*. O problema está justamente “nessa parte”, que fica do lado direito inferior do meu cérebro; responsável pela intuição e pela criatividade - diz a neurociência e um amigo cientista e professor, o qual começou outro dia um debate comigo. Descobri isso respondendo a um teste de *dominância cerebral* proposto por ele.

Ainda, segundo esse meu amigo, *disciplina* e *uma condição favorável* pode fazer com que qualquer “indivíduo” faça “qualquer coisa”, ao refutar a minha tese romântica de *dom* natural. Não posso culpar o meu amigo cientista por pensar o mundo de forma empírica. Porque o cérebro dele age do lado esquerdo, oposto ao que tenho mais afinidade. Como também não pude deixar de pensar que por “lógica” eu não deveria estar aqui escrevendo esse artigo. Pois não tenho formação alguma - sou pouco instruído- embora insistente no que faça.

Confesso que assino como “escritor” esse texto e tantos outros que já escrevi, porque simplesmente me proponho a escrever- da mesma forma como poderia assinar como “encanador” ou “pedreiro”, se tivesse habilidade para tal. Porque talvez a *escrita* seja mesmo uma função motora que todo primata possa desenvolver se estimulado em consonância com alguma carga genética que se carrega.

Mas daí me vem à cabeça exemplos de Genet, que abandonou a escola aos 13 anos de idade partindo para uma vida criminosa, escrevendo suas obscenidades de cócoras em papéis racionados da prisão de *Santé* na segunda guerra mundial. Ou *Henry Miller* saindo de algum pardieiro pulguento em Clichy até um cabaré, e de volta, até sua máquina de escrever. Arthur Rimbaud e Paul Verlaine, sujos e famélicos, compondo seus versos no *inferno* de Bruxelas. Todos eles exemplos de trabalhos e vidas fantásticas, mas de métodos caóticos.

Gosto da ideia de *mundo* como a do filósofo austríaco Wittgenstein (1889-1951), que propõe em seu *Tractatus logico-Philosophicus*(1921): *O mundo é o lugar onde as coisas se relacionam. Uma representação da linguagem, criada pela lógica*. Pois o que está além da linguagem é o “inefável”, a “experiência mística”.

Deus, amor, morte - É lá onde qualquer proposição de sentido para qualquer significado é um absurdo; onde a “experiência” mística só pode ser



vista ou sentida que a linguagem se torna ineficaz - porque há apenas o “silêncio”: contemplativo e inexprimível, pois *Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar* como está sentenciado brilhantemente em um dos aforismos do livro.

O que os eletrodos colados à cabeça nunca vão entender é que o “artista” fala a língua dos anjos. É em “Passárgada” que habitam. Ou você nunca se perguntou, por que passamos tanto tempo absorto numa pintura? Ou por que há poemas, paisagens, que nos tocam?

Jesus falava por “parábolas”. Nenhum profeta ou santo viu a face de “Deus” e permaneceu impune. Há apenas os relatos de *sensações*. Talvez porque a dinâmica nesse plano aja de uma forma que nos seja completamente incompreensível. Uma forma de comunicação de um canal particular.

Na “arte” encontramos um pouco disso. Dessa *comunicação estranha e ao mesmo tempo tão familiar*. Pois se manifesta de forma sinestésica. Assim podemos entender a mensagem de um quadro, mesmo que ele esteja calado. Ou quando lemos um poema ou escutamos uma música, e em nossa mente formamos uma “imagem”.

Foi assim quando li um trecho de *O Idiota*, de Dostoiévsky, dentro de um ônibus, a caminho do trabalho. Quando algumas lágrimas arriscavam cair dos meus olhos, e eu, com vergonha dos outros passageiros que estavam ali, tentando disfarçar. Ainda estava na metade do livro, quando suspenso, pensei “O que é que precisa me dizer mais?” Com a nítida impressão de que as palavras dali em diante seriam desnecessárias.





Sofro de Fado

**Leandro Emanuel Pereira
Portugal**

Em vão;
Desgosto alado;
No coração;
Sofro de fado...

Dormente falácia;
Que se entranha em mim;
Provida de audácia;
Acanha-me assim...

Ó longínqua;
Vontade de sofrer;
Usurpada e profícua;
Queres-me ver arder...

Volátil satisfação;
De íngreme eficácia;
Marca um brasão;
Em prol da minha audácia...

Em vão;
Desgosto alado;
No coração;
Sofro de fado...





Soneto felino

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Olhar cativante,
astuto, insinuante.
Amigo, companheiro
dá salto ligeiro.

Adora um carinho,
boa audição ele tem.
Ouve o dono chegando do trabalho.
É o gato que vem!

Arranha e brinca,
unhas afiadas.
E a língua comprida!

Leva o dia inteiro
num banho demorado.
Bichano enrolado!



Sorte Grande

Aldenor Pimentel

Boa Vista/RR

Nunca fui homem de sorte, ainda que tentasse. Toda semana era sagrado: eu tava lá, fazendo minha fezinha. Comecei com jogo do bicho: tentava o leão e era vaca na cabeça; ia pro pavão e dava zebra.

Larguei os bichos, mas fiquei com os cavalos de corrida: arriscava no azarão, ganhava o favorito; apostava no invicto, vencia o estreante.

Abandonei os cavalos e procurei os cassinos: no caça-níquel, achei que encontraria maré de sorte, e nada. Apostei minhas fichas na roleta e fiquei rodado. Tentei minha última cartada e saí de mãos abanando.

Desesperado, parti pro tudo ou nada: joguei na sena, megasena, telesena; apostei no Ayrton Senna e perdi.

Uma hora, eu já frequentava até bingo de igreja, não fugia nem de par ou ímpar e se, alguém me punha à prova, eu peitava: "Quer apostar?"

Só sei que, nessa aí, tudo o que eu ganhei foi prejuízo. Percebi que precisava virar o jogo. E desse dia em diante, minha sorte mudou. Parei de fazer apostas. E agora toda vez que não jogo, ganho: o dinheiro que deixo de gastar. Com isso, já fiz uma bela grana. Fala a verdade: isso é ou não é tirar a sorte grande?

artedealdenorpimentel.blogspot.com





Tatuando

Lenilson Silva
Pedras de Fogo /PB

Atente
Se for me tatuar
Que não seja sensível
Isso mesmo
Tatua com essência
Tire essas luvas...
Se for me tatuar
Tem que deixar também suas marcas
Isso mesmo
Tire essas luvas!
Mas tenha cuidado, claro
Lembre:
Se queres deixar suas marcas em mim
Tire essas luvas!



Três Gumes

Wagner Azevedo Pereira

Nova Iguaçu/RJ

A palavra verdade corta a alma
A palavra mentira fere a carne
O gume de outras apenas acalma
as fases da vida em pequena parte

São faces de três gumes que crio
Para desnortear quem vai ler
E quem almeja as que aprecio
Elas apenas se dizem por viver

Não faço tempestades com escrita
Não vivo apenas uma história em si
Traço-as adiante só qual já vivi

“Desassossego”, missão reprimida
Por não te encontrar com o tempo
Que saudadeia o substantivo momento





Um Retrato Fidedigno da Vida de Inocente João Loureiro

Antonio Netto Jr
Sorocaba/SP

"Quem o vê, perde totalmente o rumo, e não sabe mais achar o caminho de volta."

Caapora - Dicionário Tupi-Guarani

- E como é aquele sonho recorrente que você tem?

- Sonhei com uma estrada, uma subida, ladeada por barrancos altos cobertos de pinheiros que se fecham no topo, deixando essa estrada sempre escura, como se fosse um túnel. Sonhei diretamente com ela ontem, pela primeira vez. No final, ela acaba em uma pista asfaltada, estreita, toda esburacada, por onde os carros passam em alta velocidade. Muito perigosa. Ultrapassei um caminhão na estrada escura, coberta de cascalho, e virei à direita na pista, cheguei em um trevo, muito perigoso, apesar de relativamente deserto. Ao lado, há um lugar, que também conheço. É um lugar baixo, como se fosse um buraco cavado no chão, uma pedreira abandonada. Uma estrada entre os pinheiros dá acesso, depois é sem saída. Na frente, uma parte de água, cavocaram até a água e deixaram assim. É raso, e as pessoas usam como se fosse uma praia. Uma sensação ruim de ver esse local, com o qual sonhei diretamente noite passada, pela primeira vez. Esse lugar não existe, mas é como se existisse, como se eu soubesse onde fica, mas não sei, porque não existe.

- Como assim?

- Anos atrás, sonhei com uma estrada parecida, de terra, toda esburacada, eu estava com meu pai em uma caminhonete, e ele me levava por essa estrada. Dizia que conhecia cada buraco, cada desvio, e me mostrava como eu devia fazer para passar pelos trechos mais acidentados. Acordei, poucos dias depois meu pai foi diagnosticado com um tumor maligno no cérebro, incurável. Conforme o tumor avançava, ele ao perdendo lentamente a consciência, até ficar como uma criança. Uma das habilidades que ele manteve por mais tempo foi sua capacidade de dirigir. Ele perdia a memória, ficava sem palavras, mas continuava dirigindo muito bem. Um dia ele estava muito afoito, queria me dizer alguma coisa, mas não conseguia, tinha ficado sem palavras, algumas palavras soltas escapavam aleatoriamente, sem sentido, era impossível entender o que ele queria dizer. Ainda estava bem de saúde, fisicamente, e conseguia dirigir perfeitamente. Pedi que eu entrasse no carro, e foi dirigindo até um local distante, no meio do sertão. A estrada ia ficando cada vez pior, e ele tentando explicar não sei o que.



Chegamos numa descida, muito ruim, toda esburacada, e muito longa. Não tinha nada no lugar, mato pra todo lado. Lá embaixo, havia um barracão de madeira, um sítio no meio da mata, no fim da descida, esse barracão em ruínas. Uma sensação de abandono, de algo perdido no tempo, e ele tentando explicar alguma coisa, mas as palavras não vinham por causa do tumor. Percebi que o tempo foi fechando, fiquei com medo de chover e a gente não conseguir mais sair dali. Ele estava muito agitado, tentando me explicar algo, mas nunca consegui compreender. Meu pai morreu e até hoje não sei o que ele queria com aquele lugar, nem sei como chegar lá, se quisesse voltar. Não é o mesmo lugar, mas era como se fosse.

- Você não teve um outro sonho com estradas e seu pai?

- Sim, um sonho, mas esse de antes não foi sonho, mas como se fosse. No sonho, ia com meu pai por uma estrada de terra, esburacada, na escuridão, até chegarmos em um clube com saunas. Perdi meu pai e comecei a procurá-lo nesse labirinto de saunas, os corredores eram escuros, com as paredes úmidas e frias, as salas de sauna com janelinhas redondas e pequenas nas portas de ferro, cobertas de vapor. Não encontrei meu pai, mas dei de encontro com uma mulher, que saiu de um dos cantos do labirinto. Ficamos conversando, ela falava espanhol, o rosto bem próximo, uma tensão no ar. Ela perguntava sobre um lugar, respondi que não sabia onde era, mas a ajudaria achar, combinamos de nos encontrar do lado de fora, fui num bar do clube onde pessoas bebiam, perguntei se alguém sabia onde ficava esse lugar, um sujeito disse que sabia, mas não sabia explicar, disse que poderia me levar até lá. Perguntou por que eu queria ir lá, e respondi que era por causa de uma mulher, e mostrei ela esperando do lado de fora. O sujeito se apavorou, movimentava suas mãos, assustado, me chamava com gestos, entramos em uma sala, ele fechou a porta, espiava assustado por uma fresta da janela, "cara, o que você tá fazendo? Cuidado, essa mulher é muito perigosa". Acordei.

- E você sempre teve esses sonhos?

- Desde criança. Uma vez tive esse sonho, não era bem um sonho, eu corria com uma moto por uma estrada de terra, um dia lindo de sol, uma garota na minha garupa, se agarrava ao meu corpo, "a gente conseguiu escapar da chuva", ela disse, olhei pra trás, uma nuvem negra com relâmpagos ia se fechando sobre a estrada, e eu fugindo com a moto, o cabelo comprido, o sol batendo no meu rosto, "vou continuar seguindo o Sol", eu disse. Acordei na caçamba de uma caminhonete que ia correndo, uma estrada de serra, cheia de curvas, um cara do meu lado, "o que aconteceu?", perguntei, "você entrou com a moto embaixo do caminhão", "eu não lembro de nada", "já vai lembrar, já vai lembrar". O acidente não foi sonho, "não sei como você não morreu", disse o médico, "bateu a cabeça no caminhão e depois no asfalto, sem capacete".



- Você não teve um outro sonho, alguém que encontra um homem parado na estrada?
- Sim, é a mesma estrada, é sempre a mesma estrada, tem uns dois lugares reais que imagino serem representações dessa estrada, mas não a própria estrada, que levam a lugares diferentes, mas que devem ser o mesmo lugar.

UM RETRATO FIDEDIGNO DA VIDA DE INOCENTE JOÃO LOUREIRO

- Pega a caneta logo e começa a escrever, vou falar o que é pra você fazer - disse ele, impaciente.
- Peraí, to pegando, o senhor tem que ver, essa situação não é normal - disse eu, tentando me justificar.
- Se eu tivesse mão, se eu tivesse dedo, eu mesmo escrevia, porque caneta é fácil de arranjar, mas nessa situação, por isso mandei chamar você.
- Eu sei, eu sei, mas é isso mesmo que eu tô falando, uma situação dessas, não é normal.
- Escreve aí o que eu vou falar, pra você não esquecer. Vosso pai já deve ter falado pra você daquele barracão, lá nos fins do Amola Faca?
- Já, ele me levou lá também.
- Ele levou você lá? Bom, o que ele não contou pra você é que naquele dia, que o João pediu pra ele trazer uma peça pro trator que tava quebrado, eu tinha passado lá antes dele. Ninguém sabe disso, porque essa é uma história que eu prometi levar comigo pro túmulo, e eu sou um homem de palavra, tanto que só tô contando isso pra você agora.
- Mas o que o senhor foi fazer lá?
- No dia, eu tava com um cliente, cliente bom, que precisava de 30 mil quilos de cebola pro dia seguinte, logo de manhãzinha, e tava desesperado atrás. Ele precisava pra repassar no varejo, tinha uma clientela forte em restaurante de São Paulo, e ninguém almoça sem cebola, e eu sabia que o seu João Loureiro tinha um pedaço lá plantado que tava no ponto, e dava mais ou menos isso, então fui lá falar com ele.
- E como ele tava? Porque mais tarde ele se matou, né?
- Continue escrevendo e não interrompe, fio. Então, cheguei lá e comecei a falar do negócio com ele. O João era bom de conversa, bom de negócio, mas naquele dia ele tava muito quieto, muito estranho, e nem se interessou pelo negócio que fui falar com ele, e olha que era negócio bom, comerciante experiente que nem o João sabia que era negócio bom. Mas ele não se interessou, nem conversou muito comigo, vi logo que ele não queria conversa, nem negócio. Conhecia o João desde as calças curtas, e nunca tinha visto ele daquele jeito. Bom, negociação



daquele, eu conseguia a cebola de outro, então fui embora, ainda tinha que arrancar, maquinar, carregar pro caminhão sair de madrugada pra São Paulo. Agradei o João, me despedi e quando ia saindo ele falou "Olha, sabe de uma coisa? Eu já tô cansado com esse negócio de fazer e desfazer negócio, isso não acaba nunca", e deu um suspiro. Nunca tinha visto o João desanimado daquele jeito. Bom, entrei no carro e fui embora.

- Será que foi por isso que ele se matou? Por que tava cansado?
- Continua escrevendo, você faz pergunta demais. Eu não sei se foi por isso, falar a verdade, nem sei se ele se matou mesmo.
- O senhor acha que mataram ele?
- Não sei, foi tudo muito estranho, o velório foi com caixão fechado, não tinha motivo. Eu não vi o João morto, por isso não posso dizer.
- Mas o senhor não viu ele enforcado?
- Vi um corpo pendurado na viga, o pé balançando, mas tava muito escuro, não dava pra saber, podia ser qualquer um.
- Quem por exemplo?
- Não sei, qualquer um. Morre gente toda hora nesse mundo, morte morrida, morte matada, morte de suicídio, o que não falta é motivo pra querer morrer, muita gente pensa desse jeito. E a polícia depois disse que o João tinha morrido pelas 2 da tarde, bem antes de eu passar por lá, já de noite. Então, acho que nunca vamos saber. Mesmo assim, você faz pergunta demais, continua escrevendo pra não perder o fio da meada. Voltando ao assunto, sai de lá com pressa, ainda tinha que achar outro vendedor, colher, cortar, maquinar, carregar o caminhão, ia ficar a noite inteira trabalhando, mas valia a pena, o dinheiro era bom.
- Certo.
- Então, você disse que já foi lá, com o vosso pai, sabe um pedaço de mata fechada, bem estreito e escuro?
- Sei, um matão, bem alto.
- Então, naquela época aquilo dali era uma floresta, bem fechada, um lugar escuro em qualquer hora do dia, de tão fechado. Uma floresta bonita, o João nunca deixou cortarem, foi só depois que aquela terra passou pra aqueles irmãos Matias, uns vagabundo que não sabe trabalhar, que eles cortaram tudo e plantaram cenoura no lugar. Deu uma praga, perderam tudo, quebraram pouco depois, viraram beber, hoje vivem de bar em bar, a família inteira de bêbados, o mais velho tá nas últimas, com o fígado podre. O mais novo, semana passada mesmo, um deles morreu, tava dormindo bêbado debaixo de um ônibus, o pneu passou por cima da cabeça. O do meio já tinha morrido de cirrose, acharam ele estribuchando no próprio vômito. Uma judiação, e fica a mãe pra enterrar essa desgraça.



- Tá, mas o que tem essa floresta?

- Você tá com pressa? Porque daqui onde eu tô agora, o tempo não me preocupa mais, não tenho mais essa agonia. Continue escrevendo o que eu tô falando e não atrapalhe. Então, como eu tava falando, tava passando naquele pedaço do matão fechado, bem devagar, a estrada é muito ruim ali, estreita, cheia de pedra e buraco, já era de noite, eu tava com o farol aceso, mas ali, naquele lugar, até de dia tinha que acender o farol. É sempre escuro. Bom, quando eu tava bem na metade da floresta, parece que vi alguma coisa se mexendo no mato, na beira da estrada, coloquei no farol alto e fui olhando, tinha um negócio se mexendo mesmo, mas o mato tava na frente, então não dava pra ver direito. Daí, não é que, quando cheguei mais perto, vi que tinha um homem sentado ali, na beira da estrada, bem tranquilo? Levei um susto com aquilo, no meio daquele mato, deserto, naquela hora da noite, só podia ser tocaia, mas o cara continuou sentado, tranquilo, nem virou pra olhar quando o farol pegou no rosto dele. Eu tava com pressa, porque ainda tinha que arranjar a cebola pro cliente, mas, como dizem que a curiosidade matou o gato, parei o carro mesmo assim, e fui ter com o sujeito. Peguei o revólver debaixo do banco e coloquei na cintura, apaguei o farol e desliguei o carro. "Boa noite, o senhor anda perdido por essas bandas?" disse eu, descontraído, tentando puxar conversa "Perdição? Perdição não é comigo", respondeu o sujeito, meio irônico. Vi que ele tava calmamente enrolando fumo na palha de milho, continuei parado, sem saber o que dizer, situação esquisita aquela, o sujeito começou a falar "na verdade eu tava aqui esperando o senhor. Preciso falar com o senhor". Fiquei encafufado, aquilo não fazia sentido nenhum, nunca tinha visto aquele sujeito na minha vida, como ele ia saber que eu ia passar por ali, naquele lugar deserto, naquela hora? Aliás, o que ele tava fazendo ali? Por todas aquelas bandas, era só plantação do João, tudo propriedade particular, e naquele dia nem teve serviço, o trator tava quebrado. A única construção naquela área toda era o barracão do João, e ninguém morava lá. Já fiquei preparado pra, qualquer coisa, puxar o revólver, ele continuou "O senhor é o fulano de tal", ele disse o meu nome completo, "o senhor nasceu numa noite fria, muito fria. A noite mais fria do ano. Do lado de fora, seus parentes se aqueciam numa fogueira com o que sobrou da fogueira de São João, enquanto o senhor nascia. Era lua cheia. O senhor nasceu em cima de uma mesa de madeira, que tinha um corte do lado, um corte de facão, coisa de uma briga do seu avô, briga que teve sangue, muito sangue, manchou toda a mesa. O senhor nasceu ali, bem na mancha de sangue". Ali eu tremi, como ele sabia de tudo essas coisas? Ele aparentava ser bem mais moço do que eu. Até pensei em puxar o revólver e dar um tiro nesse coisa ruim, mas ele olhou pra mim, um olhar penetrante, e eu não conseguia me mexer, tinha que ouvir tudo que ele tinha que falar. "O senhor cresceu", disse ele, pitando na palha de milho,



“Fiquei sabendo que o senhor é bom de negócio, por isso tô aqui. Vim aqui porque tenho um negócio pra oferecer pro senhor, um negócio muito bom”. A conversa tava mudando de rumo, agora ele falava de negócio, e negócio bom! Justo agora, que eu tinha acabado de perder um negócio com o João. Como dizem, quando uma porta fecha, outra abre. Fiquei mais tranquilo, tirei a mão do revólver, arregacei a manga da camisa, cruzei os braços “Se eu sou bom de negócio? Bom, isso depende do negócio, se for negócio bom, todo mundo é bom de negócio. Que negócio é esse que o senhor tem pra oferecer?”, disse eu, entrando no jogo dele. “Percebo que o senhor é mesmo bom de negócio, não perdi meu tempo. Tanta gente ruim de negócio esses dias, o senhor mesmo, não acabou de perder um negócio com o João Loureiro?”. Fiquei intrigado como aquele sujeito sabia tanta coisa, mas percebi que a gente pensava igual, muita gente ruim de negócio mesmo, e isso era bom sinal, quando os negociante se entende, é sinal de negócio bom. Comecei a ficar animado, mas não podia mostrar isso pra ele, será que ele tinha uma cebola boa, em conta, pra me vender? “Eu tô com um pouco de pressa, esse negócio que o senhor fala, do que se trata?”. Ele continuava pitando calmamente na palha de milho, explorando minha curiosidade, dava pra ver que era comerciante experiente, e eu ansioso, mas não podia vacilar, podia por tudo a perder, “esse negócio que o senhor tem pra me oferecer, o que é?”, insisti, cada vez mais impaciente. “Tudo”, ele respondeu, “como assim tudo?” questionei, intrigado, “é isso que eu tenho pra oferecer pro senhor: tudo”. Eu tava cada vez mais perplexo, porque tudo parece ser coisa demais, difícil de definir, e eu precisava saber o que exatamente ele tava vendendo, pra não comprar gato por lebre, pedi que ele especificasse melhor o que tava oferecendo “o senhor podia definir melhor o que o senhor entende por tudo?”, indaguei, “não, eu deixo isso a cargo do senhor, o senhor pode interpretar tudo como bem entender, e o que o senhor decidir, eu estou de acordo”. Agora o negócio tava ficando interessante, afinal de contas, que homem não quer ter tudo na vida? Mas quando o negócio é bom demais, o santo desconfia, e comecei a imaginar o custo, sim, porque tudo deve ser caro, eu tinha que saber o preço “e quanto o senhor tá cobrando por tudo?”, ele deu mais umas pitadas na palha de milho, e respondeu tranquilamente “Nada”. De novo, a coisa carecia de precisão. Se tudo é coisa demais, nada é coisa de menos, eu precisava saber do que se tratava, “Nada? Nada mesmo? E esse nada, sou eu quem decide o que é também? Igual o tudo?”, “exatamente”, respondeu ele, impassível. Agora a coisa tava boa mesmo, tudo a troco de nada? Nem na China eu achava um negócio desses. Mas como eu já tava embalado, resolvi forçar mais um pouco, arregacei de novo a manga da camisa, cruzei os braços e continuei “É, parece ser um negócio interessante mesmo, e, por nossa conversa, dá pra perceber que o senhor é um sujeito firme no negócio, de palavra. Mas o



senhor sabe, às vezes a gente faz um negócio, pensado que é uma coisa, e depois é outra, imagina que a coisa é boa, e no final se arrepende, não dá pra saber, nem tudo que reluz é ouro”, disse eu, forçando a barra. Ele deu um risinho baixo, nem precisou pensar pra responder, “O senhor é duro na negociação, sua fama é merecida. Bom, nesse caso, faz uma experiência, o senhor pega o tudo e me deixa com o nada. Se no final, o senhor achar que o saldo foi negativo, o senhor me procura que a gente acerta a diferença”. Agora o negócio tinha ficado perfeito, tudo a troco de nada, com satisfação garantida ou eu podia pegar o nada de volta. Descruzei os braços e lhe estendi minha mão aberta “negócio fechado”, ele apertou minha mão por um longo tempo, e ali, no meio daquele fim de mundo, vi a dentição brilhando na escuridão, uns caninos grandes, afiados, parecia um lobo, um sorriso malicioso, não era só a cara de quem tinha acabado de passar a perna em alguém num negócio, tinha mais, tinha uma feição de loucura naquele sorriso arreganhado, parecia que ele ia tirar uma faca e me matar ali mesmo, rindo feito louco.

- O senhor morreu na cama, com idade avançada, tinha quase 90 anos.
- É, ele mata devagar, bem devagar...Bom, a história é essa, já sabe o que você tem que fazer?Eu quero que você pegue essa promissória, ache esse filho duma puta e cobre o que ele me deve”

<https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=190389>





Uma Noite em Macau

David Leite
Jandira/SP

Após a separação, cheia de querelas, discussões, acusações e litígios, tudo o que era seu cabia em uma mala. Apenas uma mala. Pouco de valor restava ali dentro, apenas o frugal. Apenas o necessário para um acampamento ou para uma viagem sem volta. Não tinha dinheiro suficiente no banco para recomeçar uma vida. Nenhuma posse lhe restou. Nada. A enxurrada levou. A enxurrada com gravata e terno Dior. Nada, além da roupa do corpo e itens frugais ficou em seu poder. Tudo o que construiu em vida era para aquele casamento, e tudo ficou para aquele casamento, que dia a dia se distanciava de si. A porta fechada pela última vez ficava menor com à distância de seu prosseguir, e o horizonte parecia demais aberto como uma boca de baleia que iria engolir seu futuro.

Desnorteadado a respeito do que fazer depois, decide arrastar sua vida naquela mala para algum lugar onde pudesse tentar a sorte, que não lhe sorriu muito nos últimos anos. Talvez fosse esse o destino dele, um pobre diabo que apostaria com a vida.

Entre as cegas diante de um atlas, aponta o dedo para um lugar qualquer. Para onde ir em desrumo. Tão frustrado com tudo estava que sequer temeu uma última traição de seu próprio artelho, o dirigindo para piores acasos. Seu fiel apontador caiu sobre Macau. A Sino-Vegas, a cidade onde se deleita com o exótico oriental emoldurando o seio ocidental. Ali era um ótimo lugar para, não recomeçar sua vida, mas por cabo dela. Com uma dose de luxúria exótica. Jamais em tempos de marido responsável imaginava visitar a cidade. Mas, nesse momento, despojado de tudo, não via outro brilho no horizonte mais satisfatório. Arruma as malas e compra uma passagem. Estaria ali em poucos dias. Dentro de tuas economias, só conseguiu o pior lugar de um cruzeiro.

Na pequena cabine para dois, uma ripa de madeira engastada na parede de ferro como uma prateleira servia de cama. Teve, ao menos, a sorte de não ter companheiro naquela viagem. Esperava estar só.

O balançar do navio tinha especial efeito na cabine abaixo de tudo no casco, que era o que pôde conseguir com as parcas economias. Seu estômago vibrava tanto quanto o mar, mas, sem nada o que digerir também não se incomodou em expelir algo. Quatro dias de viagem e um quinto parado no porto de Cotai até finalmente liberarem os passageiros.



Temeu que não fosse encarado com bons olhos pela polícia alfandegária. Embora isento de qualquer maneira, a pouca mala e os poucos bens que poderia declarar e a falta de uma passagem de volta deixava a entender que não tem nada a fazer por ali. Um turista quase sem onde cair morto seria apenas mais um pedinte ou coisa pior.

Ainda assim, não o detiveram. Talvez um novo trabalhador braçal fosse necessário aos hotéis e cassinos na região.

Desce do navio e prontamente se dirige a Torre de Macau. Bela, com as luzes iluminando-a por baixo, dando-a um idílico tom. Nada mais receptivo e confortável para um sonhador como ele.

Retira a carteira do bolso de novo. Estavam lá, as poucas patacas que pode adquirir. O suficiente para um abrigo modesto e procurar algo a fazer. Dirige-se resoluto, sem parar para perguntar a ninguém o caminho. Apenas segue para a torre. A primeira coisa a se fazer ali seria vislumbrar Taipa e Coloane. Ver de cima os labirintos abrilhantados da cidade. E, confiando novamente no dedo que lhe deu a cidade no Atlas, apontar um caminho ali.

A torre desde sua base apresenta o que esperava vir. Shoppings, teatros, restaurantes. Lugares suntuosos e convidativos. Reclama novamente de suas perdas dos anos anteriores. Se ali estivesse antes, seria como um turista bem-vindo, e não como um deplorável perdedor como se sentia. Não tinha dinheiro para nada, apenas para avançar ao cume da torre e ver o panorama esplêndido da região.

Atravessa a Ponte da Amizade entre Taipa e Macau a pé, fascinado com o reservatório que mais parecia um plácido espelho d'água, apenas se movendo com pequenas marolas que as lanchas entrecortavam naquela superfície serena, que transformava a visão em um duplo cenário, refletindo com precisão os edifícios iluminados e a própria ponte que atravessava. Via seu gêmeo ali embaixo, seu único companheiro de caminho. Talvez a emoção o tenha tomado em um instante e teve a ilusão de uma assertiva por parte dele, expressão que ele próprio não tinha feito. Talvez fosse o destino de novo confirmando sua jornada.

Ao final da ponte, se apequena diante da torre. Um gigantesco monumento iluminado por luzes douradas, abrilhantadas ainda mais pelo dourado do crepúsculo. A cena o comove como nunca havia se comovido. Egoísta como era, como sua ex-mulher havia lançado inúmeras vezes em sua cara antes de cindir a união, ali ficou mais tocado do que o dia em que pegou em sua mão, com as juras que deu e não honrou.

Longos minutos de contemplação. O som alto e o brilho dos cassinos ao redor não eram suficientes para retirá-lo de seu transe, quase religioso. Mas, um vulto avermelhado passa em sua frente, com uma fragrância de pimenta rosa,



parecido com o perfume chinês que comprou uma vez para sua mulher, e um xale longo e avermelhado bailando como um apêndice dançarino.

Sai imediatamente da catarse e procura o que lhe havia feito voltar ao mundo. Uma mulher, de tez delicada e nívea, com os cabelos negros em coque presos por palitos adornados e um *qipao* rubro como sangue. Um xale transparente, também vermelho, parecia jogado displicentemente sobre seus ombros. Ela torna um pouco o pescoço, como se tivesse notado o olhar do estranho. Um sorriso convidativo de canto da boca pintada e outro sorriso nos olhos delineados o fizeram acreditar que deveria ir com ela. Talvez isso fosse o tesouro da noite, que sua figura anuiu quando trilhando as águas da represa.

A mulher continuava, seguindo para o casino. O deslumbrante xale parecia dotado de vida, pois bailava no ar. Um movimento de torcer para dentro em sua ponta se repetia, como uma mão chamando o incauto turista. Ele segue.

Em poucos passos já está no portal de neon. Um *concierge* solícito pega sua mala e casaco e aponta com a mão branca enluvada para dentro, para mesas disponíveis. Ele olha ao redor, procurando uma em particular e encontra com facilidade. Numa mesa estava ela, a mulher de xale, separando algumas fichas e pegando algumas cartas de um *crupiê*. Sozinha.

Ele troca quase todas suas patacas por fichas de aposta. Dirige-se a mesa em que ela está. Blackjack. Um jogo simples, pensou. Um novo sorriso encabulado da mulher o incentiva ainda mais a se sentar. Coloca tuas fichas sobre a mesa e pede para descer algumas cartas.

Um par de figuras. Vê sua companheira um pouco preocupada pedir mais algumas cartas. Estava confiante.

Coloca mais algumas fichas na aposta e a vê desistir.

Essa rodada era dele. E foi.

Começa a confiar mais no jogo. Um novo par de figuras como o anterior se apresenta para ele. Ele sobe a aposta. Leva novamente.

As rodadas seguem. E sua sorte também. Em alguns momentos, sua parceira estava quase sem fichas. Ele não pretendia deixá-la sair da mesa antes de se conhecerem. Perde uma rodada para ela propositalmente.

Ao fim da noite, conseguiu 10 vezes o que havia em sua carteira. Um jogo simples. Incentivado pela bela mulher, que parecia estar o apoiando a cada nova aposta. Cada vez que ganhava, principalmente da casa. Encheu-se de esperança. Ela certamente esperava algo dele aquela noite.

Sem antes trocar uma, ela retira um estojo de pó do bolso, faz sinal para ele de que iria retocar a maquiagem, mas com a mesma sutileza com que pediu para segui-lo antes. Ela sai, e dois minutos depois, o homem que havia marcado seu caminho por canto de olho, decide baixar o jogo e pegar as fichas. Era isso o prêmio da noite. Era isso que estava seguindo.



Segue o caminho, se afasta do salão e entra em um lugar mal iluminado que dava para os fundos do cassino. Pensou algumas vezes se ela realmente havia ido por ali. Até que vê seu xale caído no chão. Pega-o, o mesmo perfume de pimenta rosa que sentira antes. Vai até a comporta de saída de emergência no fim do corredor e continua sua busca pelo charme chinês.

Um beco, mal iluminado, mal cheiroso... Mal... Apenas uma pequena luz alaranjada iluminava o local. A luz também o fez distinguir um par de sombras. Ele se aproxima e vê. A mulher, abraçada a um chinês musculoso, sem camisa. Abraçada com lascívia, enquanto o chinês olha com olhar atravessado para ele. Levanta a mão livre, enquanto a outra embalava a cintura da mulher. Uma arma prateada, gigantesca, luzia na sua mão. Sem uma palavra, apenas apontou para o saco de fichas.

O homem entrega-o. Não foi o bastante para eliminar o desejo de violência do chinês. A coronha da arma desce como um martelo em sua cabeça. Tudo escurece.

Acordo com uma língua úmida. Um cão de rua. Sentia uma lancinante dor em um lado das têmporas, bem como um líquido viscoso escorrendo. Ao passar a mão, vê a cheia de um fluido grosso e vermelho, como o *qipao* da moça que seguiu. A carteira e a bolsa de fichas não estavam mais com ele. Rasgando um pedaço da camisa, tenta estancar o sangue, enquanto se dirige de volta ao cassino. O *Concierge*, embasbacado com a condição dele, ainda assim o informa que sua "companheira" havia retirado sua mala. Pergunta se queria que chamasse uma ambulância ou algo assim. Ele hesita por um momento, olha novamente para a Torre iluminada, e nega o auxílio. Iria novamente fazer o que pretendia. Subir na Torre, novamente buscando seu destino, mas agora sem o ânimo de qual seria ele como antes.





Umidade Relativa

Adriano de Andrade
Niterói/RJ

Esquerda, direita. Três segundos. Esquerda, direita. Ajustou o limpador de para-brisa no modo mais lento. A chuva começava a formar pequenos pingos sobre o carro e ele não gostava de usar as palhetas assim com pouca água, podia arranhar o vidro quando a superfície está recoberta de poeira e secura. Sem falar no barulho irritante que lembrava o risco de um giz arranhando quadro negro. Aquele par de hastes emborrachadas descreviam dois arcos que comprimiam a visão embaçada do carro à frente, tornavam suas luzes vermelhas difusas e ditavam o ritmo quase arrastado que o fazia dizer em voz baixa a todo momento: “Eu preciso chorar”.

Eram essas as três palavras que ele ensaiava e prometia para si mesmo nas duas últimas semanas em que esteve viajando. Semanas terríveis. Exatos quinze dias contados de hora em hora sem qualquer notícia dela. Nas redes sociais, ele fora apagado dos contatos, perdera os poucos amigos em comum e não vira mais qualquer sinal de fotos ao seu lado. A exclusão digital é o fim melancólico do que termina de fato na vida real.

Era apenas questão de tempo ir procurá-la pessoalmente tão logo estivesse de volta. Tentava à exaustão encontrar alguém que não atendia telefonemas, não respondia mensagens e não retornava os recados deixados em longa e tediosa fila na caixa postal.

Saltou do carro e seguiu em passos apressados para não se molhar até encontrar o abrigo da marquise. Subiu os únicos dois lances de escada do sobrado e alcançou o andar de cima. Aprumou o corpo diante da porta e ajeitou o cabelo pelo estreito reflexo do numeral 02 afixado à entrada do apartamento. Ao primeiro toque da campainha, um ruído de talheres e pratos não deixava dúvidas de que ela estava em casa. Aguardou em silêncio a resposta que não veio. O segundo e o terceiro toques foram de desassossego e impaciência.

O soar do chaveiro, os trincos desfeitos e a maçaneta baixada fizeram ranger a porta, que se abriu e trouxe a imagem dura do seu olhar. Sentiu um afastamento continental a poucos centímetros dela.

- Você não deveria ter vindo aqui - ela disse.
- Você deveria ter me respondido - rebateu ele.



A pausa prolongada era a prova derradeira de que não havia espaço para mais.

- Você deveria ter me respondido - arriscou novamente. Ahn? Como assim eu não deveria ter vindo sem aviso, tão de repente? O amor não acaba de repente, a gente se ama, talvez eu muito mais que você, pode ser, mas a gente se ama, como da última vez, lembra? Não, para de dizer que foi recaída, para de dizer que foi um erro! Erro é a gente ficar separado, será que eu não mereço uma chance, eu disse pra você que ia mudar, você concordou, demora meu amor, mas eu vou mudar mesmo, pode trocar a senha do celular quantas vezes quiser, eu não vou mais olhar, ficar vasculhando, desconfiado, te acusando por qualquer bobagem, fique tranquila, é questão de tempo mas eu vou mudar, você vai ver, só preciso de mais uma chance - com as mãos juntas e espalmadas, parecia ele suplicar -, eu me arrependo sim, eu fiz você cair no choro, não, eu ainda não chorei esses últimos dias, mas fiquei triste e arrependido, mas eu sei que você vai voltar pra mim, tudo bem, eu sempre fui grosso, distante e até arrogante contigo algumas vezes, tá bom, muitas vezes, mas você me ama, eu sei, eu disse que vou mudar, e vou, o que mais você quer que eu faça, ajoelhe aqui, perguntar se me perdoa, eu ajoelho, eu pergunto, não acho que seja humilhação fazer isso, eu só reconheço que eu preciso mudar mesmo, mas é que você tem que voltar, você me apagou das redes sociais, não consigo mais ver o seu perfil, o que aconteceu contigo, vai, fala alguma coisa, minha boca tá seca agora, me dá um beijo pelo menos, deixa eu entrar, me abraça, que inferno!, você me ama ainda, não é?

O longo corredor na penumbra recortado apenas pela luz que incidia porta afora em ângulo agudo, projetava sua sombra distorcida e solitária.

- Não vai me dizer que essa história começou por causa daquele tapinha, não, para, não foi mais do que tapa, você sabe, você exagerou dizendo que eu te bati forte, claro que eu não ia te machucar, foi coisa de momento, sem pensar, olha, depois você usou óculos escuros de frescura mesmo, não ficou vermelho nem ficou inchado, mas você me provocou, aquela noite, lembra, disse que o recado no celular não era nada, eu falei que era e você não sabia explicar direito, deu no que deu, mas passou, passou mesmo, já te pedi desculpa, não precisa ter medo de mim, eu nem sei mais o que falar, você parada aí, não responde, não se mexe, e eu colocando pra fora meus sentimentos, me abrindo todo, esquece essa história de tapa, foi um só, tá bom, dois, mas esquece isso, o importante é que eu te amo, a gente se ama, eu vou te esperar, eu sei que você vai voltar logo, não sei mais o que fazer sem você, volta logo.

Ela carregava uma expressão grave com traços de repulsa e horror e ele desafiava a distância necessária que ela impunha, aproximando seus pés da soleira, mas incapaz de alcançá-la. Havia ali um campo de força intransponível. A



aridez da conversa e a apatia fizeram eclodir em riste aquelas três palavras simples que não saíam de sua cabeça.

- Eu preciso chorar.

Assim, desse jeito mesmo, largado, desconexo, meio sem sentido, que não se apoiava nem antes nem depois de tudo que havia falado, ele ainda retomava o fôlego quando foi interrompido por um grito masculino vindo do quarto que chamava por ela. "Já vou", respondeu com a voz meiga que um dia fora toda dele e agora estava entregue a outro. Virou-se de volta com a mesma frieza e determinação antes de se despedir.

- Não tenho mais nada pra falar contigo.

A pancada surda e vigorosa contra o batente de madeira produziu um sopro em seu rosto que veio da porta arremessada com raiva e o atingiu como um soco. A tranca ágil, a maçaneta em repouso na fechadura e o som abafado dos passos distantes ergueram a barreira definitiva entre eles.

O trajeto entre o prédio e o assento do carro desenhava atrás dele um vórtice de sentimentos e lembranças. A chave que girava no tambor disparava a ignição para inflamar a mistura do combustível nos cilindros do motor no momento que precedia a partida. Era isso que não havia mais entre eles, a faísca, a centelha, a fagulha que produzia a mudança do estado dos corpos em combustão. A ausência daquela força propulsora das partes que se lubrificavam para compor uma só engrenagem. Fluidos que percorreram caminhos inexplorados do corpo inerte e agora se desfazem e secam.

A chuva havia engrossado e castigava o vidro com gotas furiosas. Mal dava para ouvi-lo soluçar ao volante e ver que a água de fora era também a água generosa, espessa e reprimida que saía de seus olhos e ensopava seu rosto.

<https://www.facebook.com/O-inverno-que-n%C3%A3o-acabou-Adriano-de-Andrade-633651450219498/>





Vírus

Carol Assmann

Canoas/RS

Noite chuvosa, caminho rápido pelas ruas, não quero pegar uma gripe e ficar isolada do mundo mais do que já estou.

Logo mais a frente avisto um homem todo de preto, com boné tampando o rosto, encostado num poste.

Desconfiei na hora de que algo bom não era, atravessei a rua e comecei a dar passos mais largos, olho para os lados e não vejo mais ninguém, meu coração acelera conforme acelero meus passos. Olho para trás, homem agora está virado na minha direção me observando, viro rápido, meu estômago está embrulhado, tenho vontade de sair correndo, tento caminhar mais rápido, mas acabo tropeçando nos meus próprios pés, agarro minha bolsa mais forte, até parece que faria alguma diferença, aquele homem grande me derrubaria fácil.

Chuva cai mais forte, sem perceber acabo virando na primeira rua, quero sair rápido da visão daquele homem, olho para trás e nada, continuo caminhando rápido, trovão forte, me assusto, paro, olho para frente rua sem saída. Eu com tanto medo acabei entrando na rua errada, vento forte sopra, meu guarda chuva voa longe.

Viro e dou de cara com o Homem parado atrás de mim, Homem agarra meu braço forte e com um puxão arranca a minha bolsa e sai correndo.



Conforme Homem se afasta meu corpo começa a tremer, minhas mãos se fecham, como uma praga toma conta de todo o meu corpo.

Trovão forte.

Meu corpo todo treme cada vez mais, já estou ficando fora de controle, é como se algo estivesse se possuindo do meu corpo, saio correndo em direção ao Homem; conforme corro o salto do sapato ressoa alto, tanto que o Homem olha para trás, me avista indo em sua direção, corro cada vez mais rápido, agora já estou perto demais para que fuja, empurro o Homem que cai, minha bolsa voa longe, fico olhando para o Homem imóvel no chão com uma expressão de pavor, não posso dizer que também não teria, se avistasse alguém com esses olhos saltados vermelhos, me encarando. Fico o observando imóvel, me aproximo, me abaixo, sorrio, Homem levanta rápido e sai correndo.

Pego a minha bolsa, caminho na mesma direção em que o Homem foi, começo a assobiar, com um sorriso maligno no canto da boca, dobro na próxima rua. Homem está de costas parado com as mãos no joelho tentando respirar, me aproximo.

- Oi.

Homem assustado olha para trás e escorra-se na parede.

Me aproximo mais.

Homem encolhe-se contra a parede.

- Por favor, não.

Um sorriso mais maligno toma conta do meu rosto, na minha mente escuto gritos, pedidos de socorro, choro, um sentimento de raiva toma conta de mim, pego o Homem pelo pescoço, homem apavorado, quanto mais aperto mais seus olhos se abrem, a raiva que toma conta do meu corpo é mais forte que tudo, Homem apaga, o solto e seu corpo cai ao chão.

Desculpa a todos não me apresentei me chamo Sara, tenho 16 anos e possuo o vírus.



Vivos e Mortos

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

O poeta escreve o que lhe toca o coração.
O poeta escreve o que provoca a emoção.
O poeta escreve o que move para a ação.
O poeta escreve os motivos da repetição
que fixam a sua motivação.

O inconsciente ajuda a encontrar a perfeição.
O poeta não pensa apenas com a razão,
pois completa o trabalho com fascinação.
Está agradecido da máxima cooperação
de Vivos e Mortos que ajudam na definição
de palavras, de versos e da final composição.

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr>



www.solidao.com.br

Evandro Valentim de Melo

Brasília/DF

Querido diário: ontem estudei por doze horas; pausa apenas para um rápido lanche. Quando a mente se cansou, guardei livros e apostilas, entrei no quarto, escancarei as portas do *closet*, escolhi o pijaminha lilás e as pantufas *Monster High*. Peguei também a toalha nova, linda! Tudo comprado pela internet. Era o momento de inaugurá-los. Nada por baixo, queria liberdade. Tomei um banho bem quente e acionei as luzes *led* de meu chuveiro, que iluminam a água, colorindo-a. Foi divertido e revigorante!

Lembrei-me do risoto de camarão no *freezer* que pedi mais cedo. Amo o serviço *delivery*. Os aromas do risoto e do *Chardonnay* remeteram-me ao passado. Acho que bebi mais rápido do que o recomendado e fiquei alta. Contra a minha vontade, assaltou-me o cheiro daquele imprestável. De repente, minhas mãos eram as mãos dele, me acariciavam como ele... Tanto prazer!

Na ausência de disposição para voltar aos estudos, liguei o *tablet* e acessei o *Facebook*. Jurei não fazer isso enquanto não passar na prova da OAB, mas não resisti.

O primeiro *post* dizia: "Ei Você! Deus manda te dizer que esta semana Ele vai entrar na sua vida! Se você crê, compartilhe.". Como eu acredito, compartilhei. Curioso que ao fazer isso, ouvi o barulhinho da chegada de um SMS. "Oba!" pensei: minhas preces foram ouvidas e alguém lembrou que eu existo. Só que não. A mensagem dizia: "Seu extrato de conta está disponível na internet. Para visualizá-lo, acesse os serviços *on-line* pelo endereço



www.americanexpress.com.br/servicosonline". Isso lá é mensagem que se envie a alguém em pleno sábado à noite? Resolvi continuar fuçando o *Facebook*. Reencontrei amigos que não via há tempos. Respondi a alguns *posts*.

Um da Luana: "Minha mãe, meu exemplo, minha vida.". A mãe dela completou 65 anos. Comentei: "Parabéns pra *mama*, amiga. Saudades de você!".

O da Flávia: "O que é o amor? Amor é quando seus amigos ainda te amam, mesmo que você esteja sem um dentinho na frente - Paula (6 anos)". Nossa! A filhinha da Flávia completou seis anos! Postei: "Ela está uma graça, Flávia. Faz tempo que a gente não se vê, né?".

Este do Pedro: "Neve é mesmo branca e fria. Um abraço à galera aí no Brasil". Esse é um cosmopolita: vive a viajar. "Traz neve pra mim! Quanto tempo, hein?".

Entediada, desliguei o *tablet*. Resolvi garimpar um filme. Coincidentemente, era a estreia de *Wolverine, Imortal*. Fiquei radiante, pois teria um homem lindo com quem dividir o sofá durante a noite.

O vinho ainda flertava comigo. Ingeri de uma vez quase meia garrafa: "Chardonay, você me proporcionou muito prazer, levou-me às estrelas, mas acabou". No mesmo clima disse ao risoto: "foi bom enquanto durou, mas de nossa relação restaram apenas migalhas. Chega!".

Enquanto lavava a louça, compartilhei algumas angústias com o detergente e a esponja. Ambos foram unânimes em me dizer que o que eu precisava mesmo era ver o Hugh Jackman. Ouvi os conselhos, pois aquele jeitão dele de cafajeste, de macho alfa me excita. Terminei a louça minutos antes do início do filme. Corri ao banheiro para um xixi, rápido como quem rouba. Uma olhadela no espelho foi suficiente para ver que tinha olheiras. Retoquei a maquiagem para meu encontro com o Hugh. Eu naqueles braços, ai, ai...

Catei o edredom, o travesseiro e joguei-me no sofá. Logo na primeira cena, o Hugh me apareceu barbudo e de cabelos desalinhados. Na neve e sozinho. Que charme! Abracei-me ao travesseiro. Tão bom! Imaginei-o aqui sob o edredom comigo. Meu desejo aumentando, me deixando úmida... Foi inevitável!

Acordei faz dez minutos, ouvindo o Alceu Valença: "A solidão é fera, a solidão devora, é amiga das horas prima irmã do tempo, e faz nossos relógios caminharem lentos, causando um descompasso no meu coração...". Meu vizinho é muito sem noção! Insensível e desrespeitoso também. Cedo assim e o som nas alturas. Vou enviar um *e-mail* para a síndica e reclamar, não se pode nem dormir até mais tarde no domingo! É um absurdo!

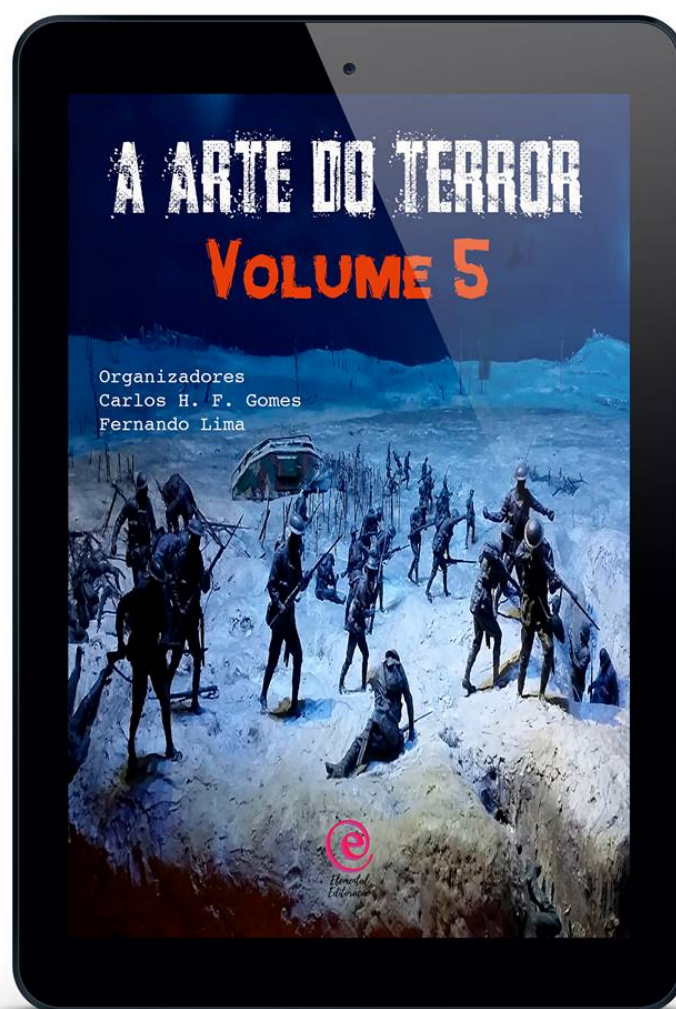


Lançamento da Antologia “A Arte do Terror – vl 5”

Já está disponível para download gratuito a Antologia “A Arte do Terror – vl 5 – A Arte da Guerra”, onde vários escritores contaram histórias sobre a Primeira Guerra Mundial.

Não deixem de baixar e ler este trabalho incrível!!

<https://seloee.weebly.com/coletaneas.html>





Chamada para seleção da coletânea: As Flores do Meu Jardim

A Elemental Editoração está com as inscrições abertas para a coletânea de contos "As Flores do Meu Jardim", com o tema "Flores".

A participação é gratuita e a publicação será por meio de ebook.

Acessem o edital abaixo e saibam mais detalhes:

<https://seloee.weebly.com/as-flores-do-meu-jardim>





Cicatrizes na alma – várias vozes contra o suicídio

Para combater o número crescente de casos de suicídio no mundo e ajudar nas ações do "Setembro Amarelo" promovidas pelo "CVV – Centro de Valorização da Vida", os autores Vanessa Nunes e Marlos Quintanilha, organizaram a Coletânea "Cicatrizes na Alma", onde os autores escreveram textos de alerta e combate ao suicídio.

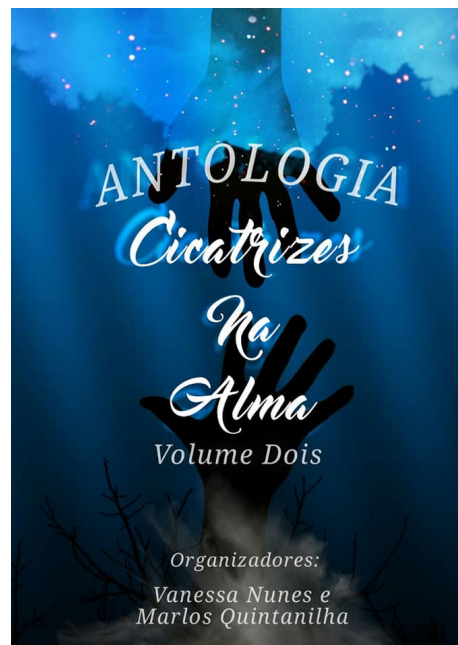
O sucesso foi tão grande que dois volumes da antologia foram lançados e o volume 1 atingiu o primeiro lugar nas vendas da amazon em menos de 24 horas. Nos link abaixo você pode adquirir os dois volumes, lembrando que a renda apurada será doada ao CVV:

Volume 1:

<https://www.amazon.com.br/Cicatrizes-na-Alma-Vanessa-Nunes-ebook/dp/B07HGLCT35>

Volume 2:

<https://www.amazon.com.br/dp/B07HLQLBST>





LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

<https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBIhg>

The screenshot displays the YouTube channel page for 'Conto um Conto'. At the top, the channel's profile picture (a yellow circle with a stylized 'C' and 'e') and name are shown, along with 4,376 subscribers and a red 'INSCREVER-SE' button. Below this is a navigation bar with tabs for 'INÍCIO', 'VÍDEOS', 'PLAYLISTS', 'CANAIS', 'DISCUSSÃO', and 'SOBRE'. The 'VÍDEOS' tab is selected. Under the 'Uploads' section, there are two rows of video thumbnails. Each thumbnail includes a video player preview, a duration timer, a title, and view statistics.

Thumbnail	Video Title	Duration	Views	Time Ago
	#133 Charles Bukowski - A Vida num Puteiro do Texas -...	27:51	87 visualizações	11 horas atrás
	#132 Nas Montanhas da Loucura H P Lovecraft Cont...	1:29:53	497 visualizações	1 dia atrás
	#131 Julio Cortázar Manuscrito Achado Num...	46:21	191 visualizações	6 dias atrás
	#130 A História de seu Régis - Conto um Conto	25:18	407 visualizações	1 semana atrás
	#129 Navio Branco - H. P. Lovecraft - Conto um Conto	22:55	744 visualizações	1 semana atrás
	Memórias Póstumas de Brás Cubas - Parte 3 - Audiolivro ...	23:27	100 visualizações	1 semana atrás
	#128 Suvenir - Gustavo Paiva - Conto um Conto	23:27	234 visualizações	1 semana atrás
	Grande Sertão: Veredas - Parte 17 - Audiolivro - Cont...	23:03	165 visualizações	1 semana atrás



"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

<https://concursos-literarios.blogspot.com.br/>

CONCURSOS



LITERÁRIOS



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

<https://www.facebook.com/casabrasil.li/>



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

<http://mulheresaudiovisual.com.br/>



Elemental Editoração”



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

<https://seloe.weebly.com/>



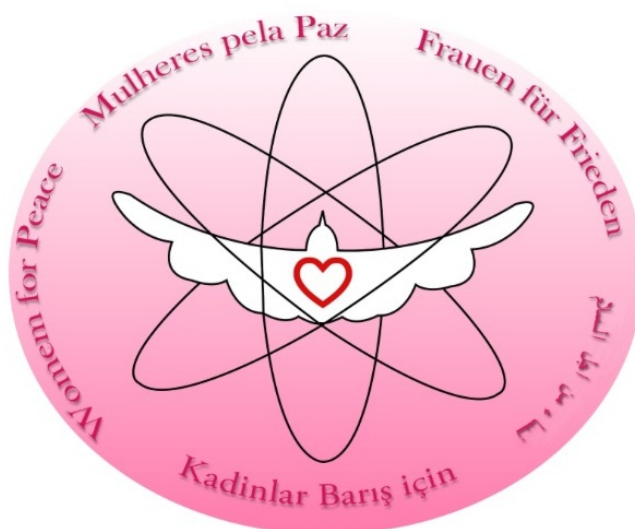
**Leia e baixe gratuitamente
e-books com coletâneas de vários autores.**

<https://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm>



Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.



<https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-456642538000869/>

**ENVIEM SEUS TRABALHOS PARA A PRÓXIMA EDIÇÃO ATÉ
05/10!!**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA!!

NÃO SE ESQUEÇAM DE ASSINAR A REVISTA NO SITE!



Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,

ou times new roman)

tinha uma pedra,

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,

tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

(texto – utilize fonte arial

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)



**Vamos mudar o mundo
através
das palavras**

<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive>

<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/>